este cabeçalho pode valer-lhe [illegible] de mil escudos

Diário de Lisboa

edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1971 N.º 17 312 ANO 50.º PREÇO 1$50

TAPETES CARPETES
Carpelio
UM PRODUTO DA CARPELIO MALHAS, S.A.R.L. TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

UM PICASSO NO LICEU

Numa tentativa de trazer a arte para o universo quotidiano dos adolescentes foram implantadas, em terrenos de vários liceus franceses esculturas de mestres contemporâneos como Picasso, Vasarely e Calder. Este é o Picasso do Lycée Sud, de Marselha.

OUTROS CASOS DE REVERSÃO DE TERRENOS PARA A CÂMARA ESTARIAM PREVISTOS PARA BREVE

—PENSA-SE NOS MEIOS LIGADOS À INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Outros casos da reversão para a Câmara Municipal de Lisboa de terrenos alienados em hasta pública serão determinados na sequência do «despacho moralizador» publicado no «Diário Municipal» de 9 de Fevereiro — pensa-se em círculos ligados à contrução civil.

Como se sabe, aquele despacho determinou a reversão para a Câmara de um terreno onde o arrematante, um dos mais importantes construtores de Lisboa, não construiu um «arranha-céus» de 22 andares, conforme constava das condições de arrematação.

O gabinete do presidente da Câmara não confirmou nem desmentiu a existência de tais casos, limitando-se a afirmar que, sempre que eles surjam, a lei será aplicada.

Este tipo especial de expropriações (o arrematante perde o direito ás prestações que tiver pago) encontra-se previsto nas condições gerais de alienação de terrenos expressas no Regulamento do Património (art. 41.º), aprovado por despacho do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, em 9 de Maio de 1961.

Nas condições da alienação são fixados prazos para início e conclusão das obras de construção dos imóveis a edificar e também das suas prorrogações. Pretende-se, desta forma, impedir os adjudicatários de

(Continua na 13.ª página)

FORAM RAPTADOS NA TURQUIA QUATRO SOLDADOS AMERICANOS

ANKARA, 4 (R.) — Foram raptados ás primeiras horas de hoje quatro soldados americanos por uma organização que se intitula «Exército de Libertação do Povo Turco».

Esta organização declarou-se responsável pelo rapto e exigiu um resgate de 400 000 dólares, afirmando que os quatro militares seriam mortos se a quantia não fosse entregue dentro de 36 horas.

Os quatro homens raptados são os soldados Jimmie Sexton, James Gholsun, Larry Heavner e Richard Crasz.

No mês passado, foi raptado um sargento negro americano em Ankara, mas foi pouco depois posto em liberdade.

Nasser foi assassinado —admite-se em Israel

REHOVOT (Israel), 4 — (A. N. I.) — Albert Sabin, presidente do Instituto Científico Weizmann, de Israel, declarou que o presidente Nasser do Egipto teria sido assassinado por uma alta personalidade das forças armadas egípcias.

«A morte de Nasser pode ter sido causada por alguém do grupo de dissidentes das forças armadas egípcias que estavam impacientes em face da promessa da URSS de auxiliar o Egipto na destruição de Israel, sem, porém, fazer nada, a não ser declarações e fornecer armas» — acentuou o cientista.

O presidente Nasser

TERMINA (POR FALTA DE MEIOS) A GREVE DOS CORREIOS INGLESES

LONDRES, 4 — (F. P.) — Após 44 dias de greve, os empregados dos correios britanicos votam hoje para decidir se aceitam o acordo concluído a noite passada entre o seu sindicato e a direcção dos correios e se regressam ao trabalho, como lhes é recomendado pelo dirigente sindical Tom Jackson. Não se duvida, porém, que o pessoal porá termo á greve. Pri-

(Continua na 14.ª página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(LER NA PÁG. 18)

Volta a Portugal em Automóvel

Ao longo de quatro dias as estradas do Continente vão animar-se com a passagem dos concorrentes á XXII «Volta a Portugal» em automóvel competição dura e difícil que se estende por 2300 quilómetros divididos em três etapas.

O «Diário de Lisboa», como é habitual, estará presente na «Volta» com uma equipa de reportagem constituída pelos nossos camaradas **Avelãs Coelho** e **Augusto Vilela** os quais já hoje (na pág. 17) **apresentam** a corrida.

HOJE 28 PAGS. VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

não demore o CUPÃO DUPLO

COMEÇARAM já a ser enviados os cartões de identificação numerados que habilitam os seus possuidores aos valiosos prémios instituídos para a iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» com que iniciamos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso jornal. Entretanto continuamos a receber diàriamente elevado número de boletins de leitores que só agora resolveram participar nesta iniciativa. Conforme tem sido divulgado, até ao dia 25 do corrente qualquer pessoa pode enviar ainda o seu boletim ficando automàticamente habilitada. Lembramos todavia aos nossos leitores que não devem guardar para os últimos dias o envio do cupão-duplo que temos vindo a publicar, pois pode muito bem acontecer que um esquecimento de última hora ou

(Continua na página seguinte)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pag. anterior)

qualquer imprevisto acabe por impedi-los de tomar parte numa iniciativa que vai tornar milionário um leitor do «Diário de Lisboa» e proporcionar valiosos prémios a muitos outros.

A iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» é extremamente simples na sua mecânica não obrigando praticamente a dispêndio de tempo. Basta apenas enviar um dos cupões-duplos que diàriamente inserimos na segunda páaina dos nossos serviços comerciais, na Rua Castilho, 185-1.º. Cada leitor só pode enviar um único boletim. A única condição para ficar habilitado aos prémios instituídos é ter em seu poder, na data do sorteio final a colecção com os cabeçalhos dos jornais correspondentes ao período de 2 de Janeiro a 31 de Março. Nestas colecções é permitida a falta de cinco exemplares em cada mês.

Como acima referimos a data limite para o envio dos cupões-duplos foi fixada em 25 de Março. Até lá qualquer pessoa pode enviar o seu cupão. Se tiver dificuldade em obter os jornais atrasados pode pedi-los para os nossos serviços pois temos ainda exemplares disponíveis que fornecemos a quem o solicitar para a Rua Castilho, 185-1.º. De qualquer forma não demore o envio do seu cupão pelas razões que já apontámos.

O ENVIO DO SELO

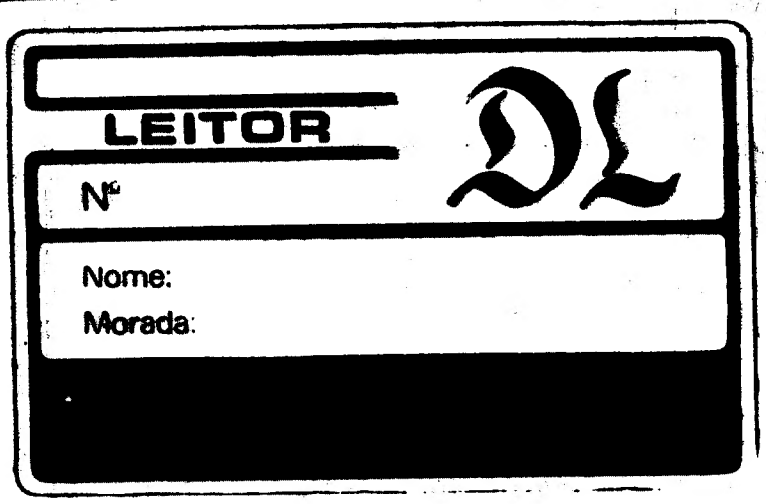
Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio



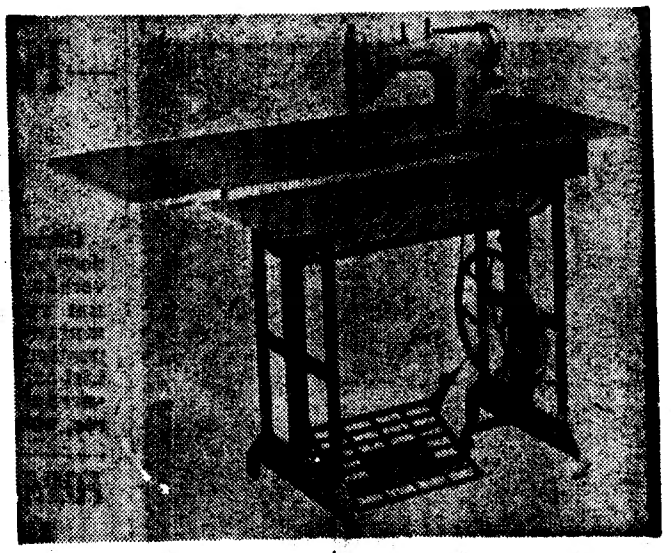
A gravura reproduz o cartão de Leitor do «Diário de Lisboa» que está a ser enviado aos participantes na iniciativa com o número que os habilitará ao sorteio

REGULAMENTO

- A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- Preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º - Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- Se o leitor pretender que lhe seja entregue, pessoalmente nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00 que se destina lògicamente a despesas de correio.
- Recebido o cupão duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo
- O cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir no sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971 É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.

DEZ MAGNÍFICAS MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA»



SÃO, também, prémios da nossa iniciativa. «OLIVA» — máquina de costura portuguesa cuja categoria é reconhecida no país e no estrangeiro — só é possível graças à complexa e moderna organização fabril, orientada pela técnica mais evoluída e apetrechada com maquinaria de incontestável rigor e eficiência. Os já largos anos de presença nos mercados nacionais e estrangeiros e os muitos milhares de máquinas em plena actividade nas mais favoráveis condições de trabalho e rendimento são elementos eloquentes da sua incontestável classe.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIARIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

RECTANGULOS da VIDA

PASSEIO À TERRA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Já agora vou imaginar — não custa nada e sempre me ajuda a passar o tempo — que sou um viajante em visita de estudo ao suave planeta azul a que os terrestres chamam Terra. O meu UFO particular sobrevoa uma estrada, e eu estudo-a atentamente por um óculo de grande alcance, até porque quando regressar tenho de contar aquilo que vi.

Avisto pois, correndo pela estrada, quase à mesma velocidade do meu disco, estranhos seres lindamente coloridos. Parecem-me insectos enormes, embora tenham quatro patas e não possuam asas, e as suas cascas brilham ao sol. Passam tangentes uns aos outros, ultrapassam-se infatigàvelmente como se tal coisa fosse urgente e necessária, suponho que querem todos eles chegar primeiro a um lugar qualquer. De vez em quando vejo na berma da estrada uma casca amachucada, coberta de pó, vazia como algumas conchas quando os bichos morrem e secam. Verifico com espanto que às vezes, ao passarem uns pelos outros, os bichos deitam de fora uma cabeça pequena, com olhos redondos e vidrados e agitam uma das mãos como se se testejassem ou injuriassem. E continuam velozmente o seu percurso, para o tal objectivo que não sei qual é, que duvido mesmo de que exista, porque de repente a estrada se bifurca e dois seres que há pouco se tinham saudado (ou zangado) seguem caminhos diferentes sem a menor hesitação.

São horas e devo regressar. Mas hei-de voltar outro dia. Quero ver se encontro seres racionais com quem possa trocar algumas impressões.

Pensei isto e depois parti. Logo de seguida deixei de imaginar e voltei. E aqui vou eu por uma estrada fora...

PARA ALÉM DE LIMITES INVISÍVEIS...

...há um mundo enorme à sua espera. Um mundo feito de jardins. De correrias. De liberdade. Um mundo de traquinices. De diversão. De risos. Todo um mundo que a chuva inesperadamente proibiu.
Evade-se então a criança, olhando através dos vidros molhados da janela.
Imagina, triste, o que fica para além. Fugindo. Correndo alegre. Livre. Inventando o mundo bom que de momento lhe escapa.
Mas para além, mais para além de tudo aquilo que a criança pensa, há ainda um mundo que ela ignora. Um mundo feito de competição. De lutas. De riscos. De acidentes. Um mundo de vencedores e também de vencidos. De homens hábeis. De tensões, de pausas. De amor e também de ódio. O mundo em que hoje está tranquila, mas que amanhã terá de enfrentar sòzinha, empunhando as suas próprias armas.
Este é o mundo que a criança desconhece ainda, mas é precisamente aquele em que pensamos. Aquele em que a ajudaremos a situar. A vencer. Esta é uma das razões por que existimos.

FIDELIDADE 1835

FIDELIDADE · SEGUROS

uma companhia para toda a vida

NOTA do dia

DOUTORES HÁ MUITOS?

NA MAIS RECENTE das suas periódicas aparições em público, o Presidente do Conselho, ao abordar o problema bastante falado (receia-se que a quantidade não supra a qualidade) das reformas do ensino, em especial de sector universitário, referiu que talvez não sejam precisos tantos doutores como às vezes se supõe. Poucos dias depois, num colóquio sobre o mesmo tema, elevaram-se vozes num sector do público a recalcitrar contra certo tipo de vocabulário ou de estilo dialéctico utilizado por alguns dos participantes, aos quais acusavam de supor que estariam a falar só para «doutores», o que estava longe de ser verdade. Há nas duas opiniões assim expressas não se dirá uma coincidência de óptica, mas seguramente uma convergência.

Haverá assim tantos a quem se possa chamar doutores que eles sejam a mais para as necessidades do País? Para falar a verdade, o que se costuma ouvir é o contrário. Mas tudo depende, em boa verdade, da qualidade das pessoas referidas por tal título, o que, aliás, varia de país para país. Assim, se estivermos na Grã-Bretanha ou noutros países de língua inglesa, o «doctor» é o médico e acabou-se. Mas se for na Alemanha há-os em música, para falar a verdade não sabemos se também em pintura. E isto permite já uma hipótese possível, qual seja a de dizer que o que está em discussão é a inflação de títulos, tudo doutor, e não, de maneira nenhuma, a abundância excessiva de diplomados com graduações universitárias, que disso poderá haver falta.

Muitas vezes se tem ouvido, nos últimos tempos, a afirmação, feita por responsáveis, de que as nossas Faculdades de Medicina, apesar de sobrepovoadas, não têm capacidade de «fabrico» do número de médicos que se calculam precisos para cobrir as necessidades de um sistema nacional de saúde. E tanto isto para alguns é verdade que se tem posto vezes várias a sugestão de serem criadas novas escolas médicas. E isto sem contar a verdadeira míngua de práticos nalgumas especialidades, por exemplo, a estomatologia (saberão as pessoas comuns que é o ramo dos dentistas) em relação à qual têm sido divulgados números verdadeiramente lastimáveis da relação entre a existência de especialistas e a população do País. Vimo-los recentemente e são de facto um vexame.

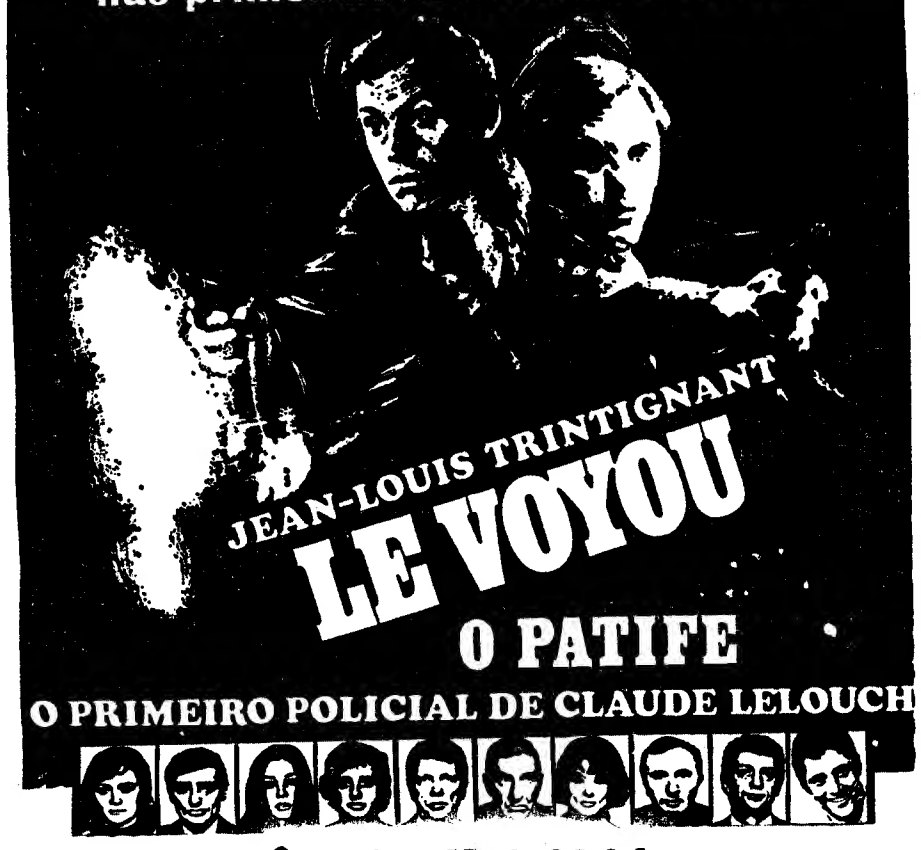
O número de veterinários é outra razão de alarme. E aí nem vale a pena, no quadro actual, falar na necessidade de criação de novas escolas de medicina veterinária, apesar de haver apenas uma na metrópole, situada em Lisboa, pois que essa, apesar de pobremente dotada de instalações e meios, está longe de ter a sua capacidade atingida. O número de veterinários que saem por ano é, pelo menos, angustioso, apesar da estrutura económica do País, que continua a assentar, como se sabe em grande parte, nas actividades agro-pecuárias. Está agora o respectivo ensino a começar a fazer-se em Angola e Moçambique, mas pensará alguém que venha daí a cobertura para as necessidades metropolitanas? De quantos desses especialistas precisamos ainda em África? Quantos é que precisávamos de fazer cá para mandar para lá?

Aqui cabe talvez uma diferenciação que parece precisa. Doutores a mais deve entender-se que não há. O que há a mais é «doutorice», o falador barato e difícil que se dispõe a fazer vista com o uso ostensivo de palavriado complicado, hermético, ao sabor da moda de um suposto tecnicismo que se pretende apropriar e pôr em circulação, muito mais do que as ideias, que essas são menos acessíveis. A abundância de palradores públicos, em todos os palcos e salas ou mesmo que nos entram em casa sem pedir licença, à janela do nosso jantar, ilustra deslustrantemente semelhante pecha. Não vamos a dizer que do que precisamos é de quem faça e não de quem fale, tanto não. Mas precisamos que quem fala saiba o que diz, saiba como diz e saiba a quem o diz. Só para fazer vista, isso é que não. É mais um imposto que se paga à custa do esclarecimento que tanta vez nos é negado por quem vem apenas a exibir-se sob o pretexto de o prestar.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

UM FILME SOBRE A AMIZADE,
O AMOR, A SOLIDÃO, O SILÊNCIO!

MAIS DE MEIO MILHÃO DE ESPECTADORES
nas primeiras semanas em Paris!



JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
LE VOYOU
O PATIFE
O PRIMEIRO POLICIAL DE CLAUDE LELOUCH

ÊXITO EM LISBOA
2.ª SEMANA
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
ADULTOS
United Artists

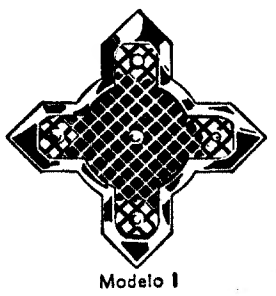
TODAS AS NOITES: ÀS 21 H. E ÀS 23 HORAS

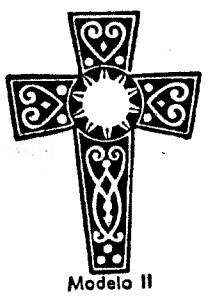
DEPOIS DA QUEDA
AFTER THE FALL
Peça de Arthur Miller
com LURDES NORBERTO e ROGÉRIO PARIS

TEATRO VILLARET

EMÍLIO E OS DETECTIVES
HOJE, às 18.30 — DOMINGO, às 11 horas (6 anos)

CENTRO DE DIFUSÃO DO MAGNETISMO
VITAFOR
FAÇA COMO 1 MILHÃO DE ADEPTOS
DA JÓIA MAGNÉTICA DO NORTE
(A ÚNICA VERDADEIRA)


Modelo I


Modelo II

Milu, a consagrada vedeta do cinema e do teatro, também usa a jóia magnética do Norte

O Sr. H. S., de Viseu, diz o seguinte:

«Em todas as idades, mas principalmente na minha, há sempre os chamados achaques e perturbações de todas as espécies, tal como nervos, dores musculares, reumáticas, cãibras, etc.

Notei, desde que uso a jóia magnética do Norte, alívio em todos os males e muito mais bem-estar».

O dr. Mesmer (1733-1815) nas suas memórias fala do poder do magnetismo e de uma eficácia nas doenças nervosas, e indirectamente no reumatismo, lumbagos, insónias, mal-estar em geral, etc.

Você também deve usar esta maravilhosa jóia
Como em França, Espanha, América do Sul.
COMPRE-A OU ESCREVA
CENTRO DE DIFUSÃO DO MAGNETISMO
VITAFOR
Rua do Carmo, 35, 2.º — LISBOA-2
Aberto também aos sábados

Desejo receber grátis o livro informativo do magnetismo

INFORMAÇÕS GRÁTIS
PORTUGAL E ULTRAMAR

NOME .....
.....
MORADA .....
..... N.º .....
LOCALIDADE ..... D. L. 2

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Rua Braamcamp, n.º 9, 1.º e 2.º — LISBOA

10.ª Secção de Actividade — INDÚSTRIA QUÍMICA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do art.º 57.º e do n.º 2 do art.º 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato, integrados nesta Secção, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 19 de Março de 1971, às 21 horas, nas instalações deste Organismo sitas na Rua do Alecrim, n.º 46, 1.º andar, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação e Votação do Relatório de Actividades da Comissão Directiva, relativo ao Ano de 1970

Se, à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia-hora depois, com qualquer número.

Lisboa, 1 de Março de 1971

A COMISSÃO DIRECTIVA

NOTA — A fim de facilitar os Serviços, agradecemos se faça munir do seu cartão de sócio.

Novo director de vendas da Firestone Portuguesa

A FIRESTONE PORTUGUESA tem o prazer de comunicar aos seus estimados agentes e ao público em geral que nomeou, a partir desta data, seu director de vendas o Sr. António Martins Serrasqueiro.

Lisboa, 1 de Março de 1971

ESCRITÓRIO

ANDAR AMPLO c/ bastantes salas e marquises, 2 casas de banho, aluga-se. Fica muito perto Palácio Justiça e Diário Governo. Fazem-se obras e modificações desejadas.

R. D. Francisco Manuel de Melo, 28-1.º Lix.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«O PREÇO DO PODER»

TÍTULO ORIGINAL — «Dallas Story»
REALIZAÇÃO — Tonino Valeri, 1970 (Itália)
INTÉRPRETES — Giuliano Gemma, Van Johnson, Warren Vanders, Maria Cuadra, etc. (Technicolor e Cinemascope)
ESTREIA — Cinema Politeama (26-2-1971).

Por que se passa em Dallas City, estado do Texas, onde Kennedy conheceu a morte, *Dallas Story* glosa o tema. Ou vice-versa: por que glosa o tema do Kennedy, presidente, que conheceu a morte em Dallas City, estado do Texas o filme chama-se *Dallas Story*. Tirando isto, a película de Tonino Valeri nada acrescenta à (nefasta) mitologia de *western* italiano. Não é tão idiota como a grande maioria dos produtos congéneres. Nem é tão mal realizado. Mas, mesmo assim, é muito mediocre e não sai da cepa torta. Nem Montgmory Wood (aliás Giuliano Gemma), nem o veterano Van Johnson afastam a película da rota da rotina. Nem sequer as belas conclusões antiracistas são concludentes. Tudo cheira a oportunismo. A começar pelo título.

«JUVENTUDE INQUIETA»

TÍTULO ORIGINAL: «A Time for Giving».
REALIZAÇÃO: George Schaeffer, 1970 (E.U.A.).
INTÉRPRETES: David Janssen, Kim Darly, Carl Reiner, Pete Duel, Andrew Prine, etc.
ESTREIA: Cinema Tivoli (1-3-1971).

Teatral, enfadonho, reaccionário: eis «A Time for Giving», que George Schaeffer dirigiu sobre argumento de William Goodhart extraído de uma peça teatral já de si (seguramente) enfadonha e (certamente) muito reaccionária.

De um lado um casal de jovens «para quem as coisas são o que são.» Do outro lado David Janssen, a meia idade *sabida*, que tem em conta os conceitos, preceitos e preconceitos da sociedade. Ao fim e ao cabo, quem tem razão são... aqueles que não entraram na *dança* e deixaram esta «alta comédia» seguir o caminho que merece: o esquecimento.

L. A.

O ORFEÃO DE COIMBRA NO COLISEU

O Orfeon Académico de Coimbra em colaboração com a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos, realiza um sarau de solidariedade e apoio ás vítimas da catástrofe no distrito da Zambézia, em Moçambique.

O espectáculo realizar-se-á no Coliseu dos Recreios graciosamente cedido pela sua gerência, no próximo dia 20, pelas 21 e 45.

Losey, Damiani e Widerberg no programa de Março do C. C. U. L.

Filmes de Losey, Damiani e Widerberg estão no programa do Cine-Clube Universitário de Lisboa para este mês, integrando o ciclo *«Anos 60 — o consumo da qualidade»*, através do qual se pretende fazer uma análise da produção cinematográfica ao longo da década, muito particularmente no que diz respeito àquilo a que se convencionou chamar «cinema de qualidade», consumo habitual de «matinées» clássicas, «Estudios» e Cineclubes.

JOSEPH LOSEY

Sendo a função dos Cineclubes de índole bastante diferente, pretende o C. C. U. L. fazer uma crítica retrospectiva sobre o que tem sido o Cineclubismo.

O programa inclui sessões com *«O dia da vergonha»*, de Damiano Damiani (dia 10 no Imperial e dia 13 no Paris); *«Elvira Madigan»*, de Bo Widerberg (Imperial, 17, e Paris, 20); e *«Acidente»*, de Joseph Losey (Imperial, 24, e Paris, 27). Sempre ás 18 e 30.

VIDA MUSICAL

Maestro argentino com a Banda da G. N. R.

O maestro argentino Mariano Drago, director titular da Orquestra do Teatro de La Plata e regente da Banda Sinfónica Municipal de Buenos Aires, estará hoje á frente da Banda da G. N. R. num concerto que se realiza ás 18 e 30 no Tivoli.

Do programa fazem parte obras de Alberto Williams Garcia Marillo, Joly Braga Santos, José Maria Castro, Augusto Rattembach, López Buchardo e Richard Wagner.

Barítono português na Fundação Gulbenkian

O barítono José de Oliveira Lopes dá hoje (18 e 30) um concerto no auditório n.º 2 da Fundação Gulbenkian, acompanhado pela pianista Olga Prats. Obras de Lully, Brahms, Duparc, Ravel, Poulenc, Croner de Vasconcelos, Cláudio Carneiro e Berta A. de Sousa integram o programa.

— 10$00 SÓ —

5.as-Feiras á noite, sábados á tarde, nos espectáculos populares a preços reduzidos, 10$00, lhe bastam para utilizar um óptimo lugar no

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

DIVIRTA-SE COM A ESPIRITUOSA COMÉDIA SATÍRICA

M/17

O Inocente

Tabela dos espectáculos populares
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$ e 50$
Aproveite os ultimos representações
TODAS AS NOITES, AS 21 45 H.
Sábados e Domingos também às 16 h.

15.ª SEMANA

cial
CENTRO DE LINGUAS

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja 22
Marcações t. 677299
Hoje às 22 h. — sábados e domingos às 16 e 22 h.
FIM DE FESTA de Samuel Beckett
Pelo elenco do Teatro Experimental do Porto
Só até 7 de Março
(Maiores 17 anos)
Subsidiado Fundo Teatro

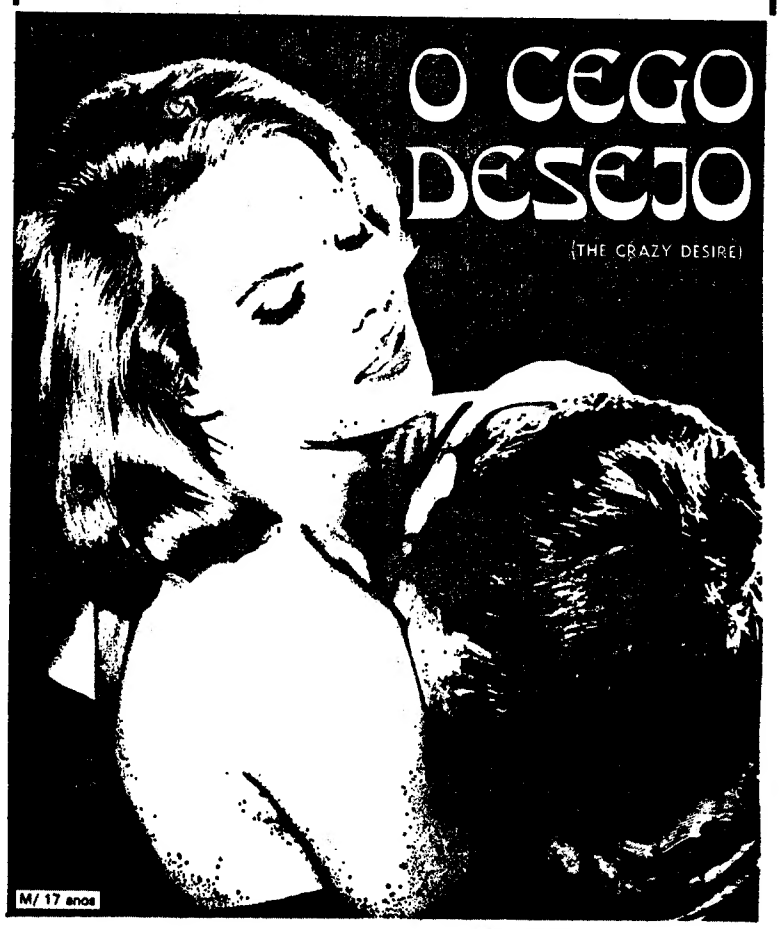
LUÍS - CAETANO - BRITO
ABRIRAM HOJE
RESTAURANTE O FUNIL
av. elias garcia 82 lisboa
tel. 766007
COZINHA PORTUGUESA

3K
COZINHAS
ELECTRODOMÉSTICOS
R. PASCOAL DE MELO 7 e 47 · T. 49907

M/ 17
DEGA MESQUITA
Rua Diario de Noticias, 107 — Tel. 328307
100% LISBOETA
O FADO NA SUA EXPRESSÃO AUTÊNTICA
Pratas tradicionais da boa cozinha portuguesa sob a direcção da Tia Adelina
Almoços, jantares e ceias

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

UMA AMERICANA VIÚVA E RICA... UMA ITALIANA JOVEM E BONITA... UM HOMEM CRUEL E AMBICIOSO... UMA APAIXONANTE AVENTURA A TRÊS



Com CARROLL BAKER • LOU CASTEL • COLETTE DESCOMBES
TINO CARRARO • LILLA BRIGNONE • FRANCO PESCE EXCLUS.
Realização de: UMBERTO LENZI — EASTMANCOLOR — TECHNISCOPE

HOJE às 21.45, ESTREIA no EDEN

EM COMPLEMENTO: «O CORAÇÃO DE ANGOLA», O DOCUMENTÁRIO DE ANTÓNIO DE SOUSA

TEATRO A B C
Tel. 866745
ADULTOS

GRAÇA, LUXO, CRÍTICA
(E MULHERES VERDADEIRAMENTE FABULOSAS...)
NA SENSACIONAL REVISTA POPULAR

HOJE
As 20.45 h.
As 23 horas

FRANGAS NA GRELHA

ANITA no «FADO»

• Uma produção de HUMBERTO CUNHA, com um elenco de «estrelas»
CAMILO • IVONE • NICOLAU • ANITA
e a participação especial de TONY DE MATOS

• Empresa Teatral JOSÉ MIGUEL, LDA. • Figurinos de PINTO DE CAMPOS

TEATRO VARIEDADES TEL. 326037

Só até domingo
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

SALVADOR

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM A COLOSSAL SUPER-REVISTA
...E O ZÉ FAZ TUDO!...
com SALVADOR • FLORBELA • CARLOS COELHO
Colaboração especial de MARIEMA
À FRENTE DE UM EXCEPCIONAL ELENCO!
Domingo: «matinée» às 16 h.
4.ª-Feira, estreia no Sá da Bandeira, no Porto
4.ª-Feira: estreia no Variedades «O Conde Simone trata», com Ribeirinho, H. Santana

TEATRO CAPITÓLIO TEL. 327493

HOJE: ÀS 21.45 H. (M/ 17 anos) DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS

TEATRO MONUMENTAL TEL. 355133

HOJE: À noite, às 21.45
(Maiores de 17 anos)
EM ÚLTIMOS DIAS!
VASCO MORGADO APRESENTA
EM 4.º MÊS
A Casa das Cabras
com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luis Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

HOJE: 2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
ADULTOS

TEATRO MARIA VITÓRIA TEL. 361740

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM EM TRIUNFAL 5.º MÊS A SENSACIONAL REVISTA
PIMENTA NA LÍNGUA!...
Prémio da Imprensa como a melhor revista 1970
com JOSÉ VIANA (Prémio de Imprensa 1970) • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL • e as atracções ANA ROSMANINHO • RONY VALY
E NO «COMPERE»
• OCTAVIO DE MATOS
À frente de uma grande companhia!
Domingo: à tarde às 16 h.

JOSÉ VIANA

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, continuou, ontem á tarde, o julgamento do caso da Herança Sommer. Como habitualmente, presidiu o sr. corregedor Bernardino de Sousa.

Reaberta a sessão, o adjunto do procurador da República, dr. Antero Monteiro Dinis, leu ao depoente sr. Constantino Estêvão Sobral as declarações do sr. Henrique Champalimaud (actualmente internado no Hospital de Santa Maria, por motivo de doença grave) a propósito do chamado «dossier-herança». Após os esclarecimentos do sr. Constantino Sobral, foi ditado para a acta pelo Ministério Público:

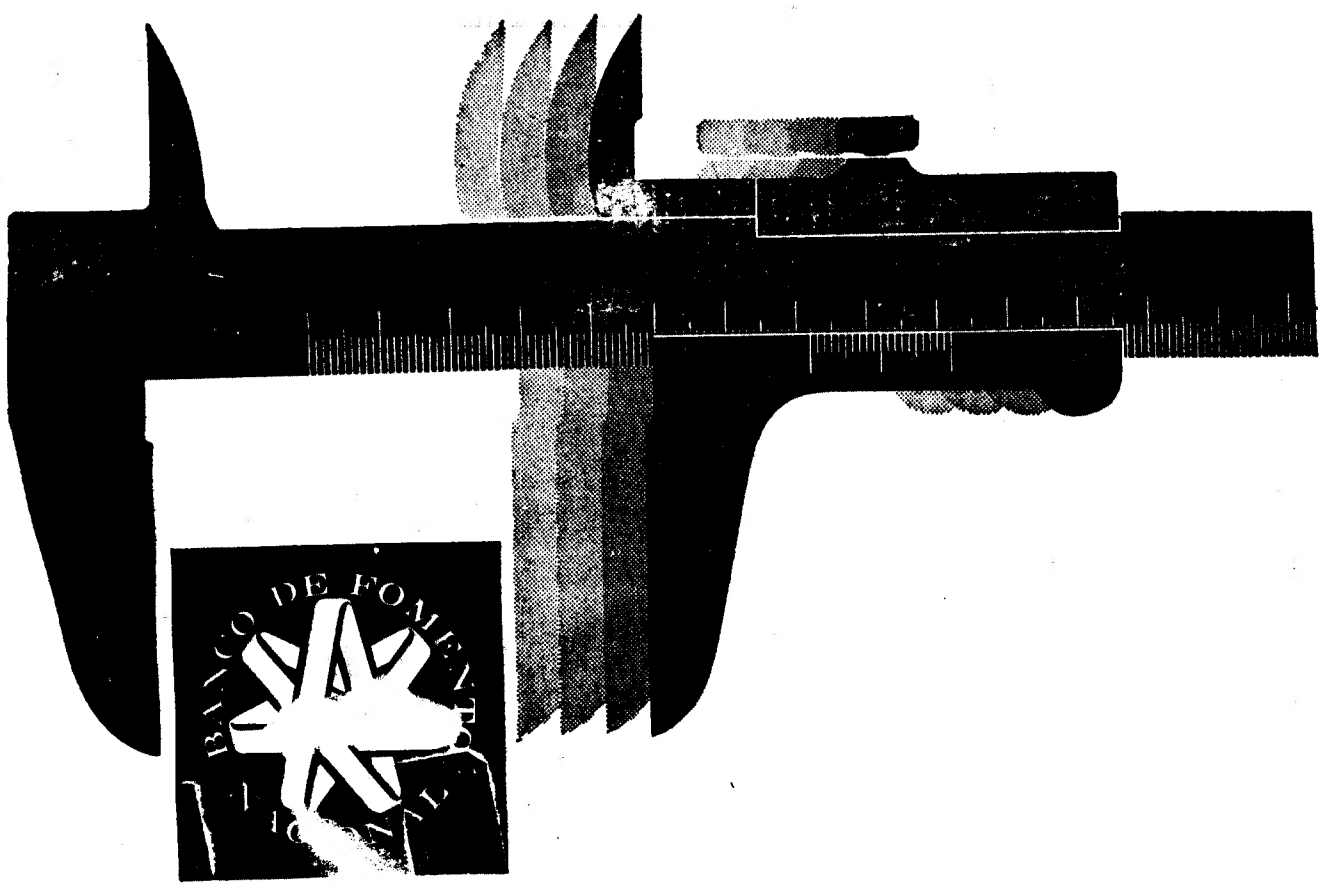
«Tendo-lhe sido lidas as depoente parte das declarações prestadas por Henrique Champalimaud a fls. 12 203 v.º e 12 250 v.º, umas e outras respeitantes ao chamado «dossier-herança», foi-lhe, de seguida, perguntado se verifica qualquer contradição entre o que anteriormente a respeito deste «dossier-herança» afirmou e aquilo que foi declarado por Henrique Champalimaud, tendo sido respondido que não encontra qualquer contradição entre aquilo que afirmou e a versão dos factos que apresentou Henrique Champalimaud: quando muito, pode existir uma maneira diferente de dizer e traduzir a mesma realidade, fruto talvez de o depoente possuir uma maior experiência de escrituração comercial relativamente àquele, tendo assim utilizado uma terminologia mais técnica e mais rigorosa. Acresce que o depoente tinha um maior contacto com o falado «dossier» que Henrique Champalimaud, pois era quem procedia á leitura da escrituração dos livros a que já aludiu e ao arquivamento dos documentos nas respectivas pastas.

«Acresce que normalmente recebia instruções directas de António Champalimaud, que depois traduzia materialmente no predito dossier, *sem que, necessáriamente, Henrique Champalimaud tivesse conhecimento dessas instruções e das operações registadas na sequência das mesmas.*

«O depoente tinha na data em que ia elaborando o falado dossier *conhecimento da existência de duas contas correntes existentes na Casa Sommer, uma com a designação de «Herdeiros de Henrique Araújo de Sommer» e outra com a designação de «António Champalimaud/conta especial».*

Sobre as duas contas, o depoente esclareceu ainda que *«foram mandadas abrir por António Champalimaud ao guarda-livros da Casa Sommer, Júlio Costa, presentemente já falecido, sendo de seguida movimentadas por este na esteira de instruções daquele».*

O sr. Constantino Sobral manteve-se durante largo tempo a responder a várias instâncias formuladas pelo Ministério Público, depois do que os trabalhos ficaram interrompidos para continuarem amanhã, á tarde.



NOVA DIMENSÃO DA TAXA DE JURO

O Banco de Fomento Nacional remunera á Taxa de Juro de

5,75%

ao ano os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças

Consulte os nossos serviços

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

†

Alves da Costa

(ACTOR)

FALECEU

Brunilde Judice Caroson Alves da Costa; Alda Matilde Emília Alves da Costa; Maria Emília Alves da Costa; Heliodoro Pereira Costa, sua mulher e filho; Mário Morgado Costa, sua mulher e filhos; José António Alves da Costa e sua mulher; Elvira da Costa Macedo, seu marido e filhos; Leopoldina Alves da Costa Foz, seu marido e filha; Orlanda Alves da Costa; Gertrudes Garcia Costa; Ada Judice Saldanha, seu marido e filhos cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à Sua Divina Presença o seu querido marido, irmão, tio, cunhado e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 16 horas, saindo da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Benfica. As 10 e 30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 53 41 67

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

...MAS POR DENTRO, PÃO-DE-LÓ

No serão de ontem ofereceu-nos a televisão um prodigio de imaginação e anti-rotina: o programa «Dusty Springfield», candidato à «Rosa de Ouro» de Montreux, onde obteve menção honrosa. A variedade da composição, a perfeita sincronização imagem-som, o jogo de planos que não se chocam nunca por mais que se sobreponham, num engenhoso contraponto, tudo isso aconteceu tão à vista de todos que não importa referi-lo.

Numa breve apresentação, Henrique Mendes pôs, apressadamente, alguns problemas que interessa fixar. Recordemos dois: «Dusty Springfield» não terá obtido a «Rosa de Ouro» devido, precisamente, às suas audácias formais. É certo que, quem conhece o mecanismo em que se insere a «Rosa de Ouro» sabe bem quanto nele impera de conservadorismo e de medida velha. Ainda não há muito tempo, um programa de variedades com o Tom Jones foi preterido por uma espécie de documentário da paisagem suiça ao que se disse (disseram-no os próprios suiços) de gosto muito duvidoso. Quanto a «Dusty Springfield» não saberemos bem o que terá pesado na decisão do júri. Mas a verdade é que a razão principal que poderia levar o programa ao primeiro prémio são exactamente as suas audácias formais — se é que tal factor pode, em qualquer circunstância, ser decisivo para um juizo de valor, isoladamente considerado. A feérie de «Oaristos», de Eugénio de Castro, por exemplo, não deu perenidade à obra, a qual pouco mais é, hoje, do que uma peça inerte de museu.

Dusty Springfield e seus pares não enriqueceram o seu programa de uma comunicação humana capaz de prender o telespectador para além dos olhos. Rancho melhorado de um actividade comercial, as canções fixaram-se, no entanto, ao nível do «já conhecido», do já visto e ruminado. «Dusty Springfield» era como certos bolos: muita fantasia por fora, pão-de-ló por dentro...

Quanto a essas mesmas audácias, a que uma televisão, na sua «voragem diária» não pode aceder, Henrique Mendes quer saber se será esse o caminho a seguir.

Uma televisão, na sua «voragem», evidentemente que usará fato de passeio e não de cerimónia. Produções como a que vimos ontem não se fabricam todos os dias nem todas as semanas. Constituem, porém, uma saída se se quiser dourar a pílula das receitas burguesinhas no domínio do cançonetismo. Uma saída que, com a sua feição excepcional, ainda é... comercial: um espectáculo farta-brutos, uma indegestão para os olhos, uma razão própria baseada na qualidade técnica. Se a razão (digamos: se a *mensagem*) for outra, a utilização da qualidade técnica apresentará outro sinal, mas para isso há que estar na posse de *segredos* que a realização de Bob Rooyens ontem desbravou. Nesse aspecto, «Dusty Springfield» foi mais do que um programa: foi uma oficina, um laboratório. Lembrar-nos-emos muito dela quando virmos as variedades cá do sítio. Lembrar-nos-emos dela como quem compara por redução ao absurdo.

●

O NEO-REALISMO

Tempo de Poesia: Angelo de Lima. Apresentação mediocre, referência ao movimento, «dado» e «pau... lismo», sem haver ali ninguém que dissesse ao locutor como se pronunciava, pois está claro que os locutores não podem conhecer tudo, né berdade. Daí soubemos que os versos de Angelo Lima possuem uma grande *beleza auditiva* e passámos aos quatro poemas nas interpretações de Herminia Tojal e Manuela de Freitas.

Avizinha-se o vento da Rosa na «Rosa dos Ventos». A «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto com uma angustiosa interrogação: para quando a «Peregrinação» em história aos quadradinhos?; dois livros da Verbo; um livro de versos de Carlos Lobo de Oliveira (Prémio *Antero de Quental*, do S. N. I.), com palavras ao vivo do autor: «*A noite é uma planície sem fim que nos envolve. Nessa peregrinação pela noite, que vem de longe, a alma procura a luz ou é a luz que vem ao nosso encontro?*».

Meditava eu profundamente na interrogação posta à noite por Lobo de Oliveira e já aí vinham mais poetas mencionados com livro: Barroso de Paula e Vimala Devi, Raul de Carvalho tem direito a retrato e leitura de poema, por Manuela de Freitas. De súbito, o jogo mudou de flanco. Não já poesia, mas prosa, prosinha, da boa. Notícias frescas: o «Judeu», de Camilo Castelo Branco; mais dois livros da Verbo; João Brás de Oliveira («Narrativas Navais»); um grandissimo pano de Fernando Namora, para se anunciar mais uma edição do «Homem Disfarçado»; depois «O Segundo dia da Criação do Mundo», de Enrenburg, em notícia breve e um documentário sobre Jules Romains. Finalmente...

Finalmente, algo que se parece com um ensaio em folhetins. É seu autor Mário Dias Ramos, que acumula as funções de colaborador da RTP e de crítico de televisão no «Diário de Notícias». Ramos propõe-se dar resposta à seguinte pergunta: «Haverá um *novo romance* português?

Trata-se de uma prosa demasiado indigesta para ser apreciada pelo telespectador, prosa não ajudada pela dicção do autor. Ramos, no entanto, pouco se preocupa com isso, e com razão: ele está senhor de uma verdade, e terá de dizê-la, custe a quem custar. Força!

O *neo-realismo:* eis o alvo preferido de Ramos. Ficámos a saber que «foi Manuel de Seabra dos primeiros a pôr o

(Continua na 18.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — MF 1 (95,7 mc/s.) — Às 16: Sinal horário — Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 18: «Falua», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: João Ferreira Rosa; 18 e 20: Espectáculo — Teatro por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19 e 10: Musica de Zarzuela: «Adios a la Bohemia» (Pio Baroja-Pablo Sobrazabal); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O conjunto «The Bee Gees», 20 e 30: 8.º Episódio do Folhetim «Inocência»; 20 e 50: Melodias, pela Orquestra de Helmut Zacharias; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só música; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas, pelo Conjunto de António Luís Gomes; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Exitos da Europa, 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecha

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Que quer Ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18 e 10: Musica portuguesa; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto pelos menestréis de Lisboa, constituído por: José Esteves Duante, flauta; José do Carmo, trompa; Emídio Coutinho, trombone de varas; Fausto Dias, harpa, Santiago Kastner, cravo, direcção e autor das notas explicativas; 21: Bailado da ópera «Uma vida pelo czar» (Glinka), pela Orquestra Filarmonia, dirigida por Efrem Kurtz; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica Sinfónica de Bizet; 22: Teatro de Todos os Tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho); 12 e 58: Fecho

Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 21: Retrospectiva. Os Moody Blues — «In Search of the Lost Chord»; 21 e 20: Melodias por orquestras; 21 e 40: Artistas portugueses; 22: Musica sem passaporte; Jacinto Gatica e o seu folclore mexicano; 22 e 15: Instrumentistas; 22 e 30: Conjuntos ligeiros; 23: O ciclo Schubert; 0 h.: Musica sinfónica; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa é tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A norte é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tailemã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso Programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa à Gã-Gã; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 303,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 08: Miscelânea; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia, 21 e 05: Leitura; 21 e 25: Musica para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Momento de melodia; 23: Noticiário; 23 e 04: Cruz e Verdade; 23 e 18: Clube da Juventude

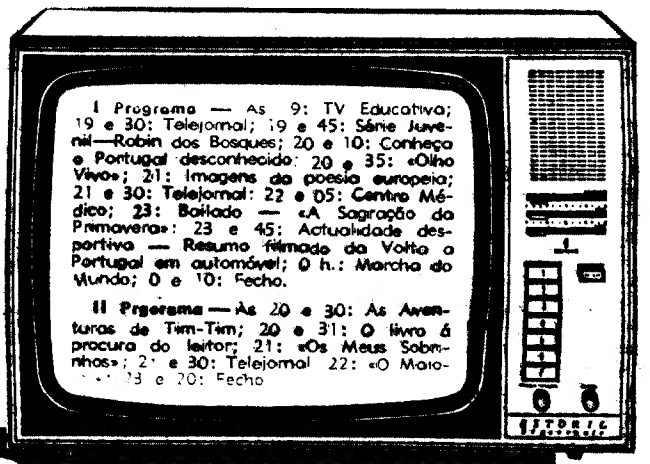
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical da Europa; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema, 13; 19 e 30: Página 1, 20 e 55: Meditando; 21: Jazz, 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45. Musica variada; 23: A 23.ª hora

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama, 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Eventual; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: O Auditório; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2; **Rádio Graça**—Das 14 e 30 às 19 e 30

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 12 e 55: Cinematomóvel; 13 e 15: Filme de série; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração, e 14 e 10: Logo à noite.

2.º período — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV juvenil; 20 e 15: Hóquei em patins; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Série Oeste; 23 e 30: Actualidade desportiva; 23 e 45: Marcha do Mundo, e 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Filme infantil; 20 e 40: Filme de série; 21 e 30: Telejornal; 22: Curto-Circuito, e 23 e 25: Fecho.

S.O.S.-TV TEVERÁPIDA
GRÁTIS
Faça um teste ao seu TV. gratuitamente, nos nossos laboratórios
Rua António Pedro, 119 — Telefs. 5 06 57 - 53 50 24

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE

Está reunida a Comissão Mista do Acordo Cultural Luso-Brasileiro

• Na agenda: visita de estudantes portugueses ao Brasil

Começou hoje em Lisboa, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, a reunião da Comissão Mista do Acordo Cultural Luso-Brasileiro. Tais reuniões efectuam-se de dois em dois anos e têm por finalidade a avaliação dos resultados já obtidos nos anos anteriores e a procura de soluções para o aperfeiçoamento da sua execução.

A delegação brasileira, chefiada pelo embaixador Gama e Silva, é constituída pelo prof. Buarque Sucupira, director dos Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura; ministro Simas Magalhães, chefe do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores; Eduardo Costa Farias, secretário do Itamaraty e, ainda, o dr. Sérgio Teles e o prof. Leandro Tocantins, da Embaixada do Brasil em Lisboa.

A delegação portuguesa é chefiada pelo embaixador Gonçalo Caldeira Coelho, director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e integrada pelo ministro António Augusto Vaz Pereira, conselheiro António Rodrigues Nunes, secretário Manuel Antunes Caldas Faria, eng.º Manuel de Abreu Faro, prof.ª D. Maria de Lourdes Belchior Pontes e dr. José da Costa Miranda, respectivamente, presidente, vice-presidente e secretário do Instituto de Alta Cultura.

O prof. Buarque Sucupira, que ontem chegou a Lisboa, preocupado com os problemas relativos ao intercâmbio de estudantes universitários. Afirmou que, nos ultimos cinco anos, o Brasil viu duplicar a sua população universitária que atingiu, este ano, o meio milhão! E acentuou:

— *Não oferecemos nem podemos oferecer numero de vagas correspondentes ás necessidades. Isso explica por que muitos estudantes brasileiros, beneficiando do convénio, vêm para as Universidades portuguesas.*

Aquele membro da delegação brasileira considerou da maior importância a regularização do intercâmbio de estudantes brasileiros e portugueses, acrescentando:

— *Interessa-nos encontrar uma solução para que a visita de estudantes portugueses sirva realmente para estreitar os laços entre os jovens dos dois países e, ao mesmo tempo, dar-lhes a conhecer o que é hoje a vida universitária brasileira, e tomarmos contacto com a vida dos estudantes portugueses. O nosso objecivo é, pois, definir com precisão esse sistema de intercâmbio, que considero da maior utilidade.*

*

A reunião iniciou-se de manhã e prosseguiu de tarde, devendo prolongar-se por todo o dia de amanhã. Como se trata de uma reunião de trabalho, ignora-se se será, no final, distribuído algum comunicado. Tudo dependerá das decisões tomadas, segundo nos disse um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Reunião Intersindical

Problemas profissionais, em especial os relativos a contratação colectiva de trabalho, foram debatidos por representantes de 18 sindicatos, reunidos em mais uma assembleia intersindical.

Participaram na reunião os seguintes sindicatos: Jornalistas, Lanifícios de Lisboa, Metalurgicos do Porto e de Braga; Bancários de Lisboa e Coimbra; Caixeiros de Lisboa, Escritórios de Lisboa, Escritórios e Caixeiros de Évora e de Santarém; Estivadores do Porto, Maquinistas, Motoristas e Ajudantes de Motoristas da Marinha Mercante; Propaganda Médica, Protésicos Dentários, Seguros de Lisboa e do Porto; Serviço Social e Serviços Administrativos da Marinha Mercante; Aeronavegação e Pesca.

Assistiram aos trabalhos, como observadores, sócios da Ordem dos Médicos e dos Sindicatos de Caixeiros e Escritórios de Lisboa, Leiria e Porto.

O embate de dois autocarros na Av. da República

A propósito do embate de dois autocarros (um da carreira Camarate-Lisboa e outro da Carris), escreve-nos a empresa proprietária do primeiro uma carta na qual se salienta a «forma criteriosa e verdadeira» como o nosso redactor relatou a ocorrência, «*indo ao ponto de esperar pela reconstituição feita pela P. S. P., de onde se concluiu que o acidente não foi devido a deficiência dos travões do nosso autocarro*».

Na sua carta, a mesma empresa afirma ainda: «*É com a verdade que se dignifica uma profissão e com sacrifício e amor á mesma que essa mesma se desempenha, pois, se não fora a espera feita pelas conclusões das entidades competentes na reconstituição, certamente seria o V. redactor levado á conclusão de que o acidente fora motivado por deficiência nos órgãos de travagem, o que não aconteceu*».

NOVO INSPECTOR DE OBRAS PÚBLICAS

Por despacho do ministro Rui Sanches, foi nomeado inspector superior de Obras Públicas o eng. Luís da Fonseca, chefe de Repartição da Junta Central de Portos.

Formado em Engenharia Civil pelo I. S. T., o eng. Luís da Fonseca iniciou em 1927 a sua carreira, ingressando no quadro de Obras Públicas de Angola. Em 1933, entrou para o então Ministério das Obras Públicas e Comunicações sendo nomeado director do Agrupamento dos Portos de Portimão e Lagos. A partir de 1937 desempenhou o cargo de director do porto de Setúbal e em Janeiro de 1958 foi nomeado chefe da Repartição de Exploração Central de Portos e nesta qualidade serviu de presidente da Junta no período de 1958 a 1968.

ALEXANDRE O'NEILL VAI AO COLÉGIO

O poeta Alexandre O'Neill vai amanhã á tarde (17 e 30) ao Colégio Moderno ler poemas e participar num colóquio sobre temas literários. Esta promoção cultural destina-se aos alunos dos últimos anos, que há poucas semanas tiveram ocasião de ver e ouvir ao vivo Augusto Abelaira.

Necrologia

FALECIMENTOS

Maria Emília da Silva Romariz de Moura

Faleceu a sr. D. Maria Emília da Silva Romariz de Moura, de 72 anos, viuva, natural de Lisboa, madrinha da sr.ª D. Maria Eusébia Gomes Gonçalves.

Amanhã, ás 9 horas, na sua residência, Rua Cândido dos Reis, 16-A, em Algés, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral, ás 10 horas, para jazigo no cemitério da Conchada — Coimbra. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Barata.

FUNERAIS

Actor António Silva

Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do popular actor António Silva, que se efectuou, esta manhã, da basílica da Estrela para o talhão dos artistas do Cemitério dos Prazeres.

No préstito fúnebre incorporou-se elevado número de pessoas, especialmente gente ligada aos meios teatrais.

Entre muitas outras pessoas que se incorporaram no préstito ou apresentaram condolências contam-se os drs. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; Caetano de Carvalho, director-geral dos Espectáculos; eng.º Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa; dr. Luís de Oliveira Guimarães, em representação da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais; artistas Paiva Raposo, Alberto Ghira, Samuel Dinis, Raul de Carvalho, João Mendes, Mário Sargedas, Octávio de Matos, Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, José Viana, Barroso Lopes, Assis Pacheco, Virgílio Macieira, Rogédio Paulo, Badaró, Eurico Lisboa (Filho), Pedro Lemos, Luís Filipe, Raul Solnado, Ribeirinho, Igrejas Caeiro, António Vilar, Barreto Poeira, Armando Cortez, Maria Lalande, Irene Isidro, Hermínia Silva, Amália, Leónia Mendes, Maria da Paz; jornalista Rogério Perez; escritores Luís Francisco Rebelo, Aníbal Nazaré e Bernardo Santareno; empresário, Vasco Morgado e Giuseppe Bastos; maestros Silva Pereira e António Melo; eng.º Jaime Loureiro, administrador da R. T. P.; dr Fernando Fragoso; realizador Artur Duarte; etc.

Os Bombeiros Voluntários da Ajuda, de quem o popular actor era comandante honorário, fizeram guarda de honra e transportaram a urna.

Alves da Costa

O corpo do actor Alves da Costa, que faleceu anteontem, conforme noticiámos, deve ser transladado hoje do Hospital de Santa Maria para a igreja de São João de Brito.

O funeral, a cargo da Agência Magno, efectua-se amanhã, pelas 16 horas, do citado templo para o cemitério de Benfica. Às 10 e 30, é celebrada missa de corpo presente.

VÁ CONNOSCO
À XXII VOLTA A PORTUGAL

Num SUPLEMENTO ESPECIAL tudo sobre o mais tradicional rallye português: os concorrentes, os percursos, os controles, os horários, etc.

motor

SAIU HOJE

NESTE NÚMERO:

- ... E A «VOLTA» COMEÇA LOGO À TARDE
- ENTREVISTA COM O DIRECTOR DE PROVA (Maria do Céu)
- A RONDA DAS OFICINAS (Augusto Vilela)
- PREVISÃO: AMÉRICO NUNES, FAVORITO (José Pinto)
- FÓRMULA 1: SÁBADO BAIXA A BANDEIRA (Adriano Cerqueira)
- A EXPOSIÇÃO «ESTILISMO 70»
- NOVIDADES DA FIAT
- MOTONAUTICA EM SALVATERRA DE MAGOS
- KARTING: FALAR CLARO PARA «ANDAR» MAIS (Heriander Garcia)
- PAGINA DE AVIAÇÃO (Alves Saraiva)
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

motor ensaio

O A 112 GANHA AO 1275 GT
(PHILIPPE TOUSSAINT)

32 PÁGINAS PREÇO: 2$50

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

RESTAURANTE DIETÉTICO
A COLMEIA
Alimentação vegetariana e MACROBIÓTICA e qual cura doenças em 10 dias
RUA DA EMENDA, 110-2.º (Ao Camões) — T. 370500

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 5.30 H.
Rua das Portas St.ª Antão, 83
Telef. 323059

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
- JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

«A AQUISIÇÃO DE HABITAÇÕES POR BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA»

A propósito da carta que publicámos, sob o mesmo título, de um leitor formulando considerações de ponderar quanto ao problema implícito no título, escreve-nos o sr. António Mendes Lourenço, cujos pontos de vista nos parecem de ponderar:

«Sr. director. Venho por este meio expressar o meu aplauso á carta dum vosso leitor publicada na pág. 14 do v/conceituado jornal no dia 27 do corrente, dissertando sobre as alterações ao Decreto-Lei n.º 45 104 de 1963, no que se refere ás casas adquiridas através da Previdência.

«Foi, desde longa data, meu desejo adquirir o meu próprio lar, embora á custa de imensos sacrifícios e lutas originadas pelos encargos que isso me traria, mas pensando que o encargo mensal seria em meu benefício, pois, como sabemos, arrendar casa é pagar eternamente para uma coisa que nunca será nossa. Deste modo, resolvi mobilizar todas as economias e, inclusivamente, pedir auxílio a faque tenho o contrato de promiliares. Há quase um ano messa de compra e vtnda com os construtores e, em Setembro do ano passado solicitei á Caixa Geral de Depósitos o empréstimo. Se a escritura não foi feita em 1970, foi devido á morosidade, necessária ou não, da Caixa a estudar o meu pedido. Porém, quel não é o meu espanto quando tomo conhecimento de que o referido Decreto-Lei é alterado com validade imediata e sem qualquer consideração pelos casos que estavam em negociação e muito especialmente pelos que já tinham dado entrada na Caixa. Resulta daqui que, estando eu a contar com determinados encargos, me surgem outros com os quais não contava e que me trazem grandes problemas económicos por me serem retiradas, de um momento para o outro, as isenções que tinha. Parece-me, pois, que seria mais aceitável que houvesse um prazo para aplicação dessas alterações, ou, ao menos, que se aplicasse, como muito justamente considera o v/leitor, a lei anterior para os casos já em negociação. De resto, acho que, se a lei deve promover e facilitar o fomento habitacional, não é abolindo isenções que se atinge esse fim. Creio, mesmo, que a lei cada vez beneficiará menos famílias, visto que, considerando, por exemplo, o caso da casa, se o limite de 500 contos para isenção pode parecer aceitável, isto é, que por 500 contos qualquer família pode já ter um lar condigno, o que é certo é que, dado o encarecimento constante do custo de vida, dentro de pouco tempo nem com 500 contos se comprará uma habitação com duas casas assoalhadas, e, então, será o mesmo que não haver qualquer isenção. Consequentemente, as famílias mais numerosas, por precisarem de habitação maior, serão precisamente as menos beneficiadas.

«Seria justo pois que quem de direito analisasse este problema com a profundidade que ele me parece merecer».

O Teatro Experimental do Porto está em Lisboa (Casa da Comédia) com «Fim de festa», de Samuel Beckett, encenado por Júlio Castronuovo. Este apontamento do espectáculo («que vivamente recomendo», disse Carlos Porto) mostra António Reis e Diamantino Silvestre, que com José Brás e Nita Mercedes integram o elenco. Espectáculos todas as noites, ás 22 horas.

NOVO ARQUITECTO FORMOU-SE COM 20 VALORES

Concluiu o curso da Escola Superior de Belas-Artes, o arquitecto Tomás Taveira, que obteve a alta classificação de 20 valores, tendo apresentado, para tese, um notável trabalho intitulado «Discurso sobre a cidade».

Foram arguentes os professores Frederico Georges, Formozinho Sanchez e Fernando Schiappa tendo dissertado largamente sobre o trabalho apresentado.

O arquitecto Tomás Taveira, que trabalha presentemente no «atelier» Conceição Silva, tem já uma larga experiência em projectos onde colaborou, sendo os mais significativos o Hotel da Balaia no Algarve, Conjunto Turístico Ponta do Adoxe, em Tróia, Conjunto Urbano do Alto do Dafundo, Imóvel na Rua Castilho, (em construção), Fábrica de Discos de Valentim de Carvalho, em Paço de Arcos, Loja de Discos de Valentim de Carvalho, em Cascais, Sapataria Hélio na Rua do Carmo, Conjunto Residencial constituído por três Torres com 150 fogos, em Alferragide, realização do Plano Director da cidade de Évora, inquérito á população do Concelho de Loures, etc. É actualmente, chefe de produção do «atelier» Conceição Silva.

A TERRA DA GENTE TRISTE

A cidade é enorme — não me digam que não! Eu sei: a gente conhece-se toda, a cada esquina topa uma cara familiar. Isto é bom — dizem — porque «faz uma pessoa sentir-se menos só».

Por outro lado, há Londres, há Paris, há até, aqui mais perto, Madrid. Sei isso. Mas repito que Lisboa é enorme.

Aos que me contrariarem, direi que a cidade não é apenas o espaço dos seus limites geográficos. Nem tão pouco a fricza numérica dos seus quase novecentos mil habitantes.

Mais do que isso, a terra que mais amo no Mundo (embora não seja «alfacinha») é a sucessão dos dramas íntimos que se adivinham nas ruas, por trás de cada rosto sorumbático, quase inimigo, com que a gente se cruza.

Já viram mundo mais triste? Cada pessoa é uma fortaleza isolada, introvertida, inexpugnável, orgulhosa, que «vai á sua vida» e a quem pouco interessam as outras que a rodeiam.

«Les portugais sont toujours gais?» São «gais» uma ova! Pois não se dão conta, leitores meus desta cidade das «muitas e desvairadas gentes», do ar de enterro com que se viaja por aí, nesses eléctricos e autocarros, com que se passeia pela Baixa a ver as montras, com que se come nesses restaurantes e casas de pasto, etc.? Pois não vêem?

E vá lá um tipo, menos desinibido, mostrar-se comunicativo, expansivo, alegre, conversador. Acontece-lhe logo o mesmo que eu vi suceder áquele indivíduo, com ar de provinciano, que entrou há dois dias num «amarelo» da carreira da Graça: mal abrira a boca e já lhe saltava em cima uma gorducha, de costuras a rebentar de burguesia:

— Que falta de chá!

Somos, realmente, uns grandes pontos... negros.

TORQUATO DA LUZ

VISITA GUIADA AO MUSEU ETNOLÓGICO DR. LEITE DE VASCONCELOS

Organizada pelo Clube de Santo António dos Cavaleiros, em colaboração com a escola local, efectuou-se uma visita de cerca de setenta crianças, filhas de sócios da agremiação e de outros moradores, ao Museu Etnológico Dr. Leite de aVsconcelos. Esta visita, que se integra no plano de actividades do Clube de Santo António dos Cavaleiros, no ambito da acção de promoção cultural que está nos propósitos dos dirigentes da agremiação, constitui exemplo que muitas outras colectividades deveriam seguir, visando a valorização das camadas jovens das suas massas associativas.

As crianças manifestaram o mais vivo interesse e formularam perguntas sobre as quais foram amplamente elucidadas pela ajudante do conservador, sr.ª D. Margarida Ribeiro, que guiou a visita.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Consumo mínimo 60$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Tele 327256.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 (á noite) ✲ **Consumo mínimo 40$00—Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 213259 ✲ Encerra ás quartas-feiras**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8. — tel. 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Coelho de Jesus Miguel Silva e João Ferreira Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef 368579**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes. 10 ✲ Telef 860815**

LAR PORTUGUÊS

cantam: **José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda** Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramin Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 369760 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola, Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telefs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando Emílio Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) e Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431.**

ADEGA MESQUITA

cantam: **Fernanda Pinto, Francisco Martinho, Maria Amália Proença, Alcindo de Carvalho.** Tocam: **Jaime Santos, António Proença ✲ Rua Diário de Notícias, 107 ✲ Telefone 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADÁGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis 51-A ✲ Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telefone 667264.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3.30 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

vá jantar ou cear A FURNA
rua ferreira lapa, 38D
a duque de loulé-lisboa

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Bolte — Clube ✲ Ultimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra ✲ Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D ✲ Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

Karina: «En un mundo nuevo»

«DÓNDE ESTÁN LOS POETAS?»

A ESPANHA LEVA À DUBLIN UMA CANÇÃO COM LETRA EM ESTILO DE XAROPE

Foi oficialmente apresentada a canção que levará o nome da Espanha ao próximo Festival da Eurovisão. «En un mundo nuevo», original de Tony Luz, Trabuchelli e Waldo de los Ríos especialmente fabricado para Karina, (noiva do mesmo Luz), teve agora as honras de «première» diante da maior concentração de «disc-jockeys» por metro quadrado jamais vista no país vizinho — segundo escreveu um nosso colega de Madrid.

Karina, aliás María Isabel Llandés Santiago, comentou eloquentemente para quem quis ouvi-la:

— **Estoy muy contenta!**

E acrescentou, sorrindo:

— **Muy contenta!**

Estava vestida de verde, com um decote «levemente sexy» (continuamos a transcrever) e uma borboleta estampada à altura do tórax. Chegou 40 minutos atrasada à reunião. E, já sabemos «muy contenta, muy contenta». O nosso colega de Madrid é que põe dúvidas, pois acha que se não devia arrancar Karina «da canção de consumo, do baú das recordações e das flechas de amor». Ele lá sabe porquê.

Entretanto, eis aqui a letra da canção espanhola que irá a Dublin:

«Sólo al final del camino
las cosas claras verás.
la razon de vivir
y el por qué de mil cosas más.
Al mirar hacia atrás,
cuando llegues comprenderas.

Busca en las cosas sencillas
y encontrarás la verdad;
la verdad es amor,
lo demás déjalo pasar.
solamente el amor,
con el tiempo no morirá.

Al fin del camino se harán realidade,
los sueños que llevas en ti,
si en todo momento, en tu caminar,
la vida has llenado de amor y verdad.

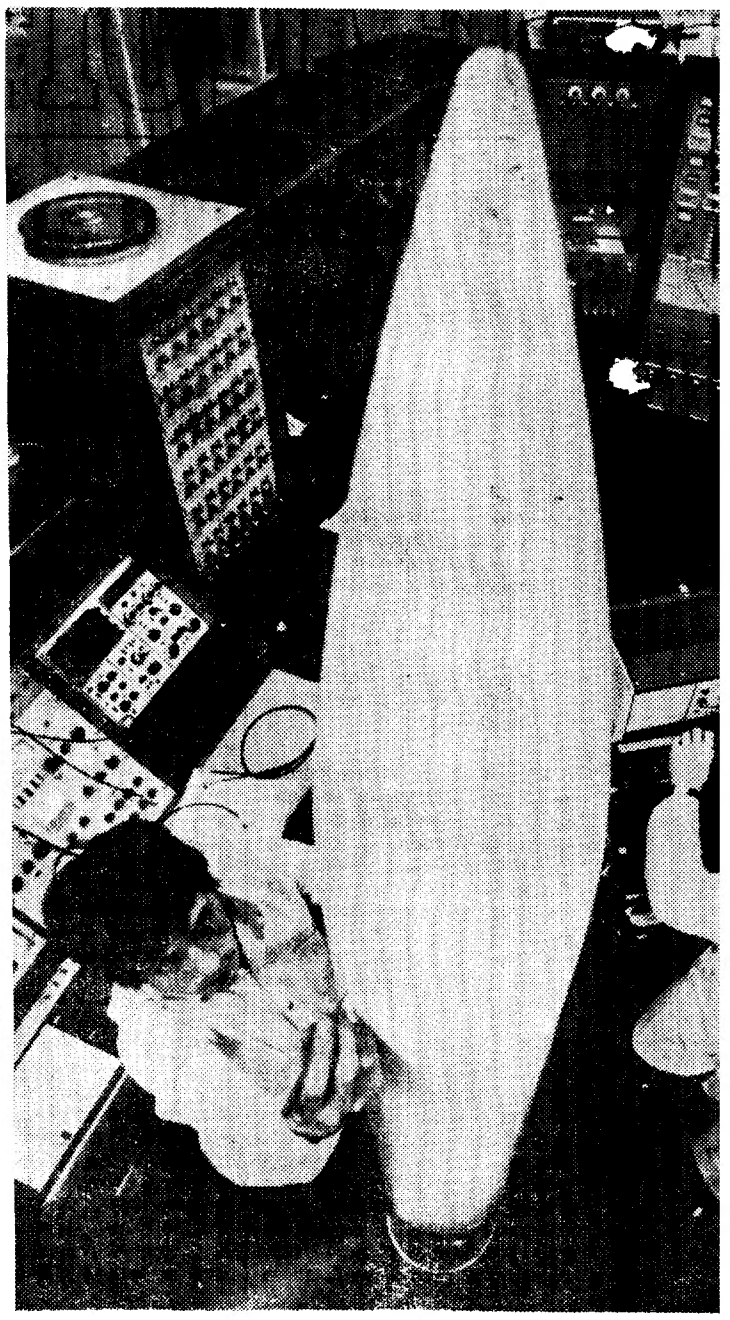
Al fin del camino podrás encontrar,
el bien que esperaste sentir.
Olvida el pasado, pues no volverá,
conserva el amor que hay en ti.

Al fin del camino habrá un despertar
de nuevo volver a vivir,
si en todo momento, en tu caminar,
la vida has llenado de amor y verdad.
Al fin del caminho en ti llevarás,
la fe y la ilusión de vivir.
Tus sueños de siempre serán realidad,
en un mundo nuevo y feliz.

REFRÃO

Tus sueños de siempre serán realidad,
si llenas tu vida de amor y paz
en un mundo nuevo y feliz.»

A «cantante» espanhola está contentíssima com o produto que levará a Dublin



SANGUESSUGAS «ASTRONAUTAS» — Oito centenas de sanguessugas, de oito centímetros de comprimento, estão prontas, na Alemanha, para serem lançadas no espaço. Dois dos animaizinhos deverão estar em órbita durante mais de um ano, e 70 outros seguiram já para os E. U. A., onde serão utilizados em usos de ensaio. Na foto, vê-se a ponta de um foguetão com quase dois metros de comprimento, na qual se colocarão duas biossondas, cada uma delas com uma sanguessuga. Uma aparelhagem especial fornece oxigénio, limpa o ar e a água e remove excrementos e películas das sanguessugas, que mudam de fato... isto é, de pele, de três em três dias. Os cientistas esperam com estas experiências fazer descobertas importantes sobre os fenómenos da redução da massa óssea e dos leucócitos observada nos astronautas

Ciclo de palestras sobre temas de Cultura Portuguesa

O novo ciclo de palestras intitulado «Temas de Cultura Portuguesa — Séc. XX», no Museu Nacional de Arte Antiga, prossegue amanhã, ás 18 e 30. A palestra está a cargo do prof. dr. Jorge Borges de Macedo, que tratará o tema: «As transformações da sociedade portuguesa no segundo post-guerra. A solução centralizada e o seu desafio, 1945-1960».

MESMO SEM «MARCHISTAS»

LISBOA TERÁ ESTE ANO A SUA «GRANDE MARCHA»

• ABERTO CONCURSO PARA O POEMA

«*Lisboa vem prá rua /que o Santo António é teu.*» O Santo António, é claro, continuará a ser nosso. A cidade, porém, é que não virá para a rua ver as marchas populares. O Município o quis, o Município o manda. Havia desinteresse popular. No entanto, alegrem-se os «alfacinhas» mesmo sem «marchistas» a desfilar pela Avenida, Lisboa terá a sua «Grande Marcha de 1971».

Assim, é a própria Camara Municipal a abrir, agora, concurso para o efeito (por enquanto, apenas no que se refere ao poema). Os prémios não são de desprezar. Ainda há «poesia» (neste país de poetas) que dá dinheiro. Ora, vejamos: á espera dos 1.º, 2.º e 3.º lugares estão nada menos que, respectivamente, 12, 8 e 5 contos.

Os concorrentes deverão entregar as composições até ás 16 horas do dia 30, na Repartição de Informação, Espectáculos e Turismo da C.M.L., no segundo andar dos Paços do Concelho.

«*A temática para as composições poéticas — diz-se num comunicado do Município — só poderá ser a exaltação do que há de belo e de saudável na cidade de Lisboa e na vida do seu povo: o culto dos santos populares, os bairros típicos, a história, os monumentos, a alegria de viver e de folgar, qualquer trabalho que fuja a estes elementos inspiradores, será eliminado, sem que haja direito recurso para qualquer entidade.*»

Aos autores é assegurado o direito da citação dos seus nomes em todas as notícias, anuncios ou programas dos espectáculos promovidos pela Camara, e que incluam a composição ou composições premiadas.

Logo que estejam classificadas as composições, abrir-se-á concurso para a parte musical.

O regulamento está á disposição dos interessados na Camara Municipal.

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A Ourivesaria da GUIA

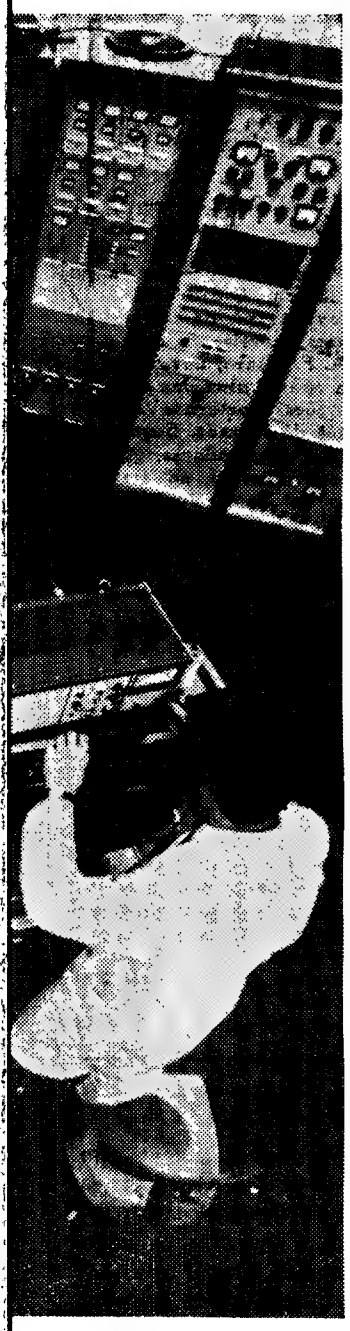
Fundada em 1875

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ACESSÓRIOS DE INDÚSTRIA
Casa Chaves Caminha
LISBOA: — Tel. 725163
PORTO: — Tel. 22556



A ILHA DA MADEIRA E AS CARÊNCIAS

Por RUI CAMACHO

Viver numa ilha não é necessàriamente estar perdido no mundo e no tempo, como podem julgar as imaginações continentais mais fecundas.

Para que realmente não o seja, não é já necessária aquela ingénua ignarância que sempre fez um nómada dos desertos ou um insular da Polinésia sentir-se no centro e o centro do mundo — um mundo medido a passo de camelo ou a remar de piroga Nem necessária é também a fleumática capacidade de se iludir com que os funcionários e colonos perdidos nas selvas do império britânico conservavam os hábitos do «five o'clock tea» e do «dinner-jacket» e cada dia liam metòdicamente um só exemplar do «Times» tirado por ordem de datas do monte que de meses a meses recebiam.

A Madeira, em certos aspectos, não se poderá queixar de afastamento do mundo, mais do que a maioria das regiões continentais do País. Ligada a Lisboa por uma média de dois voos diários de 90 minutos, está mais perto da capital — em tempo, não em preço, bem entendido — do que muitas cidades de província. Mas o avião a jacto e outros lugares comuns da técnica moderna entraram de tal modo no quotidiano, que já ninguém lembra as vantagens que um dia trouxeram. Fala-se mais das vantagens ainda não conquistadas — o que é sempre legítimo e no caso da Madeira, tem justificações concretas.

Virando quase exclusivamente para o turismo as suas ambições de desenvolvimento económico, a ilha não poderá ignorar as carências que obstam à sua perfeita integração no mundo, nem aceitá-las com resignação. O turista actual não se satisfaz com as possibilidades de transportar-se com rapidez e comodidade Quer ser transportado logo que disso tem necessidade — o que constitui um desejo muitas vezes irrealizável, quando se esgotam as lotações da TAP, única companhia aérea que opera regularmente para o Funchal — e exige sobretudo um equipamento de telecomunicações sem falhas nem demoras — o que a Madeira está longe de lhe poder oferecer

Uma informação recentemente publicada pelo «Diário de Notícias» local vem dar novo alento às esperanças de solução dos problemas desse sector. Segundo essa notícia, que não foi confirmada nem desmentida oficialmente, entrará ao serviço, no fim do próximo ano um cabo telefónico submarino Lisboa-Funchal, com capacidade suficiente para a realização simultânea de 60 ligações telefónicas e 60 ligações de teleimpressores.

Parece, por isso, estar próximo o fim de uma situação que não poucos prejuízos tem causado às actividades económicas da ilha e é ainda obstáculo considerável ao desenvolvimento do turismo local.

A má qualidade e a saturação dos circuitos telefónicos torna pouco mais do que teórica a possibilidade de conversações internacionais e provoca demoras imprevisíveis nas conversações entre a ilha e o continente português que, muitas vezes, são também inaudíveis

Tudo isso não chega talvez a ser tão grave como o isolamento das redes nacional e internacional de telex em que a Madeira persiste. À excepção da delegação da TAP, que teve de solucionar a necessidade inevitável de telex com um circuito de ligação permanente, nenhuma empresa ou órgão de informação beneficia ainda hoje deste sistema de comunicação, tanto pela inexistência de uma central como pela falta de infraestruturas necessárias ao uso sistemático de circuitos permanentes, cujo custo astronómico é, aliás, verdadeiramente proibitivo

Quando o telex é o meio de rotina nas comunicações comerciais, quando nele se apoiam os serviços de reservas das companhias de transportes, das empresas de turismo e das cadeias de hoteis, é fácil estimar-se o entrave que a sua falta representa para o comércio importador e exportador da Madeira e para todas as actividades relacionadas com o turismo, sobretudo para as agências de viagens e hoteis.

Viver numa ilha não é necessàriamente andar perdido no mundo e no tempo — mas torna necessário que se acompanhe o andar do mundo no tempo e que a tempo se ganhem as conquistas fundamentais do mundo. No prazo agora anunciado, ou mais tarde, o telex acabará por chegar à Madeira. O que já é certo é que não chegará cedo

Funchal, Fevereiro.

Um rendimento certo isento de impostos

TAXAS DE JURO

Depósitos a ordem
(pessoas individuais)

Até 50 contos 3% ao ano

Excedente a 50 contos 1,5% ao ano

Depósitos a prazo
(entidades privadas)

6 meses, renovável 4,75% ao ano

1 ano, renovável 5,25% ao ano

15 meses, renovável 5,75% ao ano

Importâncias múltiplas de 1000$00 com o mínimo de 10 000$00

Depósitos Poupança-Habitação

vencem juros à taxa dos depósitos à ordem, mas quando concedidos os empréstimos a que dão direito, é-lhes atribuido um suplemento de forma a beneficiarem da taxa de

5,75% ao ano

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

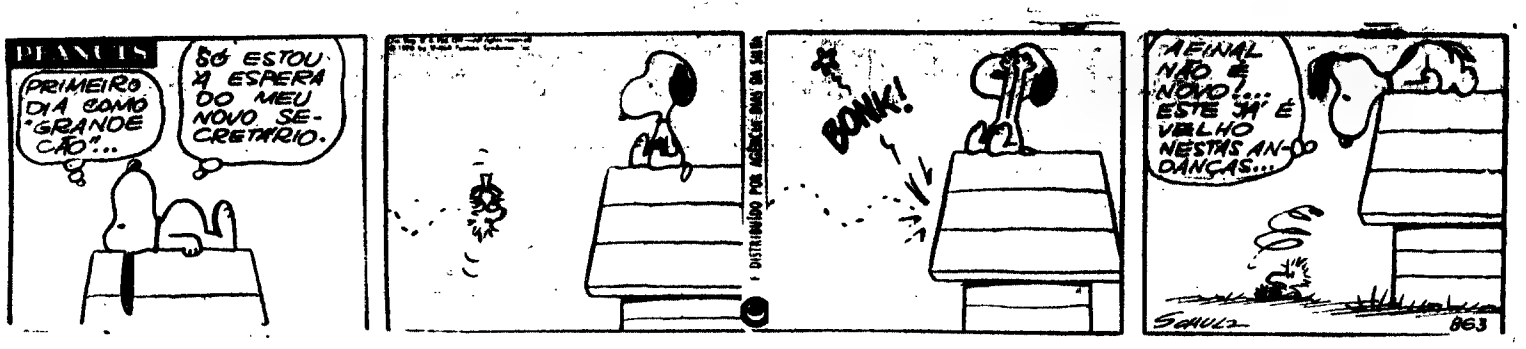
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

informações em qualquer dependência da Caixa

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Março de 1941 publicava:

«LONDRES, 4 — O clarão das explosões das bombas e o fogo dos canhões anti-aéreos que do sueste da Grã-Bretanha se avistavam na costa francesa revelavam que a R. A. F. estava, novamente, a operar uma das suas incursões nocturnas aos portos de invasão. Segundo os observadores que se encontravam no condado de Kent, Boulogne e Calais foram mais uma vez os objectivos desses ataques.»

MARQUESA DE VALVERDE

O Cenáculo Poético Marquesa de Valverde promove, esta noite, ás 22 h., na Casa do Concelho de Gouveia, uma conferência pela prof.ª D. Maria Lucinda Guedes dos Santos, ilustrada com poesias ditas pelos declamadores Berta Corado, Maria de Alenquer, Artur Tojal, Coimbra de Resende e actor António Sarmento.

A entrada é livre.

MORADIAS

Vendem-se, a estrear com lindas vistas e nos melhores locais de Carcavelos, Parede, Cascais e Costa da Caparica — Lotes de terreno para moradias, lindas vistas, perto da estação, em Cascais — andar a 50 metros da praia, na linha do Estoril — Quintarola, perto do Estoril. Trata a firma proprietária Tecnicimento, escritórios, Av. 5 de Outubro, 31 r/c. — Telefones: 53 97 73 e 53 97 74 Lisboa ou 77 16 64 residência do sócio gerente. Também compramos terrenos para prédios, moradias e armazéns.

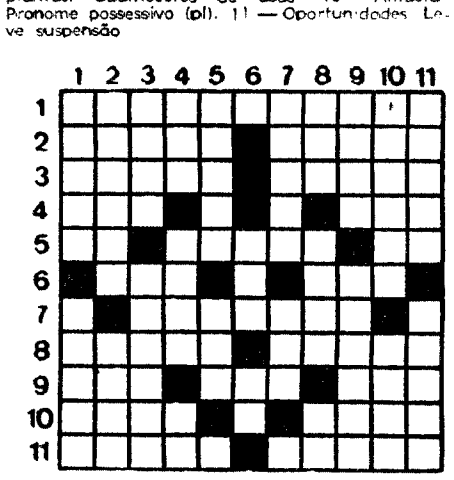
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5822

HORIZONTAIS: 1 — Afirmaram. 2 — Para ser tido para usos industriais. Mete em mala. 3 — Praia. Região montanhosa da Ásia Central. 4 — Bondoso. Tempo do verbo ser. Artigo definido. Guarneça de asas. 5 — Campeão. Empunhara. Artigo definido. 6 — Agora. Pátria. 7 — Desacertadas. 8 — Debruou. Guarnece de arames. 9 — Pronome relativo. Passado. Criminoso. 10 — Dá uivos. Divindade. 11 — Nasce. Pronome possessivo (pl).

VERTICAIS: 1 — Termina. Pancada. 2 — Que tem soro. Mau. 3 — Fechem as asas para descer mais depressa. Desculpa. 4 — Época. Ilha do Pequeno Belt. Prefixo de privação. 5 — Cor vermelha nos brasões. Nome de homem. 6 — Castigo. Oferece. 7 — Refazer. Rio de Portugal. 8 — Gosta muito de. Içar. Luto. 9 — A folhagem das plantas. Guarneceres de asas. 10 — Amaciar. Pronome possessivo (pl). 11 — Oportunidades. Leve suspensão.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5821

HORIZONTAIS: 1 — Vilão. Atura. 2 — Ermas. Cremar. 3 — Mova. Aer. DO. 4 — Ladina. Fim. 5 — Gorada. Pioa. 6 — Ion. 7 — POUPAR. Rama. 8 — Birras. Lar. 9 — Vive. Nas. Sa. 10 — Atas. Anssó. 11 — Soror. Erras.

VERTICAIS: 1 — VIEM. Gap. Vás. 2 — Mole. Óbito. 3 — Lavar. Uivar. 4 — Asada. Preso. 5 — Id. Ar. 6 — Cano. Rana. 7 — Área. Sane. 8 — TER. Por. Sir. 9 — Um. Final. Sr. 10 — Radio. Massa. 11 — Aroma. Araás.

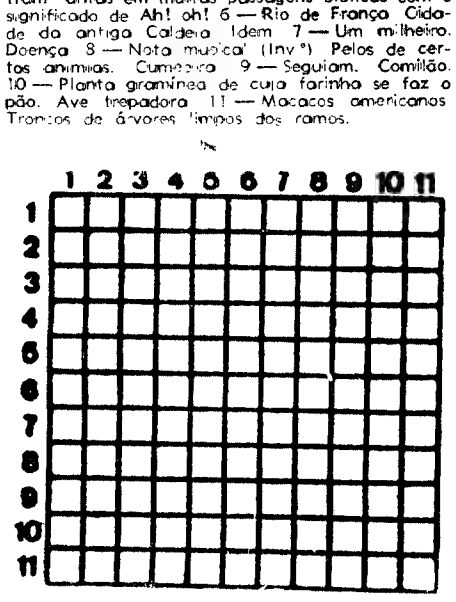
Provérbio: DO POUPAR VEM O TER

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9665

HORIZONTAIS: — Freguesia do concelho de Barcelos. Pífaro. 2 — Justapor. Cidade de Portugal. 3 — Cólera. Acento. Mitologia (abrev.). 4 — Preposição e artigo definido. Freguesia do concelho de Cantanhede. Medida japonesa igual a dois decilitros. 5 — Bocoado, pequeno. Laçados. 6 — Em partes iguais. Sanitário. 7 — Por baixo de. Armaria. Matemática (abrev.). 8 — Retesa. Que não tem antenas ou tentáculos. 9 — Vila e sede do concelho (Vila Real). Labutar. 10 — Planta da família das opuráceas. Habito. 11 — Cantaros. salmos.

VERTICAIS: — Freguesia do concelho de Santana (Madeira). Curas. 2 — Dá entrada (o barco). Letra grega. 3 — Rate. Vila e sede de concelho (Guarda). 4 — Caminhar. Vazia. Mau. 5 — Pronome possessivo. Três iniciais que se encontram untas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! oh! 6 — Rio de França. Cidade da antiga Caldeia. Idem. 7 — Um milheiro. Doença. 8 — Nota musical (Inv.º). Pelos de certos animais. Cumeeira. 9 — Seguiam. Comilão. 10 — Planta gramínea de cuja farinha se faz o pão. Ave trepadora. 11 — Macacos americanos. Troncos de árvores limpos dos ramos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 9664

HORIZONTAIS: 1 — Émeso. Eupen. 2 — Dor. Fampa. 3 — Ar. Meloa. 4 — Gás. Cal. 5 — Copas. Capa. 6 — Repartimos. 7 — Ovar. Roído. 8 — Lar. Mad. 9 — Coval. Pu. 10 — Tomar. Gap. 11 — Apura. Apego.

VERTICAIS: 1 — Edam. Rut. Ba. 2 — Mor. Cevar. 3 — Er. Topar. Tu. 4 — Par. Cor. 5 — Ofegar. Momo. 6 — Alastrava. 7 — Eros. Iodara. 8 — Upa. Cri. 9 — Pá. Caída. Ge. 10 — Japão. Pag. 11 — Ni. Lãs. Papo.

A Agricultura e o Turismo na agenda da Comissão de Planeamento da Zona Centro

COIMBRA, 4 — Está em curso um ciclo de reuniões da Comissão de Planeamento da Zona Centro, a primeira das quais, sob a presidência do eng.º Engrácia Carrilho decorreu no palácio da Quinta dos Lóios, futura sede da comissão. Noutras duas foram tratados problemas da agricultura e do turismo.

Estiveram presentes os chefes dos distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu, e todos os componentes da Comissão de Planeamento, eng.º agrónomo Carlos Manuel Ferreira Maia, dr. Simplício Barreto Magro, eng.ºs Julio de Araujo Vieira e António Ribeirinho Alves Soares, drs. Joaquim Emídio Sequeira de Faria e José Pais Ribeiro; o director-geral do Secretariado Técnico do Planeamento Económico, eng.º Correia Gago e o eng.º Varela, especialista do mesmo Secretariado.

A primeira reunião, de carácter privado, prolongou-se por duas horas, e no decurso da mesma foram tratados assuntos de carácter administrativo. Terminou com a eleição do vice-presidente da referida comissão, eng.º Araujo Vieira, que acumulará aquele cargo com o de presidente da Camara Municipal de Coimbra.

Estão previstas mais quatro reuniões.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

REBITES DE NYLON TAPIT

Novo sistema de fixação em betão, ferro, madeira grossa ou fina, contraplacados, estafes, tijolos, rodapés, carrocerias, decorações, instalações, alcatifas, etc. Evita tacos de madeira e buchas de plástico. Não importa o local de fixação, seja maciço ou furado. Fixa mesmo e é económico. **USE TAPIT.**

ENVIAMOS CATÁLOGOS E AMOSTRAS

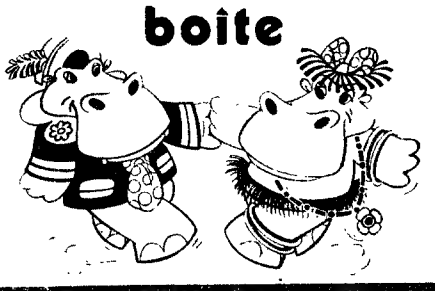
À VENDA NAS BOAS CASAS DE FERRAGENS

Agente importador para Portugal

ANTÓNIO FIGUEIRA

RUA MARQUÊS DA SILVA, 89, R/C., DT.º — LISBOA

TELEF. 56 09 78



Conjunto privativo e musica de discos

AMBIENTE SELECCIONADO

Aberto das 22 ás 5 horas M. 17 anos

Av. António Augusto de Aguiar, 3 — Telef. 48384

ESPECIALISTAS DE GESTÃO DE EMPRESAS NA SIDERURGIA NACIONAL

O curso de especialistas de «management» do Centro de Estudos Industriais de Genebra, que se encontra em missão de estudo no nosso País há alguns dias, visitou ontem as instalações da Siderurgia Nacional e participou num colóquio sobre a organização e administração da empresa, orientado pelos seus mais altos dirigentes. O grupo visitante, constituído por 43 elementos categorizados dos quadros superiores das actividades económicas de dezasseis países, dirigiu-se de manhã para o núcleo fabril do Seixal, onde foi recebido pelos srs. eng.º prof. H. Estácio Marques, eng.º Ricardo Bayão Horta, director de exploração, e chefes de serviços técnicos de vários sectores da nossa indústria do aço. Depois de uma exposição sobre a estrutura da unidade industrial siderúrgica, apresentada pelo eng.º Estácio Marques em face da «maquette», os visitantes percorreram demoradamente as instalações, incluindo as novas secções de fabrico de carris para caminhos de ferro e a fábrica de laminagem a frio e galvanização, assistindo a algumas operações de produção.

Os especialistas de gestão empresarial do Centro de Estudos Industriais puderam, assim, apreciar o funcionamento normal de uma moderna unidade fabril em desenvolvimento e informar-se sobre as suas estruturas de exploração no quadro complexo da produção siderúrgica.

Terminada a visita á fábrica, a administração da Siderurgia Nacional ofereceu um almoço aos visitantes no restaurante da Feira das Indústrias Portuguesas. O dr. Daniel Dunand, coordenador do curso e orientador da visita, salientou no final do almoço o interesse instrutivo desta jornada de contacto com um dos sectores mais adiantados da indústria portuguesa, fazendo a apreciação das suas instalações modelares e da sua moderna organização. O sr. eng.º Amílcar Marques, administrador e secretário-geral da Siderurgia Nacional, que presidiu ao almoço, saudou as individualidades estrangeiras presentes, fazendo votos pela sua proveitosa estadia em Portugal.

Realizou-se, em seguida, um colóquio na sala das sessões da Associação Industrial Portuguesa, com a presença de outros dirigentes superiores da Siderurgia Nacional, designadamente os srs. dr. José António da Costa, director-administrativo, eng.º Ricardo Bayão Horta, director de exploração e engenheiros que chefiam diversos departamentos da empresa. O sr. eng.º Amílcar Marques fez uma demorada exposição sobre as condições em que surgiu em Portugal a indústria do aço, como factor primacial dos objectivos e necessidades de desenvolvimento da economia do País, assinalando que o empreendimento foi baseado, desde início, num planeamento financeiro e técnico meticulosamente estabelecido. A indústria siderúrgica portuguesa, acentuou, deu nomeço às suas actividades produtoras em 1961, num país de recursos modestos que intentava acelerar o ritmo do crescimento económico. Com apoio no sector dos cimentos e nas suas tradições já firmadas de organização e produtividade, não só em Portugal metropolitano como em Angola e Moçambique, a Siderurgia pôde arrancar para uma exploração progressiva e é hoje uma das empresas mais importantes no quadro da economia portuguesa. Aludiu ainda o sr. eng.º Amílcar Marques aos programas em curso de ampliação da indústria do aço, aos projectos que se projecta pôr em marcha em Portugal metropolitano e ultramarino, sobretudo nos sectores siderúrgico, químico e petroquímico e à vontade corajosa e enérgica que está a impulsionar essas realizações fundamentais para o desenvolvimento da economia portuguesa.

Seguiu-se um período de perguntas e respostas em que intervieram diversos membros do curso de gestão do Centro de Estudos Industriais e os dirigentes da Siderurgia Nacional e que permitiu esclarecer diversos aspectos da estrutura, organização e actividades da empresa, bem como a sua missão na economia nacional e projectados desenvolvimentos futuros. Finalmente, os visitantes dividiram-se em quatro grupos especializados que debateram, sob a orientação e esclarecimento de dirigentes técnicos da Siderurgia Nacional, problemas gerais de administração e «marketing», problemas financeiros e administrativos, questões de exploração industrial e políticas sociais e de pessoal.

APARECEU O «NICE»

O «Nice», pastor alemão dos Bombeiros Voluntários da Ajuda que tinha ficado há dias abandonado (inadvertidamente) em Bicesse, acabou por aparecer. Foi através do nosso jornal que um leitor de Cascais, pai de uma aluna do Liceu de Cascais, ficou a saber que tinha em casa a mascote da prestimosa corporação.

O «Nice» fartou-se de andar á pata, coitado. Indo postar-se na entrada do liceu, a menina viu-o, gostou dele e levou-o consigo. E acabaria aqui a história se o cão não tivesse já dono. Aliás donos, e muitos — satisfeitos agora com o desfecho para que colaborámos.

Procissão dos Passos da Graça

É no domingo, ás 15 e 30, que sai a tradicional procissão dos Sagrados Passos da Graça.

Presidirá o bispo de Tijuana e o itinerário é o seguinte: Largo da Graça, Rua da Voz do Operário, Rua de S. Vicente, Rua de Santa Marinha e Calçada da Graça.

Outros casos de reversão de terrenos para a Câmara

(Continuação da 1.ª página)

guardarem a execução dos trabalhos para época mais favorável ou de conservarem os terrenos á espera de mais valia, impedindo assim a sua entrada em função como elementos dos planos urbanísticos.

Geralmente, o prazo para início dos trabalhos é de seis meses a contar da data da adjudicação e o da construção costuma variar entre um e dois anos. Em casos especiais, devidamente justificados e aceites pela Câmara Municipal, cada um daqueles prazos poderá ser prorrogado, *uma unica vez*, por seis meses.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

As condições de pagamento são, em resumo as seguintes:
— 20%, logo após a adjudicação;
— 30%, 12 meses após a adjudicação;
— 50%, 18 meses após a adjudicação.

De um modo geral, os adjudicatários dos terrenos assim alienados, procuram cumprir os prazos estipulados, principalmente os de mais débil capacidade financeira e os que, embora financeiramente fortes e desfrutando de largo crédito, são dotados de boa mentalidade industrial e procuram cumprir o que contrataram.

Outros, porém, usam de todos os truques para violarem as condições de praça, visando conseguir lucros fabulosos á custa do interesse geral.

«A especulação não seria tão grave» — disse-nos um abalizado técnico de construção civil — *«se os especuladores fossem obrigados a cumprir os prazos de pagamento, mas a verdade é que o Município só cobre a segunda prestação (30%) depois de betonado o primeiro piso acima do nível do arruamento»*.

Há também quem execute a terraplenagem, muros de suporte e fundações, suspendendo depois os trabalhos sob qualquer pretexto. Neste caso o investimento é apenas de 20% (dado que não se constrói o primeiro piso) — e o terreno fica á espera de melhores dias, para então ser vendido com chorudo lucro.

Um grande proprietário lisboeta disse-nos pensar que não anda longe da realidade quem afirma que a taxa média da valorização dos terrenos na cidade, durante a década passada, foi de cerca de 20% ao ano, quando não superior.

E assim é, que, no fim de contas, quem entra no jogo deste tipo de especulação (com outras alcavalas) acaba por obter juros da ordem de 100% ao ano. A custa da Câmara que investiu na urbanização, e dos antigos proprietários do terreno que, deste modo, esperam indefinidamente pela sua quota parte. O próprio Estado é lesado, na medida em que sómente muitos anos depois arrecada as correspondentes contribuições.

«Juros e benefícios desta monta são dignos de mestre Hakhabut» — comenta um engenheiro, leitor de Julio Verne.

O mesmo técnico pôs também em relevo os interesses lesados dos munícipes, pois daquele modo se entravam os planos de urbanização e faltam infra-estruturas de toda a espécie para locais onde as construções foram previstas para se concluir mais ou menos ao mesmo tempo. Assim se entrava, inclusivamente, o desenvolvimento da cidade.

Estes e outros factos, bem pesados por quem de direito, estiveram na base dos motivos que desencadearam a chamada «campanha de moralização».

Os outros casos de reversão parece estarem para «rebentar». Um porta-voz da C. M. L. não confirmou nem desmentiu, «até porque a instrução dos processos é secreta, antes de sobre o caso incidir o despacho do presidente». No entanto, garantiu que «a letra dos regulamentos será aplicada e onde houver prevaricação haverá castigo».

INAUGURADO O EDIFÍCIO ACRÓPOLE DE LISBOA

Considerado o expoente máximo da construção civil em todos os seus pormenores, o edifício Acrópole de Lisboa foi ontem inaugurado, tendo sido percorrido, em demorada visita, por pessoal técnico dos vários serviços municipais, arquitectos e engenheiros, representantes de organizações bancárias e de fornecedores. Deve salientar-se a situação privilegiada do edifício, que se ergue na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, junto á Avenida Duarte Pacheco.

Com efeito, o edifício é, presentemente, o mais alto de Lisboa, e não só isso, situado ao nível da costa do mar, embora não pareça, o seu piso térreo conseguiria estar acima do Castelo de S. Jorge se os pusessem a par. O andar-modelo, ontem mostrado aos convidados, dispõe de todos os requisitos de conforto e foi equipado com os mais modernos materiais.

FERREIRA DA CUNHA

Comemorando o 70.º aniversário do nascimento de Álvaro Abranches Ferreira da Cunha, a família do malogrado repórter fotográfico do nosso prezado colega «Diário de Notícias», manda celebrar missa, amanhã, dia 5, pelas 12 e 15, na capela do Hospital de Arroios.

A saúde e o destino do homem

— uma comunicação do prof. Miller Guerra apresentada à Academia das Ciências

«À medida que a ciência e a sociedade avançam, o conceito de saúde torna-se gradualmente mais exacto. Porém, não é de crer que chegue à precisão dos conceitos científico-naturais, visto tratar-se de uma noção vinculada à concepção da vida e do destino do homem».

Isto afirmou, em conclusão, o dr. Miller Guerra, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, na comunicação que hoje apresentou à Academia das Ciências, numa sessão presidida pelo prof. Amorim Ferreira.

Falando da «Ambiguidade dos Conceitos de Saúde e Doença», o prof. Miller Guerra começou por dizer que a noção de saúde, assim como a noção correlativa de doença, procede da convergência de elementos científico-médicos e socioculturais. Desta dupla origem resulta a ambiguidade que sempre acompanhou estes conceitos através do tempo e que hoje em dia se acentua e torna manifesta. Daqui promana uma das contradições ou paradoxos das relações entre a medicina e a sociedade, que se pode formular da seguinte maneira: à medida que certas doenças são jugulados, outros males aparecem, que geralmente não eram notados ou sentidos anteriormente como doenças, mas tolerados como estados mais ou menos normais, em razão dos quais se não ia ao médico.

Desta maneira — prosseguiu o prf. Miller Guerra —, combatendo a doença, reduzindo as taxas de mortalidade e de morbilidade, a saúde aumenta por certo, mas não na proporção que se podia esperar do progresso médico. Se certas afecções desaparecem, outras surgem, de modo que há quem pense que o progresso causa mais enfermidades do que aquelas que cura. Os pessimistas têm aparentemente razão, porque não oferece dúvida alguma de que numa sociedade evoluída o número de pessoas que procuram o médico, os hospitais e os serviços médico-sanitários, é muitíssimo maior do que numa sociedade atrasada. Mas deste facto só se pode concluir que a consciência da saúde e da doença se afina e aperfeiçoa com o progresso cultural, e que quando o homem toma consciência de uma necessidade a quer satisfazer.

Disse, ainda, aquele professor que a noção de saúde modifica-se e, com ela, a consciência do direito de acesso aos serviços médicos. O que desaparece sem deixar saudades, é a resignação tradicional em face da dor e da enfermidade. Cada vez há menos gente conformada com estados de sofrimento inútil e remediável, e cada vez se desenvolve com maior firmeza e desejo de utilizar plenamente os recursos que a ciência faculta e que não podem circunscrever-se a grupos sociais restritos, mas têm de ser generalizados, acabando-se—ou caminhando-se rápidamente para isso — com as desigualdades provenientes da deficiência dos serviços e das incertezas da política social. A civilização significa igualdade, ou então pouco ou nada significa.

O Estudo da Publicidade na Reforma do Ensino

No recomeço das suas actividades, o Clube Português dos Publicitários promove, no próximo dia 9 ás 21 e 30, na Feira das Indústrias Portuguesas, uma palestra — debate, a primeira de um ciclo sobre temas de orientação e valorização profissionais.

Esta palestra será dedicada ao tema «O Estudo da Publicidade na Reforma do Ensino» e será orientada pelo prof. dr. Alberto Ralha, presidente do Secretariado da Reforma do Ensino.

SURDEZ?

- SOFRE DESTE FLAGELO?
- PORQUE ESPERA?
- VIENNATONE DISPÕE DOS MAIS MODERNOS E EFICIENTES APARELHOS PARA CORRECÇÃO DA SURDEZ.

ÓCULOS E APARELHOS SECRETOS PARA USAR POR DETRÁS DA ORELHA.

- AINDA QUE O SEU CASO SEJA O MAIS DIFÍCIL, CONSULTE O SEU MÉDICO E FAÇA UMA EXPERIÊNCIA SEM QUALQUER COMPROMISSO.

VIENNA viennatone

Av. de Roma, 29 - 1.º P. 1 • Telefone 77 74 74 • LISBOA

Actualidade internacional

SETE HELICÓPTEROS ABATIDOS NUM SÓ DIA NO LAOS

SAIGÃO, 4 — (F. P. e R.) — Sete helicópteros de combate americanos foram abatidos no Sul do Laos sómente durante o dia de ontem — indicou esta manhã o porta-voz americano em Saigão. Foi morto um soldado americano, dez outros ficaram feridos e seis foram dados como desaparecidos — esclareceu o porta-voz.

É o número mais elevado de helicópteros americanos abatidos num só dia no Sul do Laos desde o começo da ofensiva das tropas sul-vietnamitas, em 8 de Fevereiro. Foram abatidos desde essa data 29 helicópteros americanos no Sul do Laos, provocando 17 mortos e 31 feridos — precisou o mesmo porta-voz, que indicou ainda que 20 soldados americanos foram dados como desaparecidos.

O comando americano em Saigão revelou que decidiu aumentar a cobertura aérea fornecida ás tropas sul-vietnamitas que operam no Laos e no Camboja.

OS CÓMBATES DE TANQUES SÃO DIÁRIOS

Os combates de tanques são diários ao longo da «pista Ho Chi Minh», ao norte da estrada n.º 9, e nesta, entre o posto avançado dos blindados sul-vietnamitas de Luoi e a cidade de Tchepone, que a guarda-avançada sul-vietnamita tenta alcançar.

As forças norte-vietnamitas — anuncia uma fonte militar sul-vietnamita autorizada — têm nesta região pelo menos seis esquadrões de 12 tanques cada (dos modelos T-34 e PT-76).

Os norte-vietnamitas atacam apenas de noite, na altura em que os sul-vietnamitas, desconhecedores do terreno, têm mais dificuldades em passar ao contra-ataque.

O vice-presidente Cao Ky partiu hoje para o Sul do Laos e tenciona passar pelo menos esta noite na frente de batalha com os soldados sul-vietnamitas que atacam a «pista Ho Chi Minh» — revelou um informador oficial.

PESADAS BAIXAS SUL-VIETNAMITAS

Por outro lado, um informador oficial do presidente Van Thieu declarou que o Vietnam do Sul não tem de momento quaisquer planos para invadir o Vietnam do Norte.

O informador disse que esta declaração é feita para esclarecer um discurso do presidente em que ele avisou ontem Hanói de que o Vietnam do Sul poderia ser forçado a invadir o Vietnam do Norte, caso Hanói não retirasse as suas tropas do Sul.

Este esclarecimento coincide com a notícia de que as tropas governamentais travaram violentos combates na província de Kontum, ao mesmo tempo que os norte-vietnamitas bombardeavam com foguetões e artilharia uma posição sul-vietnamita junto da zona desmilitarizada.

Segundo informações recebidas em Saigão, as tropas sul-vietnamitas sofreram pesadas baixas na luta com os guerrilheiros.

OS TANQUES MAIS MODERNOS DO EXÉRCITO SOVIÉTICO

SAIGÃO, 4 — (F. P.) — Os tanques T-54 fizeram a sua aparição há dois dias no Sul do Laos, nas proximidades da Colina 30, mantida pelas forças sul-vietnamitas e situada a cerca de 27 quilómetros ao sul da fronteira norte-vietnamita — soube-se hoje em Saigão, de fonte militar sul-vietnamita autorizada.

É a primeira vez que a presença destes tanques, os mais modernos do Exército soviético, é assinalada no Sul do Laos.

O T-54 é um modelo melhorado do antigo T-34, que continua a ser utilizado pelas forças norte-vietnamitas no Sul do Laos, juntamente com o T-33.

Tem uma tripulação de quatro homens, sendo um tanque anfíbio de 40 toneladas, que pode atingir a velocidade de 50 quilómetros por hora. Está equipado com um canhão de 100 milímetros e uma metralhadora pesada que pode ser utilizada como arma antiaérea.

No entanto, ainda não houve qualquer recontro entre os T-54 e os tanques M-113, americanos, com que estão equipadas as tropas sul-vietnamitas que operam no Laos — salienta a mesma fonte.

Boicotagem das conversações

PARIS, 4 — (R.) — Os chefes das delegações de Hanói e do Vietcong á conferência de Paris boicotaram a sessão de hoje, em sinal de protesto contra os ataques americanos ao Vietnam do Norte, enviando os respectivos adjuntos para ditar os protestos para a acta da sessão.

A atitude dos chefes de ambas as delegações segue-se a comunicados especiais emitidos pelo chefe da delegação de Hanói, Xuan Thuy e pela sr.ª Nguyen Thi Binh, da delegação do Vietcong, em que afirmavam que o Governo de Nixon estava a preparar «novas aventuras militares» contra o Vietnam do Norte.

EM ESTADO DE ALERTA AS TROPAS EGÍPCIAS AO LONGO DO CANAL

CAIRO, 4 — (A. N. I e F. P.) — O presidente egípcio Anwar Sadat convocou para uma reunião de emergência, a realizar hoje, os seus principais auxiliares, enquanto as tropas egípcias ao longo do Canal de Suez entraram no estado de alerta completo, visto o cessar-fogo terminar no domingo.

Em círculos políticos bem informados diz-se que á reunião assistem os chefes militares e políticos do país.

O presidente pronunciará um discurso antes de 7 do corrente — anuncia o jornal «Al Ahram», esclarecendo que o discurso será transmitido pela Rádio e pela Televisão, antes de terminar o prazo do cessar-fogo.

«Al Ahram» anuncia ainda que o chefe do Estado egípcio teve nas últimas horas importantes contactos no plano internacional.

Novas e importantes divergências teriam surgido entre os Estados Unidos e os restantes três «grandes», a propósito do cessar-fogo no Médio Oriente e, de uma maneira geral, quanto àquilo que os «quatro grandes» poderiam fazer para dinamizar a missão Jarring.

Segundo consta na capital egípcia, cada um dos quatro teria preparado um projecto de comunicado a publicar no final da reunião de hoje, da qual poderá depender a prorrogação ou não do cessar-fogo que expira no domingo.

É difícil a quatro dias do termo da trégua, já prorrogada, por três vezes, desde 7 de Agosto de 1970, fazer prognósticos quanto ao que se passará no domingo. Todavia, uma não-prorrogação do cessar-fogo não envolverá necessáriamente o recomeço das hostilidades. Pode notar-se, entretanto, que, ao contrário do que se verificou antes de 5 de Fevereiro, no fim da outra trégua, não se efectuaram recentemente os habituais exercícios de «black-out», e de alarme, a que a população do Cairo tem dado a sua colaboração. Também a Imprensa e a Rádio da capital se têm mostrado absolutamente calmas.

Fim da greve dos correios

(Continuação da 1.ª página)

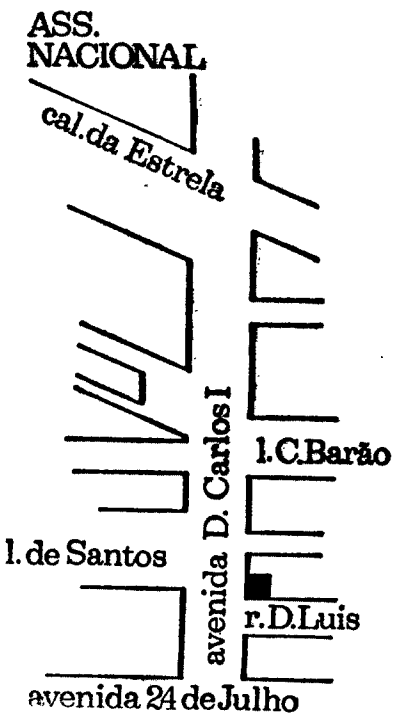
vados de salários há seis semanas, sem receberem nenhum subsídio sindical, os 200 000 empregados arrostam com a miséria. A pílula será amarga: não receberam qualquer garantia quanto á importancia do aumento que lhes será concedido. Tom Jackson não escondeu, de resto, que se teria pronunciado a favor do prosseguimento da greve se o sindicato possuísse recursos financeiros.

O acordo prevê simplesmente a nomeação de uma comissão de inquérito de três membros (um presidente, um representante dos correios e outro do sindicato), que determinará o aumento a atribuir, examinando, por outro lado, a situação financeira do «Post Office», os seus problemas de mão-de-obra e os das relações interprofissionais.

O sindicato espera, todavia, que a solução do conflito se traduza em maiores vantagens para si e que a comissão de inquérito considere um aumento de salários superior aos 9 por cento já propostos pela direcção dos correios.

Se o pessoal puser termo á greve, o regresso ao trabalho verificar-se-á certamente no princípio da próxima semana. Espera-se, todavia, que só ao cabo de pelo menos seis semanas os serviços postais retomarão o ritmo normal, depois da distribuição de todo o correio acumulado desde o mês passado.

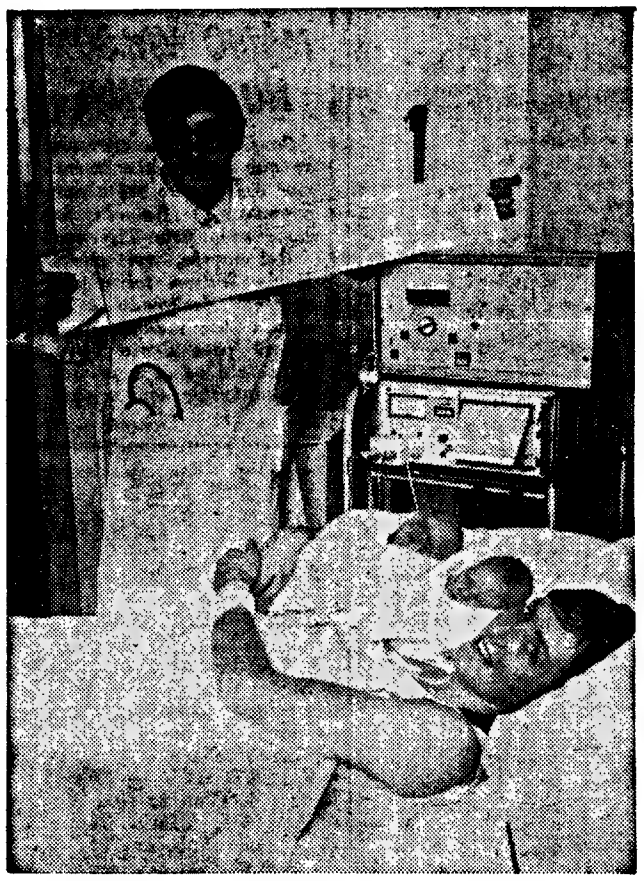
AV. D. CARLOS I, 42 TEL. 67 70 71 LISBOA 2



Comunica ter aberto
a sua primeira loja
para venda directa ao público,
onde se encontram
todos os produtos
de pintura
da marca

SOTINCO

TINTAS E VERNIZES PARA:
CONSTRUÇÃO CIVIL
CONSERVAÇÃO DE FÁBRICAS
NAVIOS
AUTOMÓVEIS
INDÚSTRIA



CHAMAM-LHES OS «GÉMEOS ELECTRONICOS» pois equipamento electrónico especial teve de ser utilizado, num hospital inglês, para vigiar o seu nascimento em condições particularmente difíceis. Mas tudo acabou em bem e a sr.ª Eileen Bird, mãe das crianças, evidencia a sua satisfação

REPRIMIDA NA BOLÍVIA A REVOLTA DE SANTA CRUZ

SANTA CRUZ, 4 — (F. P.) — O Governo boliviano reprimiu ontem, sem efusão de sangue, uma tentativa de subversão surgida na véspera, em Santa Cruz. Apoiado pelas «forças populares locais», que se tinham declarado em greve contra a «subversão fascista», o Governo pôs fim a essa tentativa, destituindo o coronel Remberto Torres e prendendo os cabecilhas da revolta.

Segundo o jornal da tarde «Jornada», importantes industriais do departamento estariam comprometidos na tentativa dos insurrectos tinham sido já acusados de encorajar um movimento separatista que visava a anexação da província de Santa Cruz pelo Brasil.

Em todo o território boliviano, os sindicatos declararam-se em estado de alerta para apoiar a greve geral de Santa Cruz, que tem sido rigorosamente observada.

Em La Paz, o general Luís Reque Teran, comandante-chefe do Exército, declarou que «a disciplina proíbe aos militares a intromissão em actividades políticas». Essas palavras são uma censura ao coronel Remberto Torres, primo do presidente da República, que tinha aceitado ontem substituir o presidente da Camara de Santa Cruz e que deverá responder por este acto perante a justiça militar. O coronel teria declarado que procedera assim «para evitar males piores», acrescentando que se submetia á decisão do Governo

A comissão presidencial composta pelo general Emílio Molina, ministro dos Negócios Estrangeiros, general David La Fuente, ministro da Defesa, Gustavo Luna, ministro do Planeamento, e por altas personalidades do Exército, chegou ontem a Santa Cruz, onde passou a dominar a situação.

Vários camponeses declararam que tinham sido recrutados com falaciosas promessas de dinheiro e de álcool em abundancia e que tinham sido conduzidos — a maior parte deles sem armas — nuns cinquenta camiões a Santa Cruz para tomarem a cidade. Os dirigentes dessa tentativa de subversão tinham pedido a demissão dos ministros Abel Ayoroa (Trabalho), Hugo Cespedes (Assuntos Agrícolas) e Huscar Taborga (Educação), que acusavam, numa declaração escrita, de serem «extremistas sino-soviéticos».

MORTOS 175 INVASORES NO YEMEN DO SUL

CAIRO, 4 — (ANI) — As Forças do Yemene do Sul mataram 175 invasores e capturaram 50 em recontros que tiveram lugar o mês passado — declarou o ministro da Informação, Abdallah Khameri, em Adem, segundo a agência noticiosa Médio Oriente.

O ministro disse que entre 500 a 700 homens armados invadiram a República do Yemene do Sul para tentarem estabelecer um Estado separado.

SILÊNCIO DA CHINA QUANTO AO LANÇAMENTO DO NOVO SATÉLITE

HONG-KONG, 4 — (R.) — A China mantém absoluto silêncio sobre o lançamento do seu segundo satélite colocado em órbita, ontem á noite mas os observadores salientam que essa atitude é normal

O lançamento do primeiro satélite chinês, em 24 de Abril do ano passado, só foi oficialmente confirmado no dia seguinte quando o satélite transmitia para todo o Mundo os acordes do hino revolucionário maoista «O Oriente é Vermelho».

Este segundo lançamento foi anunciado, ontem á noite, pelo comando da Força Aérea americana, pois o foguetão chinês foi observado a grande altitude pelo piloto de um avião americano que voava sobre o Mar da China.

Há menos de cinco meses a China fez explodir a sua quarta bomba de hidrogénio, e a experiência foi assinalada por cientistas estrangeiros, mas nunca chegou a ser oficialmente anunciada por Pequim.

Essa experiência nuclear, décima primeira efectuada na China, e o lançamento de mais um satélite, indicam claramente que a China prossegue o seu programa nuclear e espacial.

Na fase actual os cientistas chineses parecem estar empenhados na miniaturização do equipamento, para assim conseguirem maior volume de carga útil instalada a bordo de um satélite.

Satélites de espionagem mais aperfeiçoados permitiriam á China manter vigilancia constante sobre os movimentos de tropas soviéticas na sua fronteira que se estende por mais de 7000 quilómetros.

Por outro lado, satélites de observação meteorológica também seriam de grande utilidade para a China, que precisa de boas colheitas para alimentar os seus 700 milhões de habitantes, e de se defender das inundações que, por vezes, atingem o seu vasto território.

ESCOLHIDA A TRIPULAÇÃO DA APOLO-16

WASHINGTON, 4 — (F. P.) — A tripulação da Apolo-16, penultima missão lunar, a realizar em Março de 1972, por John Young, Ken Mattingly e Charles Duke, foi confirmada ontem pela N. A. S. A.

John Young pilotava a cápsula principal da Apolo-10, na viagem á volta da Lua, na Primavera de 1969, quando Tom Stafford e Gene Cernan, no seu LEM, conseguiram o feito, ainda não repetido, de se aproximarem da Lua até uma distância de cerca de 15 quilómetros.

Devido a não poder ser imunizado contra a rubéola, o astronauta Ken Mattingly não tinha participado no voo da Apolo-16.

A agência espacial não deu ainda a conhecer a zona da alunagem da tripulação de John Young, que poderia ser a região da grande cratera Descartes.

Em 26 de Julho, David Scott, James Irwin e Al Worden partirão ao assalto dos Apeninos Hadley (Apolo-15). O programa americano «Homens na Lua» encerrar-se-á em Dezembro de 1972, com o lançamento da Apolo-17.

O VIETCONG LIBERTA PRISIONEIROS

SAIGÃO, 4 — (A. N. I.) — O Vietcong começou hoje a libertar 39 prisioneiros de guerra sul-vietnamitas — anunciou a Rádio comunista.

A libertação está a ter lugar no local onde os sul-vietnamitas foram capturados, no dia 1 de Março, a 25 quilómetros a sudoeste de Dak To e a 400 quilómetros a nordeste de Saigão.

O Vietcong pediu um cessar-fogo de dois dias para fazer a entrega dos prisioneiros.

POSSÍVEIS VIAGENS DE PAULO VI À JUGOSLÁVIA E À POLÓNIA

CIDADE DO VATICANO, 4 — (F. P.) — A primeira audiência concedida pelo primeiro-ministro polaco, Piotr Jaroszewicz, ao cardeal Stephane Wyszynsky, provocou um surto de especulações sobre uma viagem a fazer pelo Papa a Polónia. Todavia, nada está decidido e uma viagem pontifical á Jugoslávia é encarada com tantas probabilidades de realizar-se como a que o Sumo Pontífice eventualmente realizaria á Polónia.

Não é mistério para ninguém que Paulo VI deseja há vários anos visitar a Polónia. Não conseguiu ser convidado por Gomulka para as festas do milenário da conversão da Polónia, há quatro anos, nem corresponder, no ano passado, a um convite relativamente inesperado do episcopado polaco.

DESAPARECIDO

Mr. HANS SVIG — Trip. navio norueg. «NERVA».

Agradece-se quaisquer informações sobre paradeiro referido tripulante para WIESE & Ca. Ltda., telef. 37 02 41 ou Consulado da Noruega, telef. 32 72 16. Autoridades avisadas.

CASACOS ANTÍLOPE E CABEDAL

ACABARAM OS SALDOS MAS OS BAIXOS PREÇOS CONTINUAM EM CASACOS E OUTRAS CONFECÇÕES DE ANTÍLOPE E CABEDAL, TANTO PARA HOMEM COMO PARA SENHORA.

DOS RESTOS DOS SALDOS QUE FICARAM, FAZEMOS PREÇOS VERDADEIRAMENTE DE RECLAME.

NA VAMAR É FÁCIL COMPRAR

CASA ESPECIALIZADA

EXCLUSIVOS VAMAR

RUA JOÃO DAS REGRAS, 3, 3.º, ESQ.º

(à P. do Figueira. Antiga R. do Ampero)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ESTILISMO 70
Estilismo 70

Exposição

Ao promover a realização do concurso "Estilismo 70," o Racal Clube de Lisboa, com o patrocínio da FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L. e a colaboração do jornal Motor, pretendeu pôr à prova a capacidade criadora dos jovens concorrentes num importante domínio da técnica moderna – o estilismo automóvel. O entusiasmo com que foi acolhida a iniciativa – traduzido imediatamente no elevado número de inscrições registadas – surpreendeu efectivamente todos quantos a ela estiveram ligados. São esses trabalhos que se reuniram numa exposição que ficará patente ao público de 27 de Fevereiro a 7 de Março, no salão da FIAT PORTUGUESA, Av. Duarte Pacheco, 15 em Lisboa.

HORÁRIO:
Sábados: das 14 às 23 horas
de 2.ª a 6.ª feira: das 9 às 13 horas e das 14,30 às 23 horas.

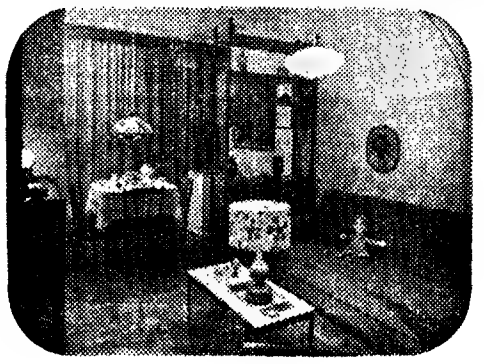
FIAT PORTUGUESA

AO ALCANCE DA SUA BOLSA

Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas

Apartamentos mobilados desde 140 contos

Propriedades para habitação ou rendimento em zonas de rápido desenvolvimento e valorização



6.000 clientes satisfeitos recomendam-nos

consulte

J. PIMENTA, SARL

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º
LUANDA: Henrique L. Castendo — Apartado 1224

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
CASCAIS: Conjunto Turístico da Pampilheira
REBOLEIRA: Edifício Oeiras

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 26 da 10.ª Época (7/3/71)

Açores — X1X XX1 1XX XXX1; Beira Baixa — 111 121 121 1111; Brados do Alentejo — 111 111 XX1 1XX1; Cardeal Saraiva — 12X 211 121 1211; Clube Asas do Atlântico — 1X1 111 X1X X2X1; Comércio de Portimão — 111 111 221 1X21; Correio dos Açores — 111 121 1X1 11X1; Defesa de Espinho — 1X1 X11 1X1 2221; O Distrito de Setubal — 12X 121 11X 112X; Ecos do Desporto—XX1 X11 1XX 1XX1; Estrela da Manhã — 211 1X1 XX1 X12X; Eu Sei Tudo — 1X1 121 1XX 1X22; Gazeta das Caldas — 1X1 111 121 1221; Gazeta do Sul — 211 2221 2X1 122X.

A Ilha — 111 X1X XX1 XXX1; Jornal do Barreiro — 111 X2X 1XX 11XX; Jornal da Lixa — 111 121 121 1121; Jornal de Santo Tirso — 111 1X1 211 X221; Jornal de Viseu — 21X 12X XX1 1X22; Linhas de Elvas — 111 111 X21 11X1; Mundo Desportivo — 1X1 111 11X 1X11; Notícias de Felgueiras — 111 X2X 12X 1XX1; Peça Que Não Maça — 111 1X1 11X 11X1; A Rabeca — X11 111 XX1 X2X1; Rádio Altitude — 111 111 1X1 1111; Rádio Oceano — 111 X11 121 1X12; Renovação — 111 X21 12X 1XXX; Republica — X21 121 211 1121; O Templário — 111 111 XX1 X1X2; Terra Alta — 111 12X 111 1X21.

Badaladas — 111 1XX 12X 1XX1; Cavalgada do Ritmo —111 X11 11X X211; O Comércio do Porto — 111 111 11X 1X11; Correio de Coimbra — X21 121 X11 X121; Correio do Vouga — 111 121 112 11X1; Desportivo das Beiras — 2XX 112 12X 112X; Diário do Alentejo — 111 1X2 X21 1X21; Diário de Coimbra — X11 111 111 1111; Diário do Minho — X11 121 11X 1121; Ecos de Cacia — 111 121 1X1 1121; Folha do Domingo — 111 1X1 121 11X1; Imagens Piedenses — 1X1 2X1 1X1 2XX1; Jornal das Aves — 111 221 XX2 12XX; Jornal do Sul — 2X1 12X X2X 1121; Litoral — 111 1XX 121 1XX1; Maria da Fonte — 111 121 121 1221; Notícias de Chaves — 21X 1X1 12X 1X11; Notícias de Évora — X11 1X1 1X1 1X21; Passatempo J. J. — 1X1 1X2 1XX 1X21; Póvoa de Lanhoso — X11 12X 12X 11X1; Reconquista — 111 111 111 1211; Revista de Som — 221 121 XX2 11XX; A Voz Desportiva — 111 2X1 212 121X; A Voz do Domingo — 111 111 121 1XX1; Voz de Lamego — X11 121 1X1 1111; Voz do Casa Pia — 111 1X1 1X1 1XX1; A Voz de Palmela — X11 XX1 11X 1111

Época — 111 1XX 1XX 1X21; O Apostolado — X21 1X2 121 2XX1; O Comércio — 111 111 1X1 XX11; A Nossa Chave — 111 1XX 111 1211; Notícias do Totobola — 111 1X1 11X 1211; Diário — 111 1X1 121 11X1; Ronda da Noite — 111 1X1 1X1 1111; Estádio — 111 1X1 111 XX11.

Diário de Lisboa — 221 1XX 122 XX21; Comércio de Leixões—X11 X11 12X 1121; Mosaico—111 121 12X X121; Primeiro de Janeiro — X11 1XX 11X X11X; Rádio Placard — 111 111 111 22X1; Estudios 64 — 111 111 11X 11X1; Placard Desportivo — 111 111 112 XX21; Rádio Sports — 1X1 XXX XX1 X1XX; Passatempo — 111 121 12X 12XX; Resenha Desportiva — 111 11X 122 12XX; O Sorriso da Hora do Almoço — 211 XX2 111 X11X; A Voz dos Ridículos — 111 X11 12X X211; O Norte Desportivo — 111 12X 121 11XX; O Porto — 1X1 121 XXX 111X; Boletim Desportivo R. P. — 111 1111 111 1111; Cantinho Ricardo Lemos — X21 1X1 XXX X2X1; Colina Sagrada — XXX 21X 211 111X; De Tudo Um Pouco — 111 11X 1X1 X1X1; As 10 Espere Por Nós—11X 22X 111 112X; Dos Fracos Não Reza a História — 111 1X2 2X1 1112; Ideal Rádio — 111 111 11X XXX1; Jornal Notícias—1X1 1X1 1X1 XXX1; A Lição do Menino Quim — 1X1 211 1X1 1XX1; Notícias do Douro — X11 1X1 1X1 11X1; A Ordem — 211 12X 1X2 1XX1; Penalti—111 1X1 121 X1X1; Programa Sem Nome — X21 122 XX1 1121; Rádio Clube do Norte—221 121 121 1X21; Auto Rádio — 111 111 112 22X1; Campeão Português — 111 111 111 XX21; Repórter do Dia — 111 1X1 1X2 X111; Repórter do Dia (Angola) — 1X1 1X1 1X2 111X; Bondiazinho — 12X 1X2 2X1 222X; Brado Africano — 111 122 X21 XX2X; Cidade 71 — XXX 121 111 2X21; Domingo Alegre — XXX 111 X11 2X21; Jornal Desportivo — 121 1X2 X111 1121; Passatempo — 2X1 121 2X1 XX21; Roteiro Sonoro — 1X1 121 X21 X211; Terceiro Programa — 1X1 121 X11 X122; Vamos Jogar no Totobola — 1X2 211 112 12X1; Revista Desportiva — 1X1 12X 1X1 11X1.

		Resumo			*Bolas (a)*		
		1	*X*	*2*	*1*	*X*	*2*
Espanha	1. Gijon-R. Sociedad	75	20	12	8	2	1
	2. Saragoça-Espanhol	72	23	12	8	3	1
	3. Barcelona-Sevilha	95	11	1	10	1	1
	4. At. Madrid Valência	84	15	8	9	2	1
	5. Bilbau-R. Madrid	36	35	36	4	4	4
	6. Malaga-Granada	76	21	10	8	3	1
Itália	7. Fiorentina-Torino	76	23	8	8	3	1
	8. Fóggia-Cagliari	35	40	32	4	4	4
	9. Inter-Milan	64	31	12	7	4	1
	10. Juventus-Napoles	70	29	8	8	3	1
	11. Lazio-Bolonha	46	38	23	5	4	3
	12. Sampdória-Roma	28	42	37	3	5	4
	13. Varese-Catania	80	21	6	9	2	1

E a chave lógica será: 111 / 1 1 ou 2 1 / 1X1 / 11X1.

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sorte-ear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

AVISO

Concurso para redistribuição de casas económicas

Para os devidos efeitos se publica que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias a contar da data deste «AVISO», para redistribuição do único fogo presentemente vago e dos que porventura vaguem, durante o prazo de validade do concurso, nos bairros de casas económicas de Lisboa e Queluz.

As condições de admissão, publicadas no Diário do Governo de hoje (n.º 51, III série) encontram-se afixadas no Serviço Informativo do Ministério das Corporações e Previdência Social — Praça de Londres — Lisboa e nas Secretarias dos Sindicatos Nacionais desta cidade.

Lisboa, 2 de Março de 1971.

ARMAZÉNS-TERRENO

Vende-se, cerca 60 000 m2, terraplanado e pronto a construir qualquer ramo comercial ou industrial, junto a Sacavém, com dois bons acessos. Trata: Avenida João XXI, 9-A — Telef. 726115 — LISBOA.

MÁRIO WILSON NO TIRSENSE

Confirmando o «rumor» de que ontem nos fizéramos eco (e que até o surpreendeu) Ramin foi dispensado pelo Tirsense

Rei morto, rei posto. Mário Wilson foi o seu sucessor designado e já seguiu esta manhã (às 6 horas) para Santo Tirso, onde terá os seus primeiros contactos com a equipa.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL:

Metropolitano feminino

O Vitória de Setúbal venceu o Nacional (por 49-45) para o campeonato metropolitano feminino de basquetebol. As equipas alinharam:

V. SETÚBAL — Maria Cruz (9), Clotilde (8), Maria Grilo (14), Maria Miranda (1), Maria Fonseca (9), Maria Santos (8), Maria Peralta e Maria Casqueiro.

NACIONAL — Ana Sousa (2), Maria Carvalho, Lucinda Machado (16), Maria Seabra (26), Lucinda Casanova (1).

Entre parentesis os tentos obtidos por cada jogadora..

FUTEBOL:

F. C. Porto campeão da A. F. Porto

Para o F. C. Porto, o título de «reservas» da A. F. Porto.

O campeonato terminou ontem, mas com uma nota de sensação: a derrota do campeão frente ao Boavista, por 3-0.

A jornada efectuou-se no compo Eng. Vidal Pinheiro e foi completada com o jogo Tirsense-Penafiel, que a equipa de Santo Tirso venceu por 2-1.

Classificação: F. C. Porto, 8 pontos; Penafiel e Tirsense, 6 e Boavista, 4.

ARQUIVO

■ Vinte e três países estarão representados no 27.º Festival Internacional de Cinema Desportivo, que principia no dia 7 do próximo mês, em Cortina d'Ampezzo.

■ Sensação na Taça da Suíça de futebol: o Mendrisiotar, da 3.ª Divisão eliminou, nos quartos de final, o F. C. Basileia, campeão da 1.ª Divisão, vencendo por 2-0, no prolongamento.

A mesma jornada apurou semifinalistas Lausana, Lugano e Servette.

Mais um título para o Benfica

O Benfica (treinado por Ângelo) conquistou o campeonato regional de juvenis, batendo na final o Atlético por 4-0. Natural, portanto, a alegria de Pedroto (médio «encarnado» e filho do famoso técnico setubalense) que segura o troféu cercado por diversos companheiros. A equipa benfiquista: Lázaro; Ramalho, Maia da Silva, Teixeira e David; Lúcio, Pedroto e Mamede; Azevedo, Vital e Adolfo. Vital, filho do «internacional» setubalense, foi autor de três golos.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AUTOMOBILISMO

PRINCIPIA HOJE A XXII VOLTA A PORTUGAL

Principia esta tarde a XXII Volta a Portugal em Automóvel, prova de grandes tradições no calendário automobilístico nacional, organizada pelo Clube 100 à Hora.

O concorrente n.º 1 é o campeão da África do Sul, Eugénio Bosman, e sairá do Parque Eduardo VII às 17 h 01 m, seguindo-se os restantes com intervalos de dois minutos. Das 38 equipas inscritas confirma-se já a ausência de José Lampreia.

Conforme divulgámos já, a prova tem 2300 km divididos em três etapas. A primeira etapa termina amanhã ás 6 e 29 em Castelo Branco, depois de os concorrentes terem percorrido todo o Sul do País. Após um descanso de cerca de 12 horas inicia-se a segunda etapa, a mais difícil de todas, que leva os concorrentes até Braga com passagem por Arganil, Carregal do Sal, Viseu, Sernancelhe, Vila Real, Cabeceiras de Basto e Póvoa de Lanhoso. Parte deste percurso é feito em difíceis estradas florestais. A etapa termina ás 6 e 20 de sábado, havendo novo período de descanso, também de cerca de 12 horas. A ultima etapa inicia-se ás 19 e 1, trazendo os concorrentes de regresso a Lisboa após nova passagem por Arganil. A chegada do concorrente n.º 1 ao Estoril está prevista para as 10 e 31 de domingo.

Entre os favoritos podem incluir-se as equipas constituídas por Eugénio Bosman (Alfa-Romeo GTAM), Giovanni Salvi-José Arnaud (Porsche 911-T), Américo Nunes-F. Castelo Branco (Porsche 911 S), Francisco Santos (Escort TC Vita) e Francisco Romãozinho-Moreira Bernardo (Citroen DS 21 Injection).

Ernesto Neves-Portela de Morais (NSU TT 1200) poderão também lutar para a primeira posição, embora a menor potência do seu carro não os ajude, a menos que o tempo venha a piorar. O mesmo poderemos dizer do eng.º Heitor Morais-dr. Ruella Ramos (Fiat 128 Ceccato) e Luís Neto-«Jocames» (Fiat 128 Ceccato), que conduzem duas viaturas de pequena cilindrada preparadas em Itália, cujo comportamento é aguardado com grande expectativa e curiosidade. Lembraremos, no entanto, que um Fiat 128 (Grupo 2) acaba de vencer em Itália o «Troféu da Neve», á frente dos Lancia Fulvia HF.

LISTA DOS CONCORRENTES

1 — Eugénio Bosman-N. N. (Alfa-Romeo GTAM); 2 — Giovanni Salvi-José Arnaud (Porsche 911 T); 3 — Adolfo Sampaio-N. N. (Lancia Fulvia HF 1600); 4 — Américo Nunes-F. Castelo Branco (Porsche 911 S); 5 — ««Vidigueira»-«Alcaria» (Lancia Fulvia HF 1600); 6 — Policarpo-Bri-Tony Caixinha (Porsche 911 s); 7 — Evaristo Saraiva-N. N. (Datsun); 8 — Carlos Fonseca-F. Pessoa (VW 1302 S); 9 — César Torres-António Morais (Austin Clubman GT); 10 — «Nani»-Dinis Mota (Toyota 1200); 11 — Francisco Santos-N. N. (Escort TC Vita); 12 — eng. Heitor Morais-dr. Ruella Ramos (Fiat 128 Ceccato); 14 — Artur Santos-Alberto Oliveira (Datsun 1600 SSS); 15 — José Lampreia-N. N.; 16 — Nascimento Costa-Helder Fortes (Datsun 1600 SSS); 17 — José Manuel Loureiro-N. N.; 18 — José Canpinteiro Albino-Silva Pereira (VW 1302 S); 19 — Fernando Baptista-Rodrigues de Carvalho (Austin 1800); 20 — Jorge Nascimento-Manuel Coentro (BMW 2002); 21 — Carlos Moura Pinheiro-José Romão (Fiat 128 Ceccato); 22 — Luís Netto-«Jocames» (Fiat 128 Ceccato); 23 — João Nabais-Feliciano Branco (VW 1302 S); 24 — Hermes Góis-«Speedy» (Escort TC); 25 — David Cabral-Francisco Couceiro (Datsun 1600 SSS); 26 — Belmiro Correia-«Manuelzé» (Toyota 1200); 27 — Manuel Martins Teixeira-N. N.; 28 — Jaime Benitez-N. N (BMW 2002); 29 — Lamy Viçoso-N. N. (NSU TT 1200); 30 — António Carlos Oliveira-«Barata» (Datsun 1600 SSS); 31 — Ernesto Neves-Portela Morais (NSU TT 1200); 32 — Francisco Romãozinho-Moreira Bernardo (Citroen DS 21); 33 — Rogério Beatriz-João Palmeiro (NSU TT 1200; 34 — Manuel Souto-Ricardo d'Abranches (NSU TT 1200); 35 — Joal»-Jorge Alves (BMW 2002); 36 — Conde de Botelho-Jorge Cirne (Citroen DS 21); 37 — Mário de Figueiredo-Luís Mira (BMW 2002 TI); 38 — Raul Leopoldo-N. N.; 39 — António Mariano Carvalho-N. N. (Viva).

PERES GANHA COM A «TAÇA» — Um dos grandes beneficiados com a realização da «Taça de Honra» é o sportinguista Peres: os dois jogos (oficiais) deste torneio da A. F. L. permitem-lhe cumprir o castigo federativo e, assim, regressar aos campos perante o Boavista

Mudança técnica no râguebi benfiquista

Após a demissão do dr. Pedro Cabrita, que orientou a equipa até à vitória, no passado domingo, no Torneio Ibérico, o râguebi benfiquista tem novo técnico.

Trata-se de António Rosinha Duarte, que no ano transacto participou de um curso de treinadores em França e já dirigia as sessões de treino da equipa de reservas dos «encarnados».

NA ALEMANHA, EM ANDEBOL

Gummersbach-Sporting para a «Taça dos Campeões»

Num jogo dirigido pelos árbitros Trcka e Koca, os andebolistas do Sporting defrontam, hoje, ás 20 horas, em Gummersbach (Alemanha) a equipa local, na partida de segunda «mão» que conta para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus» da modalidade.

Outras provas desportivas marcadas para esta noite

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de Juvenis. Belenenses-B. Hora, ás 17 e 30; Benfica-C. Ourique, ás 20 e 25; e Sporting-Almada, ás 21 e 20, no Pavilhão da Luz.

Campeonato de Lisboa de Juniores («Poule» de desempate): C. Ourique-Sporting, ás 19 e 45, no Pavilhão de C. Ourique.

Campeonato de Lisboa da II Divisão: Encarnação-Oriental, ás 20 e 30; C. N. O. C. A B. Hora, ás 21 e 45; e Atlético-C. I. F., ás 23, no Pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Qualificação da I Divisão: Paço de Arcos-Cascais, Algés F. Benfica e Oeiras-C. U. F., a partir das 20 e 15, no Pavilhão da Salesiana.

POSSE — Dos novos dirigentes do Belenenses, na Associação Comercial de Lisboa, ás 22.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão — Paço de Arcos-Avila, Mirantense-Belenenses, Sporting-Ateneu e Benfica-C. Católico.

II Divisão: Rodrigues Cordeiro-Arroios, Académica da Amadora-Operário, Sport L. Águias-Estrela da Amadora, S. L Amoreiras-Armadorense e Arte e Sport-Cacém.

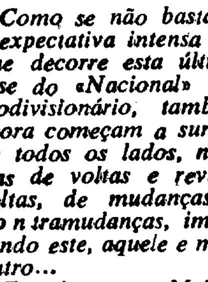
III Divisão: Série A — Económicos-Recordação Apolo, Madre de Deus-Oeiras e Fontainhas-Castelo. Série B: Tercena-A. Apolo, Musical União-Laranjeiro e Alenquer-Rio Seco. Todos nas mesas dos primeiros ás 21 e 30.

Será?

ARTUR NO SUL CELESTINO NO NORTE

Como se não bastasse a expectativa intensa em que decorre esta última fase do «Nacional» primodivisionário, também agora começam a surgir, de todos os lados, notícias de voltas e reviravoltas, de mudanças e contramudanças, implicando este, aquele e mais outro...

E assim temos Meirim



Artur deixa Coimbra?

a chegar do Brasil em grande velocidade para dirigir «uma grande equipa de futebol»; *Wilson no Tirsense; Ramin em lado nenhum e, agora também, Artur, da Académica, no Benfica e Celestino, do Sporting, num clube do Norte. Coisas que se disseram e aconteceram; coisas que se dizem... e talvez venham mesmo a acontecer.*

O NORTE DESPORTIVO

Director: Joaquim Alves Vilaclha

BISSEMANÁRIO — ANO XXXVI — N.º [illegible] — PREÇO 1$50 — DOMINGO, [illegible] DE FEVEREIRO DE 1971 — PROPRIEDADE DA EMPRESA O JORNAL «O NORTE» — Porto

★ Instituído o bocejo por sistema no Futebol Português
★ Desporto e Contestação
★ O Andebol do Sporting na Alemanha: artigo, entrevista e fotografias
★ Aliciante reportagem fotográfica da última jornada do «Nacional»
★ «Cara a Cara» no Farense-Sporting»
★ Uma página de Automobilismo

CASTIGO FEDERATIVO

QUARESMA: QUATRO JOGOS AFASTADO

A Federação de Futebol aplicou os seguintes castigos:

I DIVISÃO — Alfredo Quaresma (Belenenses) 4 jogos de suspensão.

II DIVISÃO — Sabino Dias (Montijo) 5 jogos; Corujas (Oriental) 1 jogo; Manuel Silva (Lamas) 1 jogo; e Tejana (Sanjoanense) e Almeida (Beira-Mar repreensão por escrito.

III DIVISÃO — Almeida Rebisco (Campomaiorense). Jorge (Paio Pires) e Araújo (M. Beira), 3 jogos; Costa (Sacavenense e Santos (Desportivo de Beja) 1 jogo: Lopes (Esperança) e Pimenta (Vila Real repreensão por escrito.

JUNIORES — Jaime Telha (Académica), Santos Silva (Belenenses), Baptista (Olhanense) e Figueira (Peniche) 3 jogos; e José Ricardo (Sacavenense) dois jogos.

BENFICA, 1-SPORTING, 0 (reservas)

Dominar muito ganhar por pouco...

É verdade que foi só 1-0, mas deveria ter sido maior a diferença. O que se passa é que os golos estão escassos, pois os avançados andam esquecidos dos remates vitoriosos e as defesas tomam grandes precauções para não serem desfeiteadas. Apesar disso, o Benfica deveria assinalar o seu êxito de ontem com mais um ou dois tentos e assim já a linguagem dos numeros tomaria outra lógica.

Aos 25 minutos, os benfiquistas obtiveram o que seria o unico golo da partida: PRAIA recebeu o esférico e, sobre o flanco esquerdo, enviou o esférico por cima de Botelho, ligeiramente adiantado, com um toque cheio de visão.

Era a consequência natural do melhor entendimento dos «encarnados», a demonstrarem uma compenetração que o adversário não revelava. Realmente, o couro ia de jogador para jogador «rubro» com intenção que se não vislumbrava no «team» visitante.

Já no segundo tempo, os sportinguistas criaram o que seria o seu ensejo mais flagrante de marcar: Pedras arrebatou a bola a Inguila, correu decididamente para a grande área e chutou na passada. Porém, Fonseca saira a diminuir o angulo de «tiro» e, mercê de boa colocação, evitou o empate com uma estirada espectacular.

Os donos do campo sentiram o perigo e não mais largaram o comando das operações. Os momentos de golo possível sucederam-se, sem que, todavia, um deles se concretizasse.

Mencionaremos um «tiro» soberbo de Eurico, que a trave devolveu, um remate de Praia, á meia volta e por alto a pouca distancia das balizas, uma série de remates defendidos por Botelho e ajudantes e, por fim, uma segunda edição do pontapé que dera o golo, novamente por Praia, desta feita salvo por Pedro Gomes sobre o risco fatal.

Azar e imperícia «rubra» á mistura e também mérito da defesa de Alvalade conservaram o «placard» em 1-0. Supomos, portanto, certo, o título que escolhemos, dominar muito e ganhar por pouco...

Toni, Eurico, Praia, Diamantino e Fonseca jogaram bem entre os vencedores. Nos vencidos, Laranjeira, Botelho e A. Baptista superiorizaram-se aos componheiros.

Boa arbitragem de Maximino Afonso

Equipas:

BENFICA — Fonseca; Barros, Inguila, Messias e Marques; Eurico e Toni; Praia, Águas, Calado e Diamantino.

SPORTING — Botelho; P. Gomes, Laranjeira, A. Baptista e C. Pereira; Celestino e Manaca; A Luís (Sá Pereira, aos 71 m.), Nando (Alexandre, aos 87 m.), Lourenço e Pedras.

FRANCISCO CAMILO

Estranho bailado de Celestino, tentando opor-se a mais uma avançada benfiquista

DESACTUALIZADA A LEGISLAÇÃO DO VINHO DO PORTO

PORTO, 4 — A flagrante desactualização a que chegou a legislação do vinho do Porto é sublinhada no relatório de 1970 do seu Grémio de Exportadores ontem apreciado em reunião que decorreu no Palácio da Bolsa sob a presidência do eng.º Almeida Barros.

Vários oradores referiram a necessidade de reestruturar o sector. Uma ténue esperança veio, entretanto, do aumento de exportações verificado no ano transacto.

ESCOLA TÉCNICA DE OLHÃO

OLHÃO, 4 — A visita que o ministro da Educação Nacional deve fazer a esta vila, amanhã está a ser aguardada com certa ansiedade por parte da população.

Esta deseja ver construído o edifício da Escola Técnica e a criação, no mesmo, de uma secção comercial. Julga-se, por outro lado, que a secção local que já estaria projectada, poderia ficar instalada num edifício em construção. Este seria cedido ao Estado.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Um francês em cada 98 vai ser conselheiro municipal

PARIS, 4 (F. P.) — Nos próximos dias 14 e 21, vinte e nove milhões de eleitores franceses serão chamados a designar 535 mil conselheiros municipais encarregados de administrar as 37 700 comunas francesas — tantas como os outros cinco países do Mercado Comum reunidos.

Um francês em cada 98 é conselheiro municipal. Assim, será candidato (mais ou menos) um em cada 30, no primeiro escrutínio do dia 14. Estas percentagens invulgares decorrem, evidentemente, do número das comunas pequenas (31 000 entre as 37 700, ou seja 83 por cento, possuem menos de um milhar de habitantes) cujos conselhos municipais são, proporcionalmente, as mais importantes do ponto de vista numérico: 11 a 21 conselheiros para as comunas que têm 100 a 3500 habitantes, enquanto as cidades de mais de 50 000 habitantes (pouco numerosas) contam no máximo 37 conselheiros. Só três cidades têm mais: Paris (90), Marselha (63) e Lyon (61).

Estas eleições serão a primeira grande consulta nacional desde a eleição de Georges Pompidou para a Presidência da República, em 15 de Junho de 1969. Uma vez que se destina a prover cargos de simples gestão, deveriam ser apolíticas. A maioria gaullista ainda há poucos meses não quer a dar-lhe qualquer significado político. A esquerda lançou a palavra de ordem: fazer tudo para bater os candidatos da maioria e manifestar deste modo a oposição à política governamental.

O BOMBEIRO MORREU NA INSTRUÇÃO

LUANDA, 4 — (L.) — Numa queda, por acidente, quando recebia instrução técnica, morreu, na casa-escola do quartel do Corpo de Salvação Pública, nesta cidade, o jovem bombeiro municipal de 3.ª classe Manuel Baía de Almeida, de 25 anos, natural de Anadia, filho de António de Almeida e de Aldina Simões Baía.

AUTOPSIADOS OS OFICIAIS MORTOS NO ACIDENTE DE AVIÃO

Foram autopsiados (devendo realizar-se amanhã os funerais para as terras da naturalidade) os dois oficiais que perderam a vida em consequência de acidente com um avião T/6, da Base Aérea n.º 7 (S. Jacinto, próximo de Aveiro), ocorrido cerca de 500 metros a nordeste da praia do Furadouro.

Um dos militares, o aspirante a oficial miliciano piloto João António Trindade Salgado de Oliveira, casado, primo do bispo de Aveiro, teve morte imediata. O piloto instrutor, alferes João Manuel da Rocha Marques, de 31 anos, natural de Ribeira (Paredes do Douro), que sofrera ferimentos de gravidade, faleceu quando era transportado para o Hospital de Santo António, no Porto.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

dedo na ferida». E que, «*marginalmente ao neo-realismo, outros escritores se manifestavam mau grado a não filiação no partido único da literatura portuguesa*».

A solenidade de Ramos não fica por aqui no ataque ao famigerado neo-realismo. Ouçamo-lo ainda:

«*Os jovens de então* (ou seja: os escritores que reagiram contra o neo-realismo) *não souberam fazer ou não quiseram, reconhecida a sua aversão ao enfileiramento e à mentalidade de rebanho, aquilo que os neo-realistas, com raro sentido de oportunismo magistralmente souberam fazer: uma política de grupo, de escola, de regime*».

As palavras que aí ficam do ilustre crítico de televisão colaborador da RTP, fazem-nos crescer água na boca para os folhetins que se seguem. O neo-realismo ficou, desde ontem pelas ruas da amargura.

Com esta explicação genial tudo ficou desde ontem esclarecido.

Com esta verdade Ramos prepara-se agora para averiguar se houve ou não em Portugal «novo romance». Esperemos curiosamente os resultados de mais esta averiguação.

MÁRIO CASTRIM

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	495$	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6'2$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	580$	700$
Externo 2.ª Série c.	—	600$	700$
Externo 3.ª Série	—	—	—
Extern 3.ª Série c	—	—	800$
Cautelas 3.ª Série	—	155$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	875$	895$
A P I 5% 58	860$	850$	—
C P 4 1/2% 55	—	900$	—
C P 5 1/2% 67	—	930$	940$
C U F 6%	—	—	—
C U F 6% 68	—	—	—
Gás Elect 4% 48	850$	850$	850$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	840$	—
Gás Elect 5% 52	795$	790$	800$
Gás Elect 5% 53	—	790$	—
Gás Elect 5% 59	—	940$	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	950$
Gás Elect 5% 67	—	790$	—
H E A Alentejo 5%	—	750$	—
H E Cávado 5%	—	955$	—
H E Douro 5%	—	760$	765$
H E Douro 6%	955$	955$	960$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E Estrela 6%	—	920$	—
H E Zêzere 5% 55	—	760$	—
H E Zêzere 5% 57	—	745$	—
Lisnave 6%	—	920$	—
Metropolitano 4%	880$	—	890$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	970$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	750$	—	755$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port Cela 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	950$	970$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	770$	770$	—
U A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	735$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	88$	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	70$5	—
U E P 5% 60	700$	700$	710$
U E P 5% 63	—	850$	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Borar	30$	20$	30$
Buz	7$	7'$	7'$
Cabinda	220$	220$	—
Diamantes Angola	2 220$	2 210$	2 230$
H E Revué	630$	630$	640$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	188$	188$	90$
Sonete n	430$	425$	—
Sonete p	440$	440$	442$
Zambézia	—	70$	71$
Diversas			
Cidla	—	7.000$	—
Cim Leiria	4.700$	4.650$	4 750$
Cim Tejo	—	7.700$	—
Co Navegação	1.530$	1.520$	1.530$
C U F	1.400$	—	1.450$
Ina Aliança	—	600$	800$
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	1.500$	—	1.520$
Port e Colónias	—	1.300$	1.3'0$
Port Celulose	4 150$	4.130$	4.150$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	—	650$	665$
Sacor	—	—	—
Siderurgia Nac	2.535$	2.535$	2.545$
Soce	3.770$	3 760$	3.780$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	6.400$
U F Azoto	710$	705$	730$
Água, Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	416$	—
Águas Lisboa 36	—	400$	—
C P Electricidade	1.208$	1.207$	1.210$
C P Electricidade nom	—	—	1.200$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	—	1.700$	1.705$
Gás Electr	450$5	450$	45'$
H E Alto Alentejo	185$5	185$5	186$
H E Norte Portugal	—	230$	235$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	—	200$	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	205$3	211$5
F I D E S	—	127$3	131$1

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 36'056/7

Teleg. ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

AÇÕES			
Banco			
Agricultura	2.900$	2.890$	2.910$
Alentejo	1.2'6$	2'5$	1.2'6$
Angola	3.895$	3 890$	3 900$
Burnay	—	—	—
Crea Predial	7 600$	7.550$	7 650$
Espírito Santo	6 500$	6 490$	6 5'0$
Espírito Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	27 000$	28 500$
Fomento	2.800$	2 800$	2.820$
Açores p	—	—	—
Açores n	—	—	—
Atlântico p	—	—	6 470$
Portugal	3.3 0$	3.310$	3.315$
Portugal p	4 250$	4 2'0$	4 280$
Porto Aliança	5 9'0$	5.900$	5 9'5$
Ultramarino n	—	3 780$	3 800$
Ultramarino p	4 1'4$	4 1'2$	4.1'4$
Seguros			
Alentejo	1'6$	1'6$	1'7$
Douro	—	400$	—
Mundial	1. 00$	1.095$	1.105$
Sagres	—	2.500$	—
Tranquilidade	—	90.000$	120 000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açucar de Angola	—	780$	790$
Ag Cassequel	645$	630$	650$
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	21/2/71	3/3/71	4/3/71
GERAL	157,6	155,9	**154,8**
METROPOL.	153,2	151,5	**150,5**
ULTRAM.	189,9	187,8	**186,6**

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de 1 a 5	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$30	28$70
— de 50 a 000	28$40	28$80
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	$10	1$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dolar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40	$4 ,5
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$70	69$70
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$00

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 231278

COMPONENTES ELECTRÓNICOS

— Uma conferência na Ordem dos Engenheiros

Na sede da Ordem dos Engenheiros, o eng.º Castanheira de Moura, colaborador da Siemens A. G. em Munique, profere esta noite, às 21 e 30, uma conferência sobre «Componentes Electrónicos».

Na introdução, o conferencista referir-se-á ao panorama geral sobre os componentes electrónicos, desenvolvendo depois o tema «O que são e como funcionam os semicondutores».

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ALGÉS

✝

MARIA EMÍLIA DA SILVA ROMARIZ DE MOURA

FALECEU

Maria Euzébia Gomes Gonçalves e mais família, participam que Foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença, a sua muito querida Madrinha e Parente, e que amanhã, pelas 9 horas, na sua residência, Rua Cândido dos Reis, 16-A, em Algés, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral às 10 horas para jazigo no cemitério da Conchada — Coimbra.

AGÊNCIA BARATA

✝

Maria do Carmo Graça Nunes da Silva

MISSA DO 7.º DIA

Seu marido, filha e mais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que os acompanharam na sua dor e comunicar que amanhã, 6.ª feira, pelas 11 30 horas, será rezada missa na igreja de S. João de Deus sufragando a sua alma.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Concurso público para o fornecimento de reses bovinas adultas para o período de 1/4/71 a 30/9/71.

Faz-se público que, no dia 16 de Março de 1971, pelas 15 horas, no Conselho Administrativo da Escola Prática de Administração Militar, sita na Alameda das Linhas de Torres, se procederá à realização do concurso público para a adjudicação do fornecimento de reses bovinas adultas à Escola Prática de Administração Militar no período de 1/4/71 a 30/9/71.

As propostas deverão dar entrada neste Conselho Administrativo, em sobrescrito fechado e lacrado, até à hora da sessão pública.

O caderno de encargos encontra-se patente no Conselho Administrativo desta Escola, onde pode ser consultado, todos os dias úteis, entre as 9 e as 12 horas e as 14 e 17 horas.

Conselho Administrativo da Escola Prática de Administração Militar, 2 de Março de 1971. — O Presidente, José Mendes Dias Machado, Ten.-Cor. do Serviço de Administração Militar.

CARTAZ DOS CINEMAS

VOX
(Adultos) Tel. 720806
Às 21.45
NOITE DE ESTREIA!
Serge Gainsbourg, Elsa Martinelli e Pascale Andret vivem uma aventura apaixonante!
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Um filme em eastmancolor de mestre André Cayatte

Às 18.30 (M. 12 anos):
«UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA»

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-336710
Às 14, 16.30, 19, 21.45
3.ª SEMANA
Clint Eastwood — Telly Savalas — Donald Sutherland
HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA
— KELLY'S HEROES —
Metrocolor — 70 m m

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
No Outono de suas vidas... aconteceu Amor
Ingrid Bergman e Anthony Quinn em
CHUVA NA PRIMAVERA
Colorido

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 6103075
Às 21.30
MADEMOISELLE DE MAUPIN
com Catherine Spaak e Robert Hossein

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
SENSACIONAL ÊXITO
Às 15.15 (p. r.) e às 21.30
COM O GIGANTE DO «WESTERN»:
MONTGOMERY WOOD
no coraioso filme
O PREÇO DO PODER
Um filme que desvenda o mistério de um assassinato presidencial
— Scope — Technicolor —

HOJE, às 18.30 — Sessão clássica com a obra-prima de Claude Lelouch — «VIVER, AMAR E MORRER» (Col.)
Adultos

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50597
Às 3 e 6.30 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Encantadora comédia de George Schaefer
JUVENTUDE INQUIETA
com David Janssen, Kim Darby, Carl Reiner e Pete Duel

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e 21.30
PATTON
com George C. Scott e Karl Malden
Em 70 m/m

QUINZENA FICÇÃO CIENTÍFICA
AMANHÃ — Adultos — 18.45
GRAU DE DESTRUIÇÃO
de François Truffaut, com Julie Christie e Oscar Werner

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562632
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Prémio Louis Delluc
com Michel Piccoli, Romy Schneider e Lea Massari
Este cinema encontra-se situado no edifício do Monumental

BERNA
(M. 12 anos) Tel. 776098
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA TRIUNFAL!
Jack Lemmon e Sandy Dennis
Numa desconcertante e oportuníssima aventura
A SORTE VIAJOU DE BARCO...
Uma hilariante comédia
Fotografada em Technicolor
(À Av. Marquês de Tomar)

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EXCEPCIONAL ÊXITO DE
SARA MONTIEL
no seu mais extraordinário e apaixonante filme de sempre
ESSA MULHER
Emocionante odisseia de uma jovem a quem o destino nega o direito de ser feliz
GRANDIOSA REALIZAÇÃO
ADMIRÁVEIS CANÇÕES
EASTMANCOLOR

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
LE VOYOU — O Patife
Mais de meio milhão de espectadores, em Paris, para o primeiro policial de Claude Lelouch

SÃO LUIZ
Tel. 327172
XII FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE
Às 6.15 da tarde — Às 10 da noite
Françoise Rosay Jacques François
CHER ANTOINE
de Jean Anouilh

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
O maior cómico do cinema francês
LOUIS DE FUNÈS em
O GENDARME EM FÉRIAS
Rir, rir, rir do princípio ao fim
COLORIDO

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
De um romance de Júlio Verne resulta um filme maravilhoso!
STROGOFF
com John Philipe Law e Mimsy Farmer

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795296
Às 21 horas
FÚRIA DE VIVER
A ARMA SECRETA

ROYAL
(Adultos) Tel. 865027
Às 21 horas
DUAS SEMANAS EM SETEMBRO
com Brigitte Bardot e Laurent Tgrnieff
COMISSÁRIO X — ATAQUE FULMINANTE
com Tony Kendall e Brad Harris

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
Será uma epidemia da nossa época? Será uma moda passageira? De qualquer forma estamos na era da
CONTESTAÇÃO GERAL
Eu contesto, tu contestas, ele contesta...
com Alberto Sordi, Nino Manfredi e Marina Vlady
COLORIDO

ESTÚDIO
(Adultos) Telef. 555134
Às 15.30, 18.30, 21.45
9.ª SEMANA
UMA MULHER MEIGA
Segundo a obra de Dostoievsky
Um filme de Robert Bresson

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 15 e às 21 horas
DOIS VULTOS NA PAISAGEM
QUE RICO PAR

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
ANA KARENINA
Complementos escolhidos

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE, às 21.45
Colorido
Carrol Baker e Lou Catel
O CEGO DESEJO

Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (Adultos):
«TEPEPA»

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779096
Às 15.30, 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
Um filme romântico
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 264621
Às 17 e 21.30
SAFARI AFRICANO
com Ron Shania

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas EM 3.ª SEMANA
SELVA, MULHERES E MACACOS
O PERFUME DO DINHEIRO

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538745
Às 18.30 e 21.45
O vibrante filme de John Huston com Bibi Andersson, Richard Boone, Orson Welles, Lila Kedrova e George Sanders
A CARTA DO KREMLIN
Fotografia em Panavision e Technicolor

Metro: Estação Picoas

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 72770
2.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
A divertida comédia com LUIS DE FUNÈS
O HOMEM ORQUESTRA
Eastmancolor — Franscope

AVIS
(Adultos) Tel. 47168
Às 21.45
4.ª SEMANA
Um filme de emoção!
ÚLTIMO DOMICÍLIO CONHECIDO
com Marlene Jobert e Lino Ventura
EASTMANCOLOR

outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos).
VILLARET — Às 2 e às 23: «Depois da Queda» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e às 23 h. «Pimenta na Língua» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Fim de festa» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Frangas na grelha» (17 anos)
VARIEDADES — Às 20 e 45 e às 23 h. «E o Zé faz tudo» (17 anos).

CINEMAS

OLÍMPIA — Às 9. «Matar ou não matar» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «O meu tio Benjamim» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Quero matar-te de frente» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Sabata» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O criado» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O último guerreiro» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Mais Morto Que Vivo» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os Cavalos Também se Abatem» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A Rapariga da Mala» (12
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Safari Africano» (12 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «O Valete de Ouros» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Exército da Sombra» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Negócio em Três Continentes» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL Às 21 e 15: «Capas Negras» (12 anos.
AMADORA — RECREIOS-DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O Gangster da Córsega» (17 anos)

● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Canhões para Córdoba» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Os Profissionais para um Massacre» (12 anos)

● PORTO

TEATROS

TIVOLI — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos).
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «O mais feliz dos três» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Amor, o maior riqueza» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Aventura na cidade» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «A Filha de Ryan» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O passageiro da chuva» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Coisas da vida» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Um homem difícil de morrer» (12 anos)
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Três degraus para a morte» (17
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Tesouro inacessível» e «Raposa dourada» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Mais escuro que ambar!» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «O morto era o outro!» (12 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «O Senhor das Ilhas» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Texas, adeus!» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Teles, Rua João de Barros, 2 (telef 638249)
ALCÂNTARA — Nogueira, Rua do Creche, 2 (tel 63'635)
ALFAMA — Nacional, Rua S. João da Praça, 26 (tel 863632)
ALTO DE S. JOÃO — Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (telef 842518) * Oriente, Rua Lopes, 20 (tel 843381)
ARCO DO CEGO — Palma, Av Duque de Ávila, 25-3, telefone 47088)
ALVALADE — Cartaxo, Avenida da Igreja, 21-C (tel 776358) * Brasília, Avenida Rio de Janeiro, 66-A (tel 722358) * Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 2 (tel 727721) (Avis, Avenida de Roma, 56-B (tel 715370)
AREEIRO — Galeno, Av Óscar Monteiro Torres, 38-A (telefone 774920) * João XXI, Av João XXI, 16-A (tel 726462)
ARROIOS — Matos, Rua Álvaro Coutinho, 10 (telef 40471) * Nunes, Rua Ângelo Pinto, 32 (tel 49756)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, Rua do Salitre, 7 (tel 46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima Av 5 de Outubro 147-A (ao cruzamento da Av Barbosa du Bocage), (tel 763'07) * Avenidas, Avenida da Republica, 27-A (tel 533688) * Império, Rua Filipe Folque, 40-A (te 48002)
BAIRRO ALTO — Veritas, Rua da Misericórdia, 33 (tels 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (tel 31'2'6)
BAIXA — Barral, Rua Augusta, 225 (telefones 36'534-5)
BELÉM — Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (tel 631699)
BENFICA — Lisboa, R Cláudio Nunes, Lote 2 (tel 703393) * Sousa, Estrada de Benfica 429 (telefone 780027)
CALÇADA DA BOA HORA — Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (tel 631958)
CAMPOLIDE — Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (tel 680627) * Lab. Rua Rodrigo da Fonseca, 101 (tel 682333)
CAMPO DE OURIQUE — Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (tel 671667) * Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (telefone 688857)
CARNIDE — Lea de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel 780181)
CONDE DE REDONDO — Ducal, Av Duque Loulé, 21 (tel 48946)
ESTEFÂNIA — Estefânia, R Pascoal de Melo, 90 (tel 44438)
GRAÇA — Santo António, R Leite de Vasconcelos, 72-C (tel 862333) * Rosas & Viegas, R de S. Vicente, 3 (tel 864351)
LAPA — Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 39 (tel 667460)
LUMIAR — S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote, 2-C (tel. 790704) * Alameda Alameda, das Linhas de Torres, 201-B (tel 790742)
MADRAGOA — Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (telefone 661275)
MARQUÊS DE POMBAL — Ducal, Avenida Duque de Loulé, 21 (tel 28946)
OLIVAIS — Nova dos Olivais, R E, (Lote 469 (Olivais Sul) (tel 3 6402)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas 10-A (telef 842518)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 6-A (telefs 728395-720703)
RATO — Janeiro, Aven Pedro Álvares Cabral, 100 (telefone 661453)
REGO — Universitária, Columbano Bordalo Pinheiro
PEREIRA — Aguiar, Aven
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — ro, 98-A (telefs 764'96-meiro, 29-D (tel 778953)
SANTA CATARINA — Modelar, Largo Dr António de Sousa Macedo, 7-A (tel 678896
Rua Alfredo Roque Gameiro, 38 (tel 85)
XABREGAS — Salter, R de Xabregas, 63-65 (telef 371'85)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R Ernesto Silva, 81 (Telef 212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839.
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (Telefone 2432039)
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 18 (Te 2430058.
PAREDE — Grinalha, Av da República 87 (Telef 247 204
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (Tel 263052)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (Telefone 26''86
MONTE ESTORIL — Costa Av Sabóia, 29-B (Telefone 260085)
CASCAIS — Misericórdia — R do Regimento 9, 4 (tel 280'4'') * Cascais — R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (telef 282407.

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P 28 de Maio, 3-A (Tel 9355'8) * Carmelo — R Elias Garcia, Lote 28 (Tel 933303) * Helénica — R Elias Garcia, 2 (Tel 9336'3) * S. Jorge — R Pedro del Negro, 5, Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Lemos, R e Goa, 21-A (971121)
QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 151 (Tel. 950043), Queluz — Aven Miguel Bombarda, 123-A (Tel 951841)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel 29'00'2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 20 (T 980'55)
COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, R Coronel Ramos da Costa, 10 (Te 234'37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis 30 (Tel. 225020).
ALMADA — Castro Rodrigues Rua Capitão Leitão, 21-A (Tel 270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional, 174 (tel 224302)
BARREIRO — Avenida, Av Alfredo da Silva, 88 (Tel 227342)
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — Silva Rocha — P da República, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Montepio — R Almirante Reis, 93 (Tel 230035)
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel 22947)
SETÚBAL — Costa, Largo da Misericórdia (T 22760) * Brasil — P do Brasil (Te 24788)
SEIXAL — Soromenho — Paivo Coelho, 58 (Telefone 22 8580)

● PORTO

Alino de Barros, Rua Costa Cabral, 240 (T 40593) * Boavista, Rua da Boavista 60 (Tel 25443) * Botelho, Rua da Alegria, 863 (Tel 40069 * Central, Rua de Santo António 203 Tel 21684) * Contumil, Rua de Contumil, 510 (Tel 45755) * Cerujeira, R. S. R. do Lameiro, 473 (Tel 51928) * Garantia, Rua Fernandes Tomás 696 (T 24645) * Lemos & Filhos, Lda., P Carlos Alberto, 31 (Telefone 21309) * Maia, R do Campo Alegre, 192 (Telefone 64450) * Peninsular, R Chã, 00-02 (Tel 20707) * Pinheiro Manso, R S. João de Brito 25-29 (Tel, 60692) * Sá Rua Vale Formoso 81 Tel 40427 * Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 48697) * Foz, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (Tel 630127)

● COIMBRA

M. Nazaré — Avenida João das Regras (telef. 23033) * Figueiredo — Rua da Sofia (tel 22837) * Correia — Rua Visconde da Luz (tel. 22834).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco de Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máximo, Alvalade, 21°,2; mínimo: Figueira de Castelo Rodrigo, —2°,6.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 10°, Foro e Funchal, 14°; Lisboa e Porto, 9°; Pennas Douradas, 4°; Portalegre, 11°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 5°,5; na água do mar: 14°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Leste; formação de geada nos locais abrigados a norte do Tejo

Amanhã
Nascer ás 8 e 5
Ocaso ás 19 e 33

Hoje Dia 12 Dia 20 Dia 26

MARÉS:

PREIA-MAR. **Hoje** — 9 e 46 (3,2 m); 22 e 2? (3,2 m) **Dia 5** — 10 e 08 (3, m); 23 e 46 (3,2 m) **Dia 6** — 2 e 43 (3, m)

BAIXA-MAR: **Hoje** 4 e 45 (1,6 m), 15 e 5 (1,8 m) **Dia 5** — 4 e 19 (1,8 m); 6 e 54 (1,8 m) **Dia 6** — 6 (1,7 m), 18 e 25 (1,8 m).

Vai ser beneficiada a fonte luminosa da Praça do Império

Segundo o «Diário Municipal» hoje distribuído, serão abertas no dia 19, ás 10 horas, as propostas referentes à empreitada de obras de beneficiação na fonte luminosa da Praça do Império.

Aquelas propostas deverão ser entregues até às 17 e 30 do dia 18.

Dois feridos graves num acidente de viação

Encontram-se internados no Hospital de S. José, em estado ainda muito grave, vindos de Torres Vedras, os srs. Manuel Nunes Rosa, de 38 anos, comerciante, residente na Rua Policarpo Anjos, 36, rés-do-chão, em Algés e José Gonçalves de Acosta, de 32, serralheiro, domiciliado na Rua Pereira Palha, 6, 3.º, no Dafundo. Ambos ficaram feridos quando o automóvel em que viajavam se despistou, em S. Domingos de Carmões, próximo de Torres Vedras.

COLHIDO MORTALMENTE POR UM CARRO

Faleceu no Hospital de Santa Maria para onde entrara ontem à noite, Manuel Oliveira da Silva que aparentava cerca de 60 anos. Ignora-se a morada. Fora colhido por um automóvel na Avenida do Brasil. O corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal, onde aguarda identificação completa.

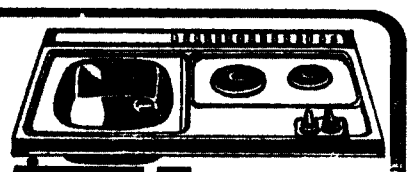
MARROCOS
MARÇO E ABRIL SÃO OS MELHORES MESES PARA VISITAR MARROCOS
Escolha um dos nossos programas:
— DIORAMA DE MARROCOS
— MARROCOS E AS CIDADES IMPERIAIS
— MARROCOS E OS OASIS
— MARROCOS E AS KASBAHS
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

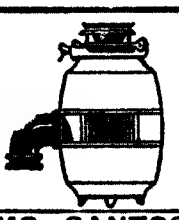
DESASTRE COM ARMA DE FOGO

Devido a um desastre com arma de fogo em sua casa, Avenida de Roma n.º 137 1.º, faleceu o sr. Alcibíades Sequeira Coimbra, 65 anos, vendedor, natural do Brasil. A bala atingiu-se-lhe na cabeça. O corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

AS CASAS TRAVASSOS
VENDERAM O
2.º prémio — 25604
480 contos

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

Teka
LAVA-LOUÇA-FOGÃO ELÉCTRICOS OU A GÁS

FABRICADO POR Teka Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 130 / LISBOA - R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

COMODIDADE NA SUA COZINHA!..
COM
tweeny
trituradores

Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APART.-130 / LISBOA - R. COR. BENTO ROMA, 12-D
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

DO BRASIL, POR UM «APELO URGENTE»...

MEIRIM vem para treinar «um grande clube português»

Meirim de regresso, malas «aviadas» à pressa no Brasil, para corresponder ao pedido *urgente* de um *grande clube português* de futebol, cuja equipa ele viria orientar. Qual equipa é? Não se sabe, nem ele disse. Investigámos no Norte, partindo do princípio não ser o F. C. Porto nem o Boavista, por razões óbvias. Quanto aos restantes...

VARZIM — «*Embora a nossa posição seja um tanto ingrata* — diz-nos o presidente da direcção, dr. Armindo Graça — *está fora dos nossos propósitos, de momento, contratar outro treinador*».

LEIXÕES — O ex-chefe do departamento profissional do clube (pediu a demissão há dias por discordar dos métodos do treinador Medeiros) afirmou-nos: «*Neste momento, o Leixões não pensa mudar de treinador*». Também o presidente da direcção do Leixões, António Barroso, se pronuncia: «*Temos o Medeiros e confiamos nele*».

VITÓRIA DE GUIMARÃES — Antero Henrique Júnior, presidente da direcção vimaranense foi peremptório: «*Estamos contentes com o Peres. Foi com ele que obtivemos a primeira vitória em Guimarães. Tudo o mais é fantasia. Nem Meirim, nem qualquer outro!*»

E pronto. Para o Tirsense também Meirim não vai, pois foi Wilson o escolhido. Enfim, talvez Meirim haja, efectivamente, recebido convites... mas, quanto ao Norte, restará a hipótese de uma colectividade da II Divisão: o Sporting de Braga por exemplo. A menos que, do Rio de Janeiro, Meirim tivesse atendido um telefonema barreirense...

CONDENADOS OS ASSALTANTES DA OURIVESARIA DO PORTO

PORTO 4 — Foram julgados, em tribunal colectivo, sob a presidência do corregedor sr. dr. Góis Pinheiro no 2.º juízo criminal, Herrá Ferreira Cardoso, solteiro, de 22 anos, encadernador, Rua da Vitória 409 e Manuel Jorge Vieira de Sousa, solteiro, de 18 anos, auxiliar de gravador, Rua Nova de Varzim 429.

Os réus na noite de 9 de Dezembro do ano passado, partiram o vidro da montra da relojoaria «Ómegas», na Rua de Santa Catarina e furtaram onze relógios de ouro que depois foram empenhar em casas de prestamistas, onde foram apreendidos. Foram condenados o primeiro em 3 anos e 8 meses de prisão maior, 120 dias de multa a 30$00 por dia e esc. 2200$00 de imposto de justiça; e o segundo em 18 meses de prisão, 67 de multa e 2200$00 de imposto, pena suspensa por 2 anos.

De vez em quando

Tal como para morrer basta estar vivo, também isso é condição suficiente para apanhar escarlatina, desde que se tenha em casa um descendente que tenha trazido, do colégio, o gérmen da doença. Isto para dizer que quando menos se espera lá tem de ir um pobre mortal malhar com os ossos ao Câmara Pestana, a fim de saber se está ou não contagiado. Vai, como se calcula, apreensivo. Hospitais, vocês sabem...? Pois vem de lá maravilhado. Atende-o com presteza uma enfermeira eficiente e prometem-lhe o resultado da análise para 30 horas mais tarde, tal como se tivesse ido a qualquer analista particular. Mas para quê este arrazoado? Para provar a certos senhores que também sabemos regozijar-nos quando temos razão para tal.

V. D.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

11718 — 4 800 000$
25604 — 480 000$
2250 — 240 000$

APROXIMAÇÃO AO 1.º PRÉMIO

11717 — 15 060$
11719 — 15 060$

PRÉMIOS DE 18 CONTOS

1901 3800 4578 6295 16393
18199 18570 19983 20024 20383
22033 22054 25975 33581 35628
36783 37572 37955 42878 43730

PRÉMIOS DE 480$00 (Centenas)

2201 a 2300; 11701 a 11800 e 25601 a 25700.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 718, são premiados com 1800$00, em cada bilhete; os terminados em 250 e 604, são premiados com 1440$00 e, os terminados em 016, 041, 503, 753, 832 e 992, são premiados com 960$00. Os numeros cujos dois algarismos finais sejam 18 dão direito a 840$00, de prémio e com os dois algarismos finais em 04, 50, 70, 79 e 89, dão direito a premio, também em cada bilhete, a 480$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 8, dão direito a 300$00.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

ESTA SEMANA, MAIS UM
PRÉMIO GRANDE
2250 = 240 CONTOS
VENDIDO PELO
CAMPIÃO
A casa de lotarias mais antiga do Mundo

OUTRA VEZ
A SORTE GRANDE
FOI VENDIDO AOS BALCÕES DA
CASA DA SORTE
1.º PRÉMIO — 11.718
4.800 CONTOS
A CASA DA SORTE LEMBRA QUE DAR SANGUE AOS HOSPITAIS CIVIS É SALVAR VIDAS

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

652 ■ 4 DE MARÇO ■ 1971

Uma contribuição para o centenário de «O Mistério da Estrada de Sintra» e da «Geração de 70»

A primeira novela policial portuguesa

Ramalho e Eça: 1.º passo (português) na novela policial

A mais antiga novela policial portuguesa é **O Mistério da Estrada de Sintra** de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Foi publicada no «Diário de Notícias» em folhetins, de 24 de Julho a 27 de Setembro de 1870, há portanto 100 anos. Quero examinar neste artigo se este venerável romance tem ainda algum interesse; se é ou não típico do género policial que em outros países tanto se desenvolveu. Em Portugal tem havido continuadores vários deste género novelístico sem que no entanto nenhum desses autores tenha alcançado notoriedade.

Deixarei de lado o condicionalismo que presidiu à génese de *O Mistério da Estrada de Sintra* — colaboração de dois escritores de temperamentos diferentes e aspectos anedóticos da redacção do livro, tantas vezes relatados. Desejo concentrar-me mais sobre as características típicas da novela policial e sobre o problema de saber em que medida essas características estão presentes na obra de Eça e Ramalho.

O romance policial é realizado com uma certa economia de meios, empregando com ligeiras variações quase sempre os mesmos elementos. Essa constância verifica-se em relação ao crime misterioso, seu tema central na lógica especulativa e dedutiva que é aplicada para alcançar a solução final e até na escolha dos personagens. Os personagens da novela policial estão agrupados dum modo esquemático. Dum lado há os ricos ou poderosos, que podem ser nestes romances mais ou menos corruptos mas que têm como defensores a polícia e as autoridades.

Do outro lado, em oposição com estes, há os personagens que vêm do mundo do crime ou que são homens que padeceram um agravo ou injustiça ou que apresentam uma inferioridade física ou psíquica que os força a procurar vingança através do roubo ou assassinato.

O antagonismo a oposição sem transicções entre estes dois grupos de personagens é tal que podemos fàcilmente classificá-los em «bons» e «maus», em «fortes» e «fracos». Os criminosos destas novelas pertencem em geral à categoria dos «fracos» e tentam equilibrar a balança da sorte em seu próprio favor Mas sendo «fracos» devem re-

Cont. na pág. 6

Pedro Luzes

Jacques Vaché, o arcanjo negro

BRETON atribuiu-lhe o comportamento de um arcanjo negro. A estranha figura de Jacques Vaché desenhava-se, fugitiva, no alvorecer da modernidade. Este jovem, escrevia Breton, *«esplendia com (um) rio ao pescoço, o Amazonas, creio, que irriga ainda o Peru. Tinha incendiado grandes parcelas de floresta virgem—via-se nos seus cabelos e em todos os belos animais selvagens que nele se haviam refugiado.»*

Através das *Cartas de guerra* (agora reeditadas por Éric Losfeld), através do que dele disse Breton, Jacques Vaché surge como o inventor do *umor* (sem h) e como um dos precursores do surrealismo. Num dos quatro ensaios que escreveu sobre o amigo, e que figuram, como prefácios, no volume agora reeditado, Breton declara: *«Jacques Vaché é surrealista em mim.»*

Conheceram-se em 1916, rua «du Bocage», Nantes, num hospital onde Jacques Vaché tratava uma ferida qualquer e Breton tirocinava como interno. Desde logo, Jacques Vaché teve sobre o jovem poeta — o «pohète», como ele dizia, ironia nos lábios — uma influência decisiva. Ensinou-lhe o *umor* que fez em estilhaços o espectáculo social, incluindo o dos «phoètes» que entram na literatura como quem entra num santuário.

Mas o que é o *umor?* É, segundo Vaché, o *«sentido da inutilidade teatral (e sem alegria) de tudo.»* O sentimento do irrisório acende nas suas *«Cartas»* um fogo devastador. Numa época em que são exaltadas as «virtudes» guerreiras e legitimadas as carnificinas, Vaché, desprezo na boca, recusa a Moral, a Arte e o Resto.

UM MORTO MASCARADO

Desesperado duma vida votada à matança ou à banalidade quotidiana, ferido no seu íntimo, segundo Breton, mas com a inquietação do *porte*, Vaché auto-retrata-se sob a forma de um dandy, com uma caveira sobre o lado esquerdo do fato. Amante dos disfarces, vagueava pelas ruas e bordéis de Nantes mascarado de hussardo ou sob qualquer outro trajo bizarro. *«Intérprete nas tropas britânicas»* durante a guerra, segundo ele próprio, exibia monóculo:

«Passeio de ruinas em al-
[deias
o meu monóculo de cris-
[tal...»

Nunca deixou de se mascarar, de se esquivar. Breton voltará a vê-lo, e revê-lo, cinco ou seis vezes, fugazmente; mas nesses momentos, como nas suas cartas, Vaché esboçará os caminhos do surrealismo: a procura da *«sensação»* numa *«colisão flamejante de palavras raras»*, procura do maravilhoso-quotidiano.

Vaché (auto-retrato)

Verão de 1917, em Paris nas proximidades duma gare, cruza-se à noite com uma adolescente maltratada por dois homens. Toma a defesa da jovem desconhecida e, de imediato, propõe-lhe viajar: dirigem-se assim a Fontenay-aux-Roses, vagueiam até de madrugada e pedem por fim asilo a *«um encarregado dos candeeiros de iluminação pública, que, por uma poética coincidência,* — nota Breton, maravilhado — *exercia durante o dia a profissão de cangalheiro.* Jacques Vaché vive dois dias com a adolescente e desaparece. Deixava as pessoas, as próximas como as outras,

Cont. na pág. 2

François Bott

Poesia & Não

JOÃO RUI DE SOUSA
MEDITAÇÃO EM SAMOS
Galeria Panorama
Lisboa, 1970

Uma das primeiras *impressões* que nos transmite a leitura deste ultimo livro de João Rui de Sousa é a de um texto perfeitamente elaborado, uma escrita que passo a passo se constrói, se clarifica, que diante de nós vai desenrolando o seu com-

João Rui de Sousa

plicado mecanismo. Quer isto dizer que se trata de um texto que nos não esconde essa sua elaboração, o trabalho de que é feito, o jogo de símbolos que internamente o arquitectam. Dessa não ocultação do seu modo de produzir-se, desse reflectir sobre o material utilizado, ele retira sem dúvida um dos seus mais válidos significados:

hexagonal perfeita cir-
[cunstância
ao redor do veludo des
[ta escrita
que ordena o campo to-
[do e não descansa
enquanto houver o caos
[enquanto liga
a dispersão dos passos
[descuidados
a perdição das coisas
[sem medida

Trata-se pois de uma «*escrita/que ordena (...) e não descansa/enquanto houver o caos*». A preocupação da ordem é aliás um dos pontos fulcrais, uma das incidências maiores deste discurso:

jamais a ordem como
[quem ordena
o que intimamente ja-
[mais quer
disciplina aqui é pôr a
[regra
bem perto do fio que
[mais recorde
vontade própria querer
[mais vigilância
no caminhar sem fim
[onde se ergue
ilimitada esperança ou
[vida ou obra
existe aqui a lei mas
[não de pedra:
um livre rumo ao ho
[mem que se quer
em certa direcção quan-
[do navega

ou ainda:

põe ordem no desejo
repousa cegamente como
[um navio em chamas
fosse o seu rumo
moer palavras já cansa-
[das
(roê-las mastigá-las)
castigar o estrume

Este trabalho de uma escrita que incansàvelmente tende a reordenar um real fetichizado por um jogo de aparências, exerce-se sobretudo sobre as palavras em que esse real se diz e essas aparências se concentram. Podemos aliás claramente notá-lo num poema que se intitula *Exercícios de Clarificação:*

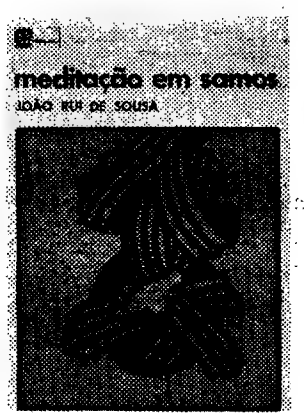
... ...
falar apenas como se
[cantar

ou ainda neste outro em que o rigor desse trabalho nos procura ser mostrado:

... ...
a noite é como um pre
[go enquanto segue
o esquadro e o compas
[so deste vício
de alinhar as cores mais
[desvairadas
ou de queimar perfis de
[diversão
... ...

a procura de rigor é aqui portanto uma tentativa de pôr em causa esse universo de aparências, os «perfis de diversão», os «gritos palavras», o subjectivismo de um discurso que tende a alimentar o caos de um universo onde as palavras vogam, desordenadas, ao sabor da exploração e de uma ideologia que delas retira a ambiguidade possível:

as aparências são reais
o mundo é e que se vê
no espaço não há céus
essenciais não existem
existe só a forma



dos corpos e as palavras
(e a certeza de sermos
habitantes destas mar-
[gens

Deixámos pois falar o texto através deste esboço de leitura em que apenas tentámos ordená-lo. Vimos que uma ideia central atravessa o discurso poético de João Rui de Sousa: o rigor; ou a sua procura através de um constante trabalho sobre a linguagem — afinal a matéria utilizada na elaboração da escrita. É esse trabalho que tende a definir toda uma complexa teoria da produção poética. Rui de Sousa parece reconhecer que o *sentido* de um texto não está antecipadamente contido no conjunto dos signos linguísticos que o constituem, que ele não é, portanto, *natural*. O *sentido* produz-se no texto como resultado de um trabalho que sobre esses signos se exerce, da sua própria fabricação. Assim como o valor de uma mercadoria está contido na parcela de trabalho aí cristalizado, o valor de um texto é igualmente o resultado de um trabalho produtor, de uma prática da escrita.

É dessa prática que sem duvida este livro nos fala. Às *palavras cansadas* nas quais é necessário reintroduzir um novo valor operatório, *roê-las, mastigá-las*, retirar-lhes todas as conotações que até aqui têm tornado possível a sua exploração por uma determinada formação ideológica. Esta sem duvida a função política do poema, como o disse um dia António Ramos Rosa. Política, evidentemente, porque poética. Disciplinar, pôr a regra, ordenar, tentar a produção de um novo sentido.

sobre a secura branca
[do papel
sinal de fogo lambe e
[é vertigem
cão de veludo cor be
[ber o mel
um quase abraço lâm-
[pada exaltante
sobre a secura a pele
[colada e cheia
é como o sol tangente à
[nossa vida.

Cont. na pág. 7

Jacques Vaché, o arcanjo negro

Jacques Vaché

Cont. da pág. 1

«à francesa», como escreve ainda Breton.

Também o poeta Jean Sarment, que no liceu de Nantes foi colega de Jacques Vaché durante os anos de 1912-1913, faz sobressair a faceta incontrolável do personagem, a parte nele de ausência e silêncio: «*Não queria ser próximo*». Guardava a distância disfarçando-se e assinava os escritos de adolescência — artigos, poemas, novelas humorísticas — sob os pseudónimos de Jacques d'O ou Tristan Hilar.

Em Nantes, Jean Sarment e Jacques Vaché formaram, nas vésperas da primeira guerra, um grupo que prefigurava o movimento surrealista. Daí nasceram duas revistas, *En route mauvaise troupe*, em 1912, e *Le Canard Sauvage*, em 1913, onde Vaché fazia poesia como tenia feito, segundo Jean Sarment, *o trabalho de acrobata ou de palhaço*.

Nascido em 1896 algures na Indochina, filho de um oficial que ele detestava e que o fez odiar a carreira das armas, Vaché encontrou a morte certo dia de 1919 num hotel de Nantes. Tinha tomado uma dose excessiva de ópio. Jean Sarment — que via nele *«um romântico naif»* (e apenas iniciado no uso da droga) possuído de *uma amargura precoce*, ainda que de uma só, não pensa que se tivesse tratado de um suicídio, ao contrário de Breton.

Não quero ser morto em tempo de guerra, escrevia Vaché. *Matar-se-á pouco depois do armistício*, comenta Breton.

Seja como for, Vaché — cujas *Cartas* demonstram a bastante insolência — forneceu uma máscara à própria morte.

FRANÇOIS BOTT
(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

INÉDITO

Adormece a cidade enorme e a Noite vem.
Pescoço erecto, olho glauco, caminha nas pontas
dos pés e aproxima-se rápida.
Logo se faz grande silêncio à sua vista,
depois seu povo ulula e ferve.
E ouvem-se, intervalares, as garras patas
escavar o solo; seco estalar no escuro de pesadas
[asas.
monstruosos monstros cujo áspero ventre raspa a
[terra.
acre rugido das bestas degoladas, arfantes línguas
que lambem escorrente líquido. E a lua,
parada e doce, banha tal horror onde por vezes
um suspiro exala.
Porém as bestas imundas, aves de olhos sinistros,
rapaces trituradores,
gatos eróticos e horrendos que pululam neste
[fervilhar de vida.
suspendem a cópula e a mordedura.
Senhores da Noite, dois amantes passeiam na límpida
álea do parque, em silêncio mútuo.
E os múltiplos olhos dos monstros suspensos fixam
o amor viajante.
A sombra empalidece.
Topázio-olho-de-gato, a noite passa passo a passo.

Jacques d'O
(pseudónimo de Jacques Vaché)

À Lupa

BOLSAS E BOLSOS

HÁ BOLSAS e bolsos de todas as espécies e para todas as finalidades. Bolsinhos para pôr lenços, Bolsas de Valores Fiduciários, bolsas para transportar legumes (couves, espinafres, cenouras, etc.), carne e peixe, bolsos e bolsas para tabaco (cigarros no fato, de cachimbo em vários materiais) e muitos outros. Existem também Bolsas de Cultura, para ajudar à especialização em diversos ramos das Intelectualidades. Para ciências, letras, falcatruas, artes e mais actividades circum-adjacentes. As outras bolsas são inócuas e servis, mas as literárias e artísticas é que são um bródio itinerante. Atribuídas por Institutos, Fundações, Sociedades Financeiras, ou ainda por Particulares em estado de *spleen* (excesso de dinheiro nos bolsos) dão para tudo, principalmente para viajar.

O bolseiro tanto pode ir parar a Monchique como a Paris, Alhos Vedros, Tegucigalpa, Londres, Cabeceiras de Basto, Berlim, Bahamas, Durban, Cascais ou Madrid. Que vai ele fazer com a bolsa no bolso? Ora, vai bolsar. Bolsar constitui uma prática complexa. Não se trata de fazer bolsos, como muita gente poderá pensar através do dicionário. Não. Bolsar é, antes de tudo, em troca de suaves cláusulas contratuais revestir a careca de andanças por aí (interior ou estrangeiro). Flanar de mãos nos bolsos, emitindo opiniões e tendo sempre em atenção aqueles que concedem as bolsas também é saudável, instrutivo e compensador. Participa do bolsar. O bolseiro, geralmente, torna-se um pouco arrogante. As passeatas e longas conversas acerca de arte e literatura conferem-lhe uma erudição utilitária que lhe permite grande à-vontade em estabelecer verdades últimas. Todos os países gostam de ter uma boa quantidade de gente a bolsar por essas terras além. É uma óptima propaganda que demonstra que os intelectuais saíram das suas torres de marfim e se adaptaram à movimentação moderna, ao progresso, ao dinamismo. Além disso a bolsa pode facilitar o salto para outro tacho. Quando se pretende uma *situação*, apresenta-se no curriculum vitae: foi bolseiro de (ou da) etc. A aquisição de uma bolsa pressupõe engenho e feitio, sociável. É necessário conhecer os mandatários. Lisonjeá-los, mostrar-lhes as obras-primas de um génio até aí mal aproveitado, sugerir que outro que já tem os bolsos repletos não é tão merecedor e no entanto lá foi bolsar, pedir, insistir, suplicar, estabelecer o historial de uma vida sacrificada a grandes ideais e que só espera uma oportunidade para, bolsando, expandir qualidades encolhidas pelo reduzido do que se traz no bolso.

Grande parte dos nossos escritores, poetas, pintores, músicos, etc., já bolsaram e trouxeram desse período belas recordações e alguns objectos aqui insólitos. Certos até fizeram carreira e, ingratos, esqueceram as bolsas que lhes enchem agora os bolsos.

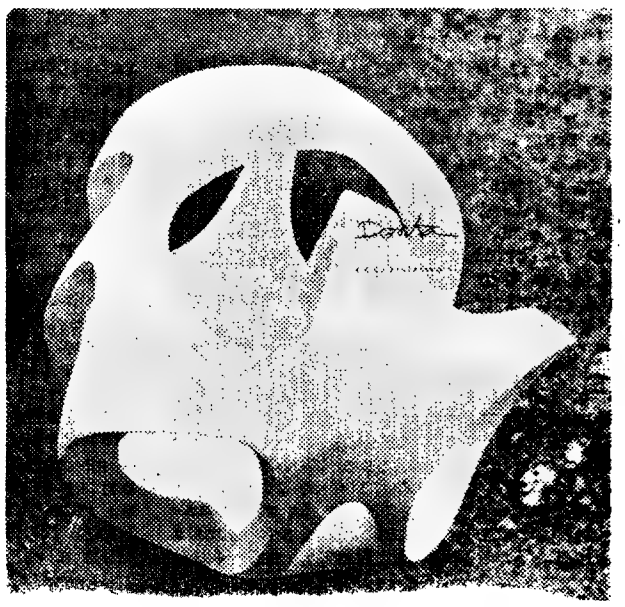
MANUEL
DE CASTRO

Manuel Baptista

FAZER E SER, COM EXIGÊNCIA

Por Rocha de Sousa

Artes Visuais



Escultura de Dorita: não bastam os materiais e o seu brilho aristocrático para impor uma realidade estética

Para as artes, como para muitas actividades, a fórmula é por vezes tão necessária quanto perigosa. A fórmula faz a forma. E a forma é responsável pelas «densidades» do conteúdo. A forma actualiza-se, evolui, medita-se: essas são condições irrecusáveis para a definição da sua presença (actuante) no mundo das ideias. Mas, noutro sentido, a forma é por vezes a própria fórmula, ou vice-versa, e a linguagem afunda-se num sistema fechado de conceitos paralisantes. É o estilo em condição menor, a receita, o academismo, a fórmula pela fórmula. Nesse caso, e em geral, a forma esvazia-se do seu poder de afirmação — apesar dos brilhantismos possíveis, dos efeitos da técnica, da resolução plástica espectacular. Ao estilo deixa de co responder a atitude, o empenho, o drama renovado e lúcido do discurso. Pelo contrário, o estilo passa a ser um silêncio luxuoso, mais frivolidade do que espectáculo, mais demissão do que afirmação, mais compromisso do que descoberta. Sacrificando-se a uma coerência formal que se tornou ficticia, ou enganadora na deliberação dos seus limites, o artista aceita-se então votado às imposições do esteticismo, vincula-se demasiado aos apetites do consumo, conserva-se e academiza-se, pactua, mente, finge desconhecer a realidade. Produz beleza. E cala-se, em nome de uma autonomia que já não lhe serve para nada

MANUEL BAPTISTA
Galeria 111

FOCAGEM (BREVE) DE ALGUMAS RESERVAS

Manuel Baptista pintor interessante e interessado na forma, persiste demoradamente na fórmula, garantindo-a cada vez mais como método o objecto do fazer O pintor vigia-se com maior prudência desde o momento em que inaugurou a sua fase dos relevos. Mas nem sempre a prudência é sinónimo de exigência. E nem sempre a exigência do fazer se corresponde com a exigência do ser.

É aqui que se situa, fundamentalmente, a actual crise da pintura de Manuel Baptista. Tanto quanto nos parece, essa pintura começa a ficar saturada pelas suas proprias contradições, procurando sobreviver a elas na absurda fidelidade a uma fórmula. O receituário deste comportamento invade o significado da forma, corrompendo-a. A fórmula é soberana: dirige e permanece.

Mas o autor parece dar-se conta do esgotamento em que incorre. Recuperado o secreto prazer da sua experiência anterior, o gosto pela tinta, a noção da textura e dos valores, as dissonâncias, ele propõe-se (timidamente e com prudência) abalar o programa esteriotipado dos relevos e da colagem. Lutando contra a futilidade crescente, quase súbita, das formas entretanto operadas. Baptista incorre numa outra espécie de futilidade, contraditória e talvez desnecessária: aos relevos produzidos pela fórmula cortados por uma tesoura apressada mas ainda rigorosa, acrescenta um outro processo de expressão, um outro quadro feito de tintas ácidas. Isso é, sem dúvida, a memória perturbada e saudosista da «pintura que já não se faz» mas que corresponde à urgência de um ciclo a fechar-se. Melhor: que corresponde à própria crise das opções, uma ruptura mais adivinhada do que assumida. Os imperativos do fazer são efectivamente ditados pela fórmula, agrupam seduções e submissões, negam o ser.

Manuel Baptista recomeçou a pintar, apesar de fugir a uma técnica inteiramente ortodoxa. Mas pinta sobre os relevos, disfarça a fórmula, faz um quadro sobre outro quadro — por excesso, por desespero, nunca pela via de um verdadeiro inconformismo. Para tanto, teria de rasgar a colagem, teria de contestar a fórmula, teria de suportar o encargo de uma nova aventura. Dar *patine* aos relevos, artificializar o seu envelhecimento, não basta para reconverter o itinerário traçado, para lutar contra o esteticismo *instalado* da sua última produção. É preciso ir mais longe, isto é: é preciso correr os riscos de destituir a fórmula, programando de novo a cadeia dos significados. De facto, e ainda recentemente, o objectivo do artista parecia ser esse: conferir à modernidade frívola dos relevos a dimensão irónica de um envelhecimento precoce ou a digna aparência de uma antiguidade impossível. Mas os seus últimos trabalhos, naufragando num formalismo por demais evidente, descaradamente consumível, recusam tal tipo de leitura: as

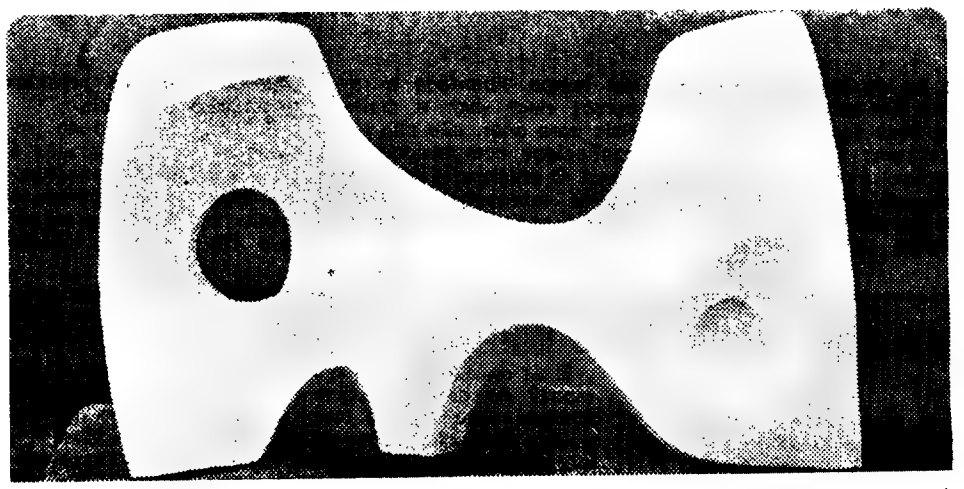
tintas são arbitrárias em relação aos relevos e é assim operada uma negação tardia desses mesmos relevos, uma traição ao seu rigor e à sua verdade. A colagem é desvirtuada, não por uma acção esclarecida e intencional, mas por uma decoração superficial e falsamente estridente.

Estamos longe de acreditar que esse seja o verdadeiro preço da pretendida universalidade da linguagem pictórica. A descoberta de novos conteúdos decorre de uma reestruturação da linguagem, de uma nova ordem atribuída aos seus elementos, de uma destruição dos esquemas estabelecidos. Manuel Baptista, pelo cotrário, prefere demorar-se no que ele próprio já estabeleceu e que os outros alegremente sancionaram. De facto, e a partir daí, é preciso desconfiar. O conteúdo de uma afirmação pode esgotar-se pela repetição arbitrária das palavars. E as palavras são demasiado preciosas para que o artista se permita o luxo de as aplicar gratuitamente. Manuel Baptista, que sempre foi exigente quanto à quantidade, qualidade e significação daquilo que produzia, tem hoje de preferir à fórmula a exactidão da palavra. Traduzindo: tem de resistir ousadamente à circunstancialidade do fazer, meditando o lugar exacto da descoberta, o peso exacto da forma, a vontade exacta do discurso. Criar tem a sua moral, uma exigência de fazer pela exigência de ser

DORITA CASTEL-BRANCO
S. E. I. T.

Da qualidade irregular à persistência, ou desta àquela, assim se poderia traçar sintèticamente (e talvez injustamente) a apreciação crítica ao trabalho profissional da escultora Dorita Castel-Branco. O seu rigor estético, com efeito, é pouco nítido, baseando-se num empirismo por vezes ostensivo e sofrendo os efeitos (ou defeitos) de uma informação fragmentária. Todavia, a produção desta autora pode considerar-se persistente, consequência periódica de uma boa vontade manifesta, virtude de um esforço apreciável. Com materiais luxuosos e decorativos, socorrendo-se de constantes apoios tecnológicos com vista à formação definitiva da peça e à sua real permanência, Dorita desenvolve um heterogéneo conjunto de formas, visivelmente desprogramadas nas suas mútuas relações. O nosso diálogo com essas formas distancia-se do que elas podem significar na sua abstracção e na excelência do seu acabamento. Paradoxalmente, começa aí a gratuitidade das peças, o seu formalismo suspeito, a ineficácia da sua escala, a sua ausência de um objectivo capaz de se acertar com um tempo ainda não esgotado e com uma verdadeira qualidade estética. Os materiais sobrepõem-se à forma pela sua natureza espectacular, pelo seu grande apelo sensorial e pelo tratamento sofisticado que lhes foi atribuído. Com efeito, não bastam os materiais e o seu brilho aristocrático para impor uma realidade estética na proposição plástica. Na escultura de Dorita Castel-Branco, os materiais impõem-se e isolam-se, não exprimem senão a sua própria vida; e a técnica, impessoal e regular, correcta mas destituida de afectividade, não nos afirma o suor que a gera, uma angústia ou uma alegria, a luta da operatividade e do sonho.

Na extensão destas verificações, a forma acompanha a pluralidade de objectivos distintos e contraditórios. Aí campeia o eclectismo, indefinição do estilo e da doutrina. A escultura em referência falta espírito onde sobeja minúcia técnica, falta uma direcção ideológica onde sobeja a variedade arbitrária, falta originalidade onde sobeja o improviso e um «gosto moderno» já envelhecido.



Dorita: um «gosto moderno» já envelhecido

VOCÊ VAI CONCORRER
compre FLAMA REVISTA SEMANAL DE ACTUALIDADES
CONCURSO

1º prémio: um automóvel Ford CAPRI 1600 GT XLR
MUITOS OUTROS PRÉMIOS GRUNDIG, TURISMO BRITÂNICO, VALENTIM CARVALHO E ESTABELECIMENTOS MELODIA

O «GRUPO 61», O NEO-REALISMO E CÉSAR PRATAS

Por Manuel Simões Ferreira

VEM ANTÓNIO CABRAL (Suplemento Literário de 12/2) pôr-nos perante um problema que eu já há muito pensara. Trata-se de analisar a geração posterior ao «grupo 61».

Estou de acordo com António Cabral quando este pretende minimizar a importancia do «grupo 61». O problema não reside na expressiva formalização do conteúdo, ou seja, no desaparecimento deste, com excessiva preocupação da forma, afinal a que ficaria reduzido o poema. Pois, diz António Cabral, «para eles» — formalistas — «o chamado conteúdo ou não tem importância estética ou é redutível à forma em si». Discordo do autor do artigo porque me parece que o desaproveitamento do conteudo — se assim lhe podemos chamar — é fruto, sim, mas de alguns movimentos esboçados posteriormente ao «grupo 61». Nem duvido que para eles tenha contribuído, por exemplo, uma teorização de Gastão Cruz, que movendo-se e remoendo-se no espaço acanhado da sua imagética deixou o conteúdo da sua poesia delimitado por uma forma, que essa, sim, ganhava foros de autenticidade e vinha a tornar-se característica de movimentos esboçados posteriormente.

Agora o «grupo 61», como dizia e muito bem Nelson de Matos, teve a vantagem de se implantar num espaço vazio — «o que sobretudo nos interessa pensar é o espaço de um vazio e a presença que eles aí souberam instaurar». Esta atitude prudente de N. M. é a afirmação mais objectiva que até agora li acerca do «movimento 61». Havia efectivamente um espaço vazio provocado pelo reinado de Régio que repentinamente é violado por um grupo jovem que fez afundar conceitos tradicionais de poesia. Mas, e agora, sim, isto me parece o mais importante, se o «movimento 61» foi inovador, se criou novas fronteiras para a palavra, se o condicionalismo político foi aproveitado como motivação, se o conteúdo se diversificou e se enriqueceu, o movimento acabou por se enquistar, e bem me parece que, ao contrário do que pensa Eduardo do Prado Coelho, não foi apenas Gastão Cruz a esgotar «as fórmulas iniciais da sua poesia»: foi-o também Fiama Hasse. E não teria sido apercebendo-se dessa tendência colectiva do «grupo» que Maria Teresa Horta enveredou agora pela prosa? Quanto a Casimiro de Brito e a Luiza Neto Jorge parecem-nos os únicos poetas do «grupo» que não envelheceram. Mas o que nos oferece verdadeiramente o autor dos «Jardins de Guerra»? Será um representativo desta poesia? Teria atingido alguma vez o nível dos restantes? A expressão desordenada, impulsiva, inconsequente, de Casimiro de Brito integrar-se-á dentro do conjunto formado pelos restantes autores? Sendo a poesia dele feita de reacções primárias perante as coisas, quase instintivas, não nos parece ter permanecido de pé, como aconteceu com Luiza Neto Jorge, a única sobrevivente renovada do grupo.

Pode perguntar-se agora o que tem César Pratas a ver com isto! Porque me parece, tal como a António Cabral — e tenho a certeza que a todos os que se debruçaram alguma vez com honestidade e isenção sobre este poeta — que estamos perante um dos casos mais relevantes da nossa poesia depois do aparecimento do «grupo 61». Ao contrário do que pensa António Cabral, não pode fazer-se de modo nenhum um antagonismo entre César Pratas e alguns poetas do «grupo 61». Porque o formalismo é também uma característica do autor de «Boletim Meteorológico» no sentido da recolha da palavra exacta, necessária, para o local respectivo. A característica mais aguda no autor de «Post-Scriptum» é o raciocínio vivido ao longo do poema. Invertendo as formas tradicionais de escrita em que o autor raciocina primeiro e escreve depois, em César Pratas assistimos a um desenvolvimento clarissimo (lá está a palavra necessária) do raciocínio ao longo do poema e uma conclusão, lógica, consequente. Esta conclusão pode por vezes dar origem á ideia que se está perante um poeta moralizador. Moralizador, não no sentido tradicional de quem lança o anátema, mas antes de quem descobre novos conceitos e nos impele para eles. «*Os impérios são nossos / e os deuses / só a calma alegria de usarmos / para nos*

Vivissecção do artista como profissional

Por E. M. de Melo e Castro

«*Com p*

A REIVINDICAÇÃO de um estado social para o artista criador é diferente da luta pelo reconhecimento da necessidade ou utilidade da obra de arte. E o que se verifica nas sociedades actuais, quer de economia livre ou de economia dirigida, é que enquanto se aceita a obra (como apreciável, desejável, negociável, necessária à cultura, etc.) ignora-se quem a fez e em que condições a fez. As exigências do homem-artista, em tempo, liberdade e recursos para viver e materiais para criar, não são reconhecidos, nem levados em conta. O artista cria em condições impróprias e inadequadas ao acto de criação. Condições materiais e espirituais. Condições privadas e públicas e sociais.

E essa precaridade reflecte-se no seu trabalho. E essa insuficiência encontra-se bem nítida, principalmente na arte do fim do século XIX e primeira metade do século XX, que ao virar-se para dentro, para os abismos do psicológico, perde a dimensão colectiva da comunicação, ou por outro lado, ao assumir o social o faz pragmática e doutrinàriamente esmagando o indivíduo, e a sua capacidade de livremente inquirir, c r i a r, comunicar com os outros homens.

A excepção é evidentemente DADA, que sendo essencialmente demolidor e colectivo, assenta no poder

FOLHETINETA DOIS

(OS DIALOGOS FALHADOS)

Por Alexandre O'Neill

É CLARO que a ortopedia tem muito que ver com o erotismo.

Achas que não?! Então o que há de melhor para ti é domesticar os cabelos com brilhantina ROUXINOL para que a vizinha que te faz suar das mãos durante todo o ano possa estudar o seu decote de libélula quando lhe passas debaixo da varanda...

Ninharias, meu filho...

E as bicicletas? O que são para ti as bicicletas, rapaz? As bicicletas que de cabeleira ao vento correm sobre nós de todos os lados tão prontas a uma agressão como a um beijo, as bicicletas loucas que nos sobem pelas costas e ficam horas e horas a rodar no alto da cabeça, as bicicletas que às vezes são usadas como lunetas pelos pobres de espírito? Interessava-me saber o que pensas das bicicletas. Lembras-te, com certeza, dos que distribuem telegramas, que martirizam as pobres pequenas bicicletas... E nelas, pensas? Acaso te aproximaste já de alguma com verdadeira intenção de a conhecer?

Exactamente! Estava já à espera desse teu olhar de lépido manequim atrás da montra, desse teu sorriso.

Os elevadores do riso começam a trazer-te dos intestinos para a boca esse ar de leque alvarmente aberto que (ó vingança!) irremediàvelmente se estampa em todos vós quando alguém pelo nariz vos arrasta até ao baile das palavras...

★

Prefiro falar contigo, Gisela. Aqui me tens, pobre pequena dos pulmões de renda, que, nas noites de verão, trepas, assombrada, ao vidrado das telhas, farejando calma.

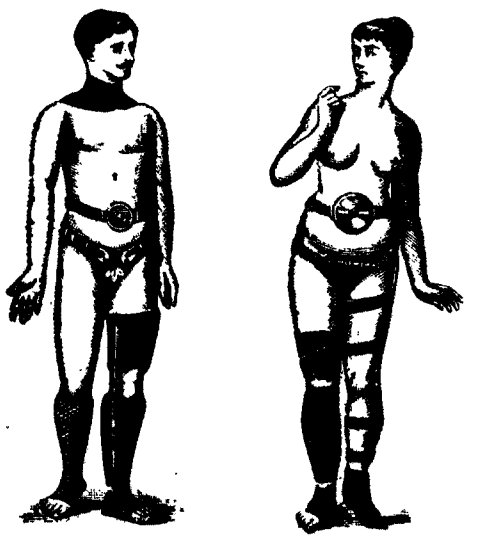
É importante que te diga isto antes de mais nada: sabes que não existes? Que não és, realmente, mais do que uma espécie de transpiração? Sabes, além disso, — custa-me, mas tenho que dizer-to! — que sem uma palavra Julião desapareceu? O velho moveu-lhe uma feroz perseguição (no que gastou o espólio da condessa) mas o canalha sumiu-se como fumo e não há esperanças de o encontrar! E, no entanto, há quem diga por aí que ele é esse homem fascinante e perigoso que um rapaz magro, de cachecol (um rapaz como há poucos!), certamente em nome da cultura pontualmente faz passar, sob forma insuspeita, por debaixo da tua porta todas as quintas-feiras.

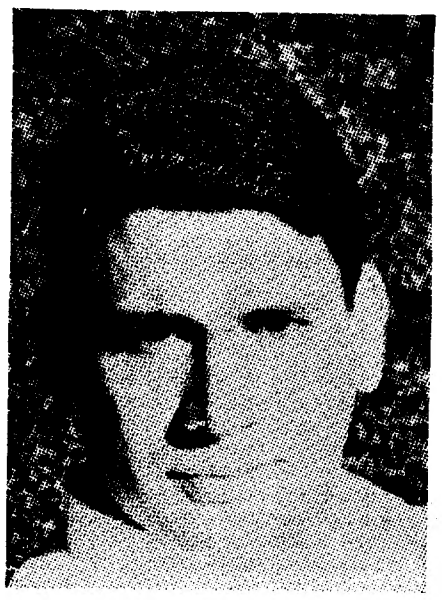
Realmente, não sei... De qualquer modo é urgente tomar um caminho, Gisela!

Peço-te que medites nisto, peço-te que medites muito nisto!

Tu, Gisela... Sim, tu, Gisela, realmente não existes, realmente não és mais do que a transpiração...

Julião! Um lindo nome! Por que não o pões a esse simpático gafanhoto por onde acertas o teu pequeno relógio de pulso todas as manhãs?





César Pratas

darem força de os vencermos // e os não acreditarmos» (in «Boletim Meteorológico»). E desse formalismo recolhe César Pratas ainda a ausência de pontuação, que, usada como ele a usa, origina que o poema não perca a unidade e antes se clarifique, dando-nos uma imagem *lavada* da poesia. *Lavada* — e emprego este termo intencionalmente, pois uma das características deste poeta é também a ausência de imagens. Mas não vou supor que isso reflete carência de imaginação. Antes, é o caminho que o poeta creio considerar mais eficiente para uma exacta definição do seu pensamento.

A maior preocupação deste poeta é, felizmente, oferecer um texto exacto, curto, rigoroso. Daí também que a maior parte dos seus poemas sejam pequenos. Mas para quê dizer mais? *olhemos para as mãos / o futuro são elas / filhas das ideias / ajudam-nos a tê-las.*

Afirmei atrás não carecer C. P. de recursos imagéticos. E leia-se por exemplo «Post Scriptum», o menos comprometido dos livros do autor (galardoado em o Prémio Revelação da extinta S. P. E.). Ali se encontra escrita toda a gama de recursos do autor: «*Submersos de conceitos / reencontramo-nos dispersos / inválidos de espaço / como braços abertos*». Mas porque razão tem sido este o autor mais esquecido por certos críticos? (não incluo Óscar Lopes, nem Manuel Simões, nem certos críticos da novíssima geração detentores de suplementos regionais). Porque tem sido ele sistemàticamente afastado das paran-

Cont. na pág. 7

/ lavras a terra / com palavras falas» — José Alberto Marques

criador insubstituível dos indivíduos criadores, e no seu direito de criar e destruir, participando aberta e dialèctlcamente no trabalho do desenvolvimento do processo social europeu.

Mas no entanto, ainda actualmente são negadas ao artista as condições mais elementares de trabalho e dignidade, condições que constituem hoje o direito de qualquer trabalhador em qualquer parte do mundo — a começar pelo mais elementar de todos: o direito de viver do seu trabalho — ou seja a profissionalização.

Não a profissionalização em tarefas afins: (ex. jornalista, artista gráfico, publicitário, etc., que são profissões em si próprias e independentes do trabalho criador de escrever e pintar ou filmar), mas a possibilidade de viver desse próprio trabalho criador— que é por natureza demorado incerto, não eficiente, e não mesurável.

À lenda romântica de que o artista só cria com dificuldades pode opor-se uma lista infinita de artistas frustrados ùnicamente por dificuldades materiais e pode opor-se uma outra lista de obras geniais cuja criação foi facultada pelo mecenato renascentista, ou mesmo moderno.

Mas este argumento é puramente ocioso — porque o que está em causa não é o mecenato, solução excepcional e exemplar. O problema é o estatuto social de quem só sabe criar obras de arte de que a sociedade necessita (independentemente das razões dessa necessidade).

Que é Poeta?
Um homem
Que trabalha o seu poema
com o suor do seu rosto
Um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem.

CASSIANO RICARDO

No entanto, é curioso notar que os favores dos mecenas passaram desde a renascença até à actualidade, dos artistas para os cientistas, e reciprocamente também o conceito de utilidade do trabalho criador foi deslocado.

Na renascença os artistas têm os favores dos Mecenas e os cientistas são queimados pela Inquisição. Mas com o triunfo do Racionalismo e do Iluminismo a situação inverte-se. Após a primeira Revolução Industrial o mundo passa a depender dos cientistas. São para eles os favores dos mecenas que motivam e financiam a investigação e a descoberta científica. O artista é automàticamente subversivo e perigoso para uma sociedade cujo único valor é o oiro, ou cujo único objectivo é a produção de bens de consumo.

Cont. na pág. 7

COLÓQUIO

REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

À VENDA O NÚMERO 61

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Distribuidora: E.N.P.—*Av. da Liberdade, 266—Lisboa-2*

Prontuário das Letras

Ángel Crespo e a poesia (portuguesa)

O poeta espanhol Ángel Crespo, autor de uma bem informada antologia de poesia portuguesa que seleccionou, prefaciou e traduziu para castelhano (in Colección Adonais. Ediciones Rialp, Madrid), é dos raros intelectuais do país vizinho que nos conhece realmente. Aliás o seu interesse orientou-se, em anos recentes, para a literatura brasileira: tradutor, por exemplo, de João Guimarães Rosa, dirige em Madrid a importante *Revista de Cultura Brasileña*. Tudo isto vem a propósito da pequena entrevista que acaba de conceder ao *Notícias da Covilhã* (27-2-1971) sobre o tema que lhe é mais caro: a poesia.

«Que é para si a poesia?» — pergunta o coordenador da página de cultura *O Lugar*. E Crespo afirma, depois de um preâmbulo em que aborda os perigos de uma resposta subjectiva: «Para mim, a poesia é um meio de afastar os escombros acumulados sobre o que poderíamos chamar «sensibilidade dos sentimentos» dos homens. Ao cumprir as suas funções, conseguirá que a inteligência e o sentimento se coordenem para guiar o homem, salvando-o dos efeitos da falsa propaganda e do «espiritualismo materialista» que trata de impor em nome do espírito e de uma civilização sem progresso social»

E sobre a nossa poesia («julga necessária uma renovação na actual poesia portuguesa?»): «Tanto quanto conheço da poesia portuguesa contemporânea, penso que seria pretensioso responder categòricamente a esta pergunta. A renovação da poesia portuguesa iniciou-se com o neo-realismo. Actualmente há um importante número de poetas que estão no verdadeiro caminho. Constantemente aparecem nomes novos. Creio que bastantes deles andam muito preocupados por questões técnicas (de técnica literária) que os afastam da realidade. A experiência vai indicando a muitos o sentido de que a poesia tem um fim social a cumprir, o que não significa, nem mais nem menos, que tenha de converter-se num panfleto. Significa, essencialmente, que o homem, o poeta, ao cantar, deve ter presente os outros homens e os seus problemas.»

Ungaretti: em português cuidado

Ungaretti entre nós

Finalmente eis Giuseppe Ungaretti produzido em Portugal. Expliquemo-nos: eis Ungaretti apresentado em três dezenas de poemas, suficientes para uma primeira e sucinta ideia da sua poética, insuficientes para a sede de uns quantos leitores mais perto destas coisas. De qualquer modo tem que agradecer-se à D. Quixote a novidade, que nos chega em versão cuidada de Orlando de Carvalho (professor da Faculdade de Direito de Coimbra e, ainda que pràticamente inédito, poeta a fixar)

Um exemplo, tirado de *Il taccuino del vecchio:* «Se una mano schiva la sventura, / Con l'altra mano scopri / Che non è il tutto se non di macerie. // È sopravvivere alla morte, vivere? // Si oppone alla tua sorte una tua mano, / Ma l'altra, vedi, subito t'accerta / Che solo puoi afferrare / Bricioli di ricordi.» E em português: «Se uma das mãos te foge à desventura. / Com a outra descobres / Que tudo não são mais do que ruínas. // Sobreviver à morte é ainda viver? // À tua sorte opõe-se uma das mãos / Porém a outra, vê, logo te mostra / Que só podes guardar / Migalhas de lembranças.»

Eça visto por Medina

Constitui um trabalho fascinante (segundo o *Morais:* que seduz, cativa, atrai irresistivelmente) a «Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz», de João Medina, em publicação na revista *Vértice* — n.os 324 e 325. À extensa informação alia o autor uma extraordinária agilidade intelectual; aquela e esta fazem da «Breve resenha» um estudo cuja leitura vivamente aconselhamos. É toda a Geração de 70 que passa, re-animada, pelas páginas de Medina. E não só ela: também uma época, também o(s) ideário(s) dessa época — complexa preparação agitando-se na lamela do ensaísta.

Aliás, o último número da *Vértice* confirma, todo ele, que o mensário de Coimbra atravessa uma fase palpável de renovação

Pronto para ler

SZENT-GYÖRGYI, Albert — Uma velha sociedade nas vascas da agonia (serão os homens seres normais ou, pergunta o autor, símios enlouquecidos e à solta?), uma sociedade nova a fazer urgentemente. Este é o tema de *O macaco louco*, de Szent-Györgyi, que a Europa-América acaba de lançar Quem quer saber as linhas com que se cose?

PÍLULA — Terceira novidade D Quixote (n.º 33 dos Cadernos): *A pílula é um perigo?* Respondem, entre outros, Robert Kistner, Josette Alia, Paul Vaughan e Norbert Bensaid

HOMEM & MULHER — Dois títulos na colecção Biblioteca do Homem e da Mulher (Europa-América): *Qual é o seu quociente psicossexual?* e *A adolescente quer saber...*, ambos do dr. Lionel Gendron

A ASSEMBLEIA — Actualidade Portuguesa, a mais nova colecção de Moraes Editores, cresce Agora com *Órgãos da Soberania: a Assembleia Nacional*, de A. Carlos Lima

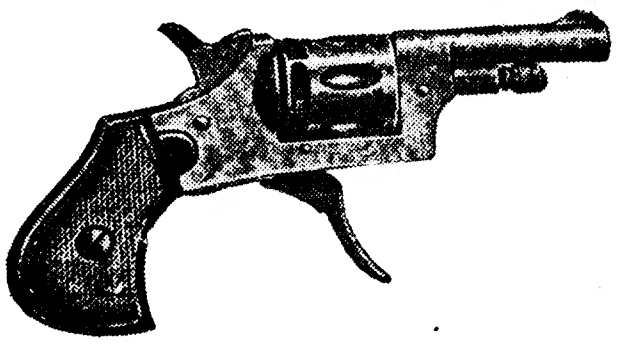
VICTOR, Paul-Émil — Minucioso conhecedor das terras dos grandes gelos, discípulo de Charcot, cientista e cronista (delicioso) na mesma figura de francês trota-mundos, Paul-Émil Victor escreveu também para a juventude. Falamos de *Sobre a pista branca*, que a Europa-América lançou há dias em versão portuguesa (Entre parênteses: quem acaso quiser conhecer poesia esquimó recorrerá obrigatòriamente ao mesmo Victor. O que explica muita coisa bela neste livro.)

CASTRO, Armando — Autor de um «best-seller» recente *(O que é a inflação?.* Edições 70), Armando Castro aumenta a sua bibliografia com *A Revolução Industrial em Portugal no século XIX*, uma das novidades D. Quixote da semana. Imprescindível numa biblioteca portuguesa que se preze.

Armando Castro

A primeira novela policial portuguesa

Eça: mesmo na novela policial, um escritor adiantado á sua época



Cont. da pág. 1

correr a meios ocultos ou desviados para realizar os seus designios. Se pertencessem à categoria dos «fortes», não necessitariam de ocultar-se para satisfazer os seus ódios, ou os seus desejos de vingança, e como resultado desapareceria o mistério da novela policial.

Entre as duas classes de «fortes» e «fracos», situa-se em posição ambígua o herói da novela policial — o investigador ou detective. Raramente o investigador é um verdadeiro policia, ou então é um policia atípico que não utiliza nenhum dos métodos habituais da policia.

O detective não suja as mãos para realizar o trabalho policial. A sua grande arma é o raciocínio de tipo crítico, que não se preocupa tanto com a observação dos factos como com determinados processos lógicos e dedutivos que lhe permitem atingir a verdade onde outros falharam. Ele é um raciocinador, um decifrador de todos os enigmas, mais que um homem de bom senso e esperiência. O investigador como temperamento é aristocrático e indolente. Está em geral em margem da sociedade, troça de todos, as autoridades desconfiam dele, os poderosos só os chamam em casos desesperados.

No entanto este herói tem uma duplicidade, pois embora seja um individuo marginal, um inconformista, apesar de não ter um respeito excessivo pelas leis (os seus métodos parecem muitas vezes criminais), acaba por defender a lei e os poderosos. No final o seu beneficio é duplo. Ataca e desafia os «fortes», mesmo a própria policia, mas ao descobrir o criminoso consegue conquistar o respeito e gratidão das autoridades, sem ter sacrificado em nada o seu individualismo.

Por que motivo serão as novelas policiais, para tantos, objecto de um interesse obsessivo, a- da sua relativa monotonia? A chave deste enigma psicológico foi descoberta por Freud que a comunicou a Marie Bonaparte quando esta escrevia a biografia psicanalítica de Edgar Poe. A sugestão que Freud deu a Marie Bonaparte foi a seguinte: o interesse da novela policial vem de que ela continua a investigação sexual infantil, de um modo desviado. O mistério da novela policial é equivalente aos mistérios sexuais que tanto estimulam a curiosidade infantil. O investigador da novela, ao seguir os detalhes do crime nebuloso, está a fazer o mesmo que a criança faz ao procurar penetrar o segredo da vida intima dos adultos. Esta vida intima é considerada pela criança violenta ou pecaminosa. A criança procura descobrir o significado de certas conversas de adultos, de cenas entre «grandes» que presenciou ou adivinhou com o mesmo interesse que o detective utiliza para desvendar o crime a partir de indícios vagos. A sua ignorância dos factos da vida é simultâneamente contestada, com hipervalorização das reconstruções intelectuais ou imaginativas.

Estas ideias, que podem parecer à primeira vista rebuscadas, merecem a nossa atenção, pois se ajustam bastante bem à estrutura geral da novela policial. O romance policial está muito perto das fantasias psicológicas infantis referentes à família humana. As duas categorias de personagens da novelística policial, os «bons» e os «maus», são sobreponiveis à representação boa e má dos pais que toda a criança tem no seu espírito. Os pais que dão protecção, que põem a sua força ao serviço dos filhos são amados; os pais falhos de vigor ou que dão aos seus esforços um sentido mais egoista, são detestados e votados aos maiores castigos. Os impulsos selvagens ou sangrentos que são descritos na novela policial, são os impulsos originais que animam o inconsciente das crianças quando frustradas pelos adultos, sendo nelas, nesse momento, o amor substituido pelo ódio.

O investigador ou detective novelesco continua os esforços da criança para triunfar de pais poderosos ou cruéis, fazendo apelo às forças do espírito, a acções imaginárias. A caraterização do detective como caminha para um desenlace feliz, como vencedor das traiçoeiras oposições, também marca a sua origem infantil.

Os eruditos asseguram-nos que existem embriões de enredos policiais na Bíblia, em Homero, em Voltaire, etc. De todos os modelos mais remotos, o que mais me parece prefigurar as caracteristicas do detective é o Édipo de Sófocles. Édipo também é um decifrador de enigmas. Mas ao contrário do herói da novela policial, Édipo descobre o mistério da sexualidade e a sua própria participação nesse mundo de enigmas. Na tragédia de Édipo (e bastava isto para a afastar muito da novela policial) há evolução da omnipotência imaginativa infantil para uma constatação dolorosa da realidade, própria de um espírito amadurecido.

Entre todos os personagens dos romances policiais há um parentesco seguro. Os «maus» não são muito diferentes dos «bons», finalmente corruptos. O criminoso da ficção policial também se mostra muitas vezes uma parte dissociada, não-reconhecida do detective. Um dos métodos mais utilizados pelo investigador para descobrir o crime, é abandonar a sua própria individualidade e identificar-se ao criminoso. O que não é expresso é que o seu interesse pelo crime deixa adivinhar uma identificação preexistente.

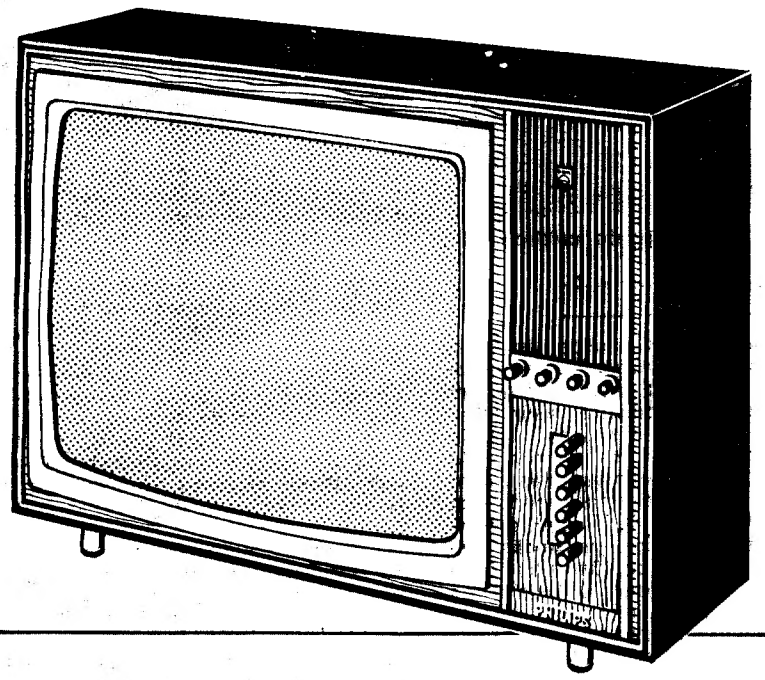
Eça de Queiroz: uma experiência centenária

A dissociação ou divisão artificial de personagens que são afinal bastante próximos ou idênticos é a grande falha do romance policial. O leitor do romance policial não alcança uma verdadeira descarga das suas emoções, porque a dissociação não permite reconhecer os verdadeiros problemas em jogo. Não havendo consciencialização da problemática inconsciente, a leitura de novelas policiais pode tornar-se uma ocupação repetitiva ou obsessiva.

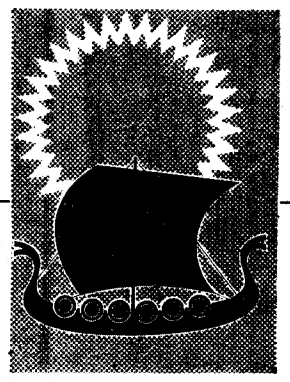
PEDRO LUZES

(Continua no próximo número)

um tele-receptor Philips
e uma semana de
férias grátis na Escandinávia



Dupla vantagem para quem prefere Philips: a certeza de comprar o melhor e a oportunidade de viajar gratuitamente.
Na completíssima gama de tele-receptores Philips, qualquer modelo, portátil ou de mesa, é sinónimo de imagem ampla, luminosa e estável como uma rocha.
Até 30 de Abril, os tele-receptores Philips dão-lhe a oportunidade de ganhar uma viagem à Noruega, Suécia e Dinamarca, para duas pessoas, com todas as despesas pagas.



Decida já a sua compra e participe no
GRANDE CONCURSO PHILIPS
"VIAGEM AO SOL DA MEIA-NOITE"

PHILIPS

10.000 DISCOS GRÁTIS

OFERTA JOVICA

A JOVICA, ao inaugurar as suas secções de Disco, em colaboração com A GRANDE FEIRA DO DISCO, oferece a todos os seus clientes de discos 10.000 completamente Grátis.

JOVICA
LISBOA Largo D. Estefânia, 12-D — Telef 53 45 36
Avenida 5 de Outubro 53-C — Telef 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Vivissecção e o artista como profissional

Cont. da pág. 5

Por outro lado nós sabemos — e até insistimos nesse ponto — que o que interessa é a obra criadora e não o artista criador como indivíduo — que esse é um homem como os outros e de excepcional nada tem. Mas justamente por ser um homem comum é que o artista tem o direito de ter um lugar e um estado na sociedade dos homens comuns. Um lugar em que possa exercer a sua profissão: criar, ou seja produzir o incomum; investigar e forçar as barreiras do que é comummente considerado como possível.

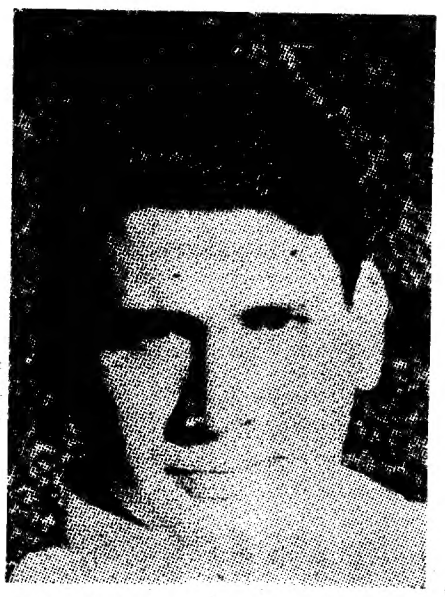
Que a tarefa do artista não é produzir o impossível. Este sistema binário possível/impossível é já demasiadamente simples. Uma vez definido um «reportório» de circunstâncias sociais e culturais, de possibilidades em que todos os homens comuns se movimentam, a função do artista é entender esse reportório e forçá-lo no sentido de o abrir para o futuro, excedendo assim o campo do possível. A posição do artista criador é então contraditória tanto no nível individual como no nível profissional, ou no nível genuinamente criador.

No nível individual, é um homem comum que vive uma experiência incomum, com risco de não poder criar por falta de vivência. No nível profissional não é reconhecido e pago como tal, mas deve produzir o novo e criar objectos cuja necessidade será reconhecida pela sociedade.

No nível espiritual e genuinamente criador, deve forçar o reportório possível do seu tempo, colocando-se fora desse reportório e desse tempo, em pleno campo do provável, negando e renegando o possível do homem comum (que é) em nome do provável, do novo, do futuro (que será) entrando assim, na utopia, na heterodoxia, e tornando-se desenraizado, out-sider, anarquista, herético.

Que hereje é pois todo o artista criador que pesquisa, experimenta e cria, efectivamente, porque só o pode fazer contra quem o poderia talvez reconhecer e pagar.

E. M. DE MELO E CASTRO



Cont. da pág. 5

gonas dos jornais, juntamente com outros como Eduardo Guerra Carneiro, como Carlos Loures? Porque razão não foi incluído nas «Líricas Portuguesas»? Qual a diferença fundamental entre César Pratas e por exemplo Armando da Silva Carvalho, que lá foi incluído e é também premiado da S. P E.? É porque o último é um antipoeta e fez disso a sua lira. Com laivos de originalidade? Só a que lhe advém de ser contra... de se colocar no lado aonde ninguém se coloca. E César Pratas é o poeta neo-realista pelo conteúdo — diz bem António Cabral — que objectivamente, sem sofismas, se bate pela transformação do mundo em que vive. Só por isso se tornou um poeta incómodo. Entre ele e Manuel Alegre há a semelhança de dois poetas pela sua força, dissemelhantes pelo processo de a exprimir. Em César Pratas há o primado do raciocínio. Em M. Alegre há o primado da acção.

Estou perfeitamente de acordo com António Cabral quando fala no perigo de se introduzir um neo-realista a sério no meio de um grupo. Afinal de contas, também como A. C., penso que o futuro, que começou para este e outros poetas no momento do apodrecimento d «grupo 61», acabará por fazer-lhes justiça. E eles sabem-no. Não se está mesmo a ver porquê?

MANUEL SIMÕES FERREIRA

O «Grupo 61», o Neo-Realismo e César Pratas

Poesia & não

Cont. da pág. 2

em nós renova tudo em
nós reclama
casa redonda lábios flor
[florida

Poderemos no entanto lamentar que este trabalho se não tenha alargado um pouco mais. Porque é aí sem duvida que nos será possível encontrar algumas das fragilidades deste livro, aparentemente tão seguro, tão equilibrado, tão arquitecturalmente construído. Vejamos alguns exemplos em que a adjectivação se faz sem a suficiente autonomia:

ilimitada esperança (pág. 15); *acordar diurno* (20); *nuvem escura* (pág. 21); *macios cabelos* (pág. 30); *saudade amarga* (pág. 31); *paz distante* (pág 45); *maré da vida* (pág 46): etc.

Tal como em livros anteriores, sempre que o discurso atinge um nível de exaltação que se vê nitidamente o poeta não conseguir por inteiro controlar, a escrita perde também algumas das suas qualidades e o rigor que tanto a caracteriza, para se deixar cair numa evidente facilidade. Vejamos este exemplo:

penso que amanhã é
[certo: tudo novo!
penso que amanhã ire-
[mos: tudo livre!
penso para amanhã can-
[tar noutro retrato
o sol ressuscitado o
[começar de tudo

Um livro pois com algumas fragilidades — sem duvida. Mas talvez que elas se nos tornem mais evidentes pelo contraste que estabelecem com a fria segurança, a clara harmonia de que se tem revestido sempre o discurso poético de João Rui de Sousa. Essas qualidades mantém-as este livro que nos mostra o poeta em seu trabalho minucioso, procurando o rigor da geometria, o exercício da claridade. Um livro pois que sobre si próprio se volta, se desvenda, se produz. Que, enfim, infatigávelmente se questiona.

N. M.

De «Tunc» a «Nunquam»

Cont. da pág. 8

pela técnica, a necessidade de saber, o desejo de possuir. Aqueles que o habitam, expiam arruinados a sua sem medida, ou libertam-se pelo sangue e pelas lágrimas da sua condição de escravos. Não é por acaso que o robot de Durrel é mulher, mas porque, como ele próprio diz, «os robots machos percorem as ruas sem espantar ninguém. Pelo contrário uma Afrodite-autómato escandaliza na medida em que põe a ridículo a beleza, a graça e o amor».

O editor americano de «Nunquam» expôs, para lançar o livro, um robot em saiote que suscitou a indignação das *Women's Lib* (Frente de Libertação das mulheres).

«*A sua cólera prova que elas nada entenderam — suspira Durrel — Eu estou do lado delas, das que se recusam a tornar-se mulheres-objectos, das que se encontram frustradas, mutiladas por uma civilização absurda, das que pensam que a revolta é agora ou nunca... Ou dizendo de outro modo: «Tunc aut Nunquam».*

GABRIELLE ROLIN
(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

MERCEDES

CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD
REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS

Pessoal especializado nesta marca.
Ferramental apropriado.
Correcções de defeitos e reparações gerais.
Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, ELECTRICISTA, PINTURA e ESTOFADOR.
Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁTICAS
Trabalhos de 1.ª. Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

COTAL — R. de Artilharia Um, 105-A — Tel. 68 31 31
R. dos Lusíadas, 113-A — Tels. 63 10 57/8

SERVIÇO INDEPENDENTE

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIÀRIAMENTE — e para todos os destinos — a sua carga é transportada pela TAP, com rapidez e todo o cuidado. Antecipe-se à concorrência colocando as suas mercadorias em qualquer mercado no próprio dia de embarque. Utilize as novas tarifas reduzidas e o modo de transportar TAP.

em boa companhia

Consulte o seu Agente de Carga

MARSA 70

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO ESQUEMA DA REFORMA EM DISCUSSÃO / 3

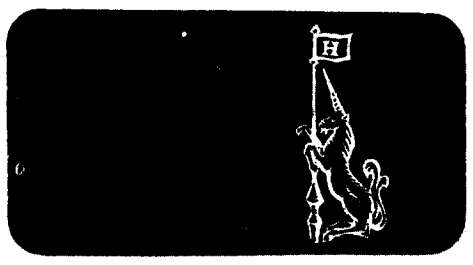
...«PREPARAR professores» e «ter artistas». dizia-se no último artigo, mostrando-se que não era a mesma coisa. Supor que o é tem sido um dos erros fundamentais do ensino das chamadas «Belas-Artes» em Portugal, e não só em Portugal. O «diploma da Escola» tem servido para habilitar um professorado de incríveis disciplinas de desenho no ensino secundário; habilitação apenas oficial ou legal que a prática infirma — a não ser em casos particulares de especial devoção, através de um empinismo simpático, por vezes eficaz, mas evidentemente insignificativo, excepções a uma regra geral de nulidade senão de prejuízo pedagógico.

Para «fazer» pintores ou escultores é claro que o «diploma da Escola» também não serve, e ter cumprido os cinco anos do curso não adianta nada a ninguém. Se no Porto, graças à inteligente acção de Carlos Ramos (e ao ensino aberto de alguns professores), se formou um grupo de artistas notáveis, desde a promoção de Júlio Resende à de José Rodrigues ou à de Zulmiro, isso é fenómeno dum circuito cultural definido com certo e portuense bairrismo, não verificável num meio muito diferente mais (superficialmente) solicitado, como é Lisboa. Aqui, desde 1945, à definição da «terceira geração», são raríssimos os pintores ou escultores válidos que terminaram cursos — quer na promoção de Vespeira, quer na de René Bertholo, quer em mais recentes, e esta consideração artística é sem dúvida significativa.

Impõe-se, portanto, na reforma em estudo, criar *duas situações pedagógicas — para professores e para criadores.* Ambas as vocações podem coexistir, com certeza, mas nestes casos o que sucede é a necessidade do exercício de professorado para ganhar uma vida que a criação livre não sustenta, e então à sobreposição de situações pode e deve corresponder uma sobreposição de cursos ou de preparações.

...E professores — de quê e para quê? *Nenhum efeito a reforma do ensino de artes terá no complexo cultural nacional se não tomar em consideração a necessidade que a arte é, nos vários níveis do ensino geral.* E acrescentemos: *pouco efeito terá a reforma total se não considerar essa necessidade, se mantiver a arte como parente pobre dum ensino de essencial orientação técnica ou literária.*

Parece indispensável a criação, aos três níveis, primário, secundário e superior, de um *ensino integrado de artes visuais* (e outras, de que não sei ocupar-me). Para esse ensino há que criar professores, ao nível do bacharelato e da licenciatura, com um programa de curso adequado — em formação histórica, estética, psicológica, pedagógica e muito essencialmente visual, com aquisição de uma consciência prática e laboratorial dos fenómenos artísticos. A este título, a licenciatura em «Artes Plásticas» dos Franceses, que expus no anterior folhetim, pode servir de piloto, em muitos pormenores. Seria este curso ministrado numa *Escola de Artes Visuais,* como um dos seus cursos ou especializações, em relação, porém, com um *Instituto de Estudos de Arte* onde se professariam certas cadeiras.



Tal *Escola de Artes Visuais,* que integraria tal *Curso de Pedagogia de Artes Visuais,* integraria também (além de outros que não cabe neste artigo tratar) um «curso de pintura e de escultura», de fazer escultores e pintores.

De modo algum um «curso», porém — e aqui reside o fulcro de uma reforma específica do ensino da especialidade, ou, melhor dizendo, do serviço que o Estado deve neste ponto prestar às artes. Ou à Nação que, sem elas, vê diminuída a sua existência sociocultural — ou, se mo permitirem, sociomítica...

Não um «curso» com regulamentos curriculares, anos, cadeiras, disciplinas herdadas dos tenebrosos tempos das «Belas-Artes», e um diploma, ao cabo de tantos e tão enganosos trabalhos. De modo nenhum uma formatura de «pintor» ou de «escultor», em termos dum pesadelo académico, mesmo modernizado pela boa vontade ou boa-fé de alguns professores que procurem bater-se contra a rotina e a estrutura *também ética* de um curso que como curso ou cursos se defina. De qualquer modo não uma situação *imediatamente e necessàriamente contestável* da parte dos seus utentes, mas uma situação que, por lhes convir, por eles seja aceite, aperfeiçoada e (tal será a palavra certa) *assumida.*

A situação que permita esta reacção só pode ser definida em termos de *liberdade criadora* — não, nunca mais, num «curso» mas na utência livre de uma *Oficina de Artes Visuais* equipada para todo o género de trabalhos artísticos no quadro da variadíssima criação actual.

Uma oficina com frequência livre, sem sujeições curriculares, não sancionada por qualquer diploma, servida por uma docência «ad hoc» contratada periòdicamente conforme *escolha e requisição* dos frequentadores. Estão estes, ou alguns deles, poucos ou muitos, interessados numa determinada experiência ou aprendizagem, e contrata-se (na medida do possível — mas quanto mais «possível» melhor para a Nação...) quem possa ajudá-los nessa diligência — aconselhando-os, dirigindo-os, ensinando-os. E nada impede que nessa função se encontrem actuais professores das ESBA. O bom senso duma rentabilidade necessária levaria a estabelecer regulamentos de uso, desde a admissão até aos direitos e aos deveres de cada qual.

A admissão, para evitar as fantasias ou as tolices de amadores prendados, seria condicionada por um diploma de «desenho básico» (ajustado a novas necessidades e com dados actuais) que constituiria um curso vestibular integrado na mesma Escola de Artes Visuais.

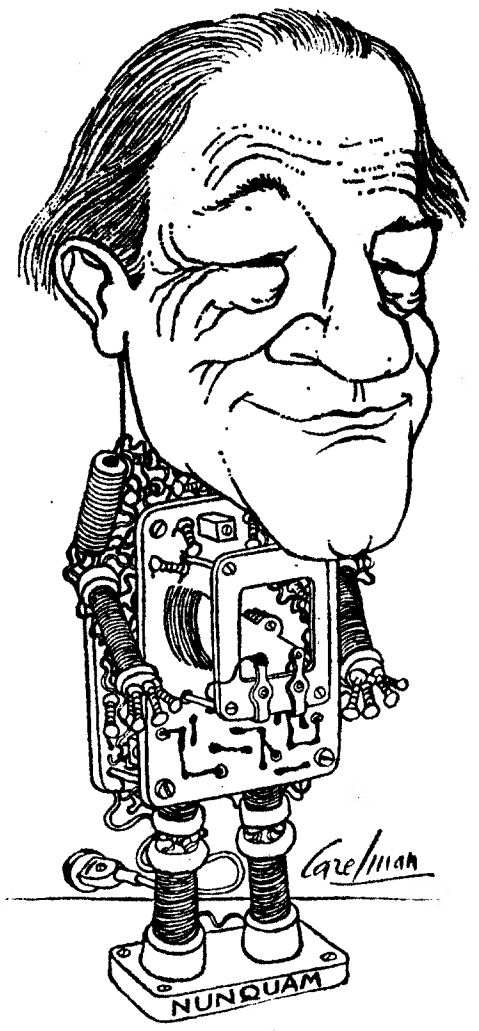
Diploma que, obtido em opção no último ano do ensino secundário, ou em liceus especificamente artísticos, seria aliás obrigatório para estudantes de arquitectura, professores de artes visuais e, até (e não menos importantemente) para os historiadores ou pesquisadores ou professores da especialidade que, formados num *Instituto de Estudos de Artes,* farão objecto do próximo artigo.

O DÍPTICO DE LAWRENCE DURRELL

DE «TUNC» A «NUNQUAM»

LAWRENCE DURRELL ganhou a aposta. Um ano depois de «Tunc» deu-nos «Nunquam» juntando assim o segundo taipal a esse romance *impossível,* no qual, diz ele, «tive a louca audácia de me lançar». E na verdade o desafio era grande.

A obra cresce como uma árvore estedendo simultaneamente ramos e raízes, traço de união entre ontem e amanhã mas também entre Apolo e Dionísios, os prazeres do espírito e os da carne. O próprio título de «Tunc» se encontra explicado em



Durrell (visto por Carelman): ferir o leitor

Tratava-se de pôr o problema da liberdade humana, das relações entre a cultura e a civilização, de responder ás três eternas questões: «Quem somos? Donde viemos? Para onde vamos?».

O primeiro volume apresentava-nos o herói, um inventor, reduzido á escravidão por uma empresa omnipotente, a firma Merlin com cuja herdeira ele tinha casado. Após uma luta exaustiva consegue enfim escapar-se. Mas escapa-se alguma vez a Merlin? O autor deixou-nos sobre este ponto de interrogação, planando até ao fim de «Nunquam». É de lastimar que os dois volumes não tenham aparecido ao mesmo tempo. Porque se no «quatuor» se podia entrar por qualquer porta, o «díptico» fica submetido á ordem cronológica, apesar das interferência das «transposições» como diz Durrel, que percorrem o plano da narrativa. Este proeecdimento subtil evita-nos as rupturas devido aos regressos na ordem da narração, estende o presente em direcção ao passado ilumina os acontecimentos com uma luz interior.

«Nunquam»; o que parecia obscuro ou desconcertante no primeiro torna-se evidente ou necessário, graças ao segundo. Vimos acontecerem coisas de que comprendemos agora os motivos e o alcance. Tinhamos encontrado personagens antes de descobrir a ferida secreta que marcou as suas infancias e que sangra agora, subitamente, reaberta pela memória. Os próprios sentimentos não se limitam nunca ao imediato, mas arrastam atrás de si todo o peso da memória. Assim, «o amor retrospectivo é preciso sofrê-lo como um membro amputado».

«Não procuro sondar o íntimo explica Durrel, mas atravessar várias camadas de aparências, entender a vida nas suas contradições, um pouco á maneira de Stendhal para quem o imprevisto acontece sempre. Atingir o leitor é, antes de mais, surpreendê-lo, feri-lo. Pouco importam os meios desde que sejam eficazes. James Joyces ou James Bond, trocadilhos sábios ou socos no estômago — reivindico a escolha das armas».

MEIO BOBO, MEIO VAMPIRO

Esta alternancia de humor e de violência a que o autor chama «volteios de bobo e de vampiro» aumenta em «Nunquam». Asilo de loucos, sala de jogos, laboratório de pesquisas, vêem desenrolar-se cenas a que Durrel qualifica de boa vontade de «grandes-fantochadas» mas que ele carrega de emoção até á goela. Sob a sua pena, o sangue, a voluptuosidade, a morte, passeiam-se em trajo de gala. A sua presença eclipsa a história (se história aí há), redu-la á função de trajecto, o mais curto caminho de um deslumbramento a outro. O verdadeiro romance cumpre-se nas suas páginas com um sabor á neve ou a acepipe oriental, nos seus parêntesis terríveis contendo a agonia de um homem ou os amores de crianças incestuosas. O resto, discussões teóricas, forças que se querem enormes não nos parecem á altura. Mas Durrel consegue prender-nos sólidamente para que o não abandonemos nas suas «passagens em branco».

Somos arrastados para um abismo de ficção-científica, ao encontro de um robot ideal, sósia da pequena prostituta do primeiro volume. Não contente por possuir o mundo e manipular os seres, a empresa Merlin pretende substituir a vida por um produto sintético. Em duas palavras: competir com Deus. Mas para que o modelo seja em tudo semelhante ao humano é necessário dotá-lo de livre arbítrio, do poder de desobedecer que ele usa para se revoltar contra o seu criador. Moralidade? Durrel defende-se de sugerir alguma. Afirma-nos «não ter feito apelo a este simbolismo transparente senão para ilustrar um momento da nossa decadência». Impregnado de teorias de Spengler («O Declínio do Ocidente» é o seu livro de cabeceira), ele atribuiu-lhe uma dimensão romanesca. O universo que nos descreve disseca-se, corroído

Cont. na pág. 7

Gabrielle Rolin

GOIVOS, LÍRIOS E AIS

Poesias líricas e jocosas de **Ernesto Augusto da Silva Pereira** (ESSEPE)

A venda nas boas livrarias do País